

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

MILCA CERQUEIRA ETINGER SILVA

**O USO DO FUTURO PERIFRÁSTICO COM VERBO *IR* NO PORTUGUÊS
ORAL E ESCRITO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2016

MILCA CERQUEIRA ETINGER SILVA

**O USO DO FUTURO PERIFRÁSTICO COM VERBO *IR* NO PORTUGUÊS
ORAL E ESCRITO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2016

S581u	<p style="text-align: center;">Silva, Milca Cerqueira Etinger</p> <p>O uso do futuro perifrástico com verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista / Milca Cerqueira Etinger Silva; orientador: Jorge Augusto Alves da Silva; coorientadora: Valéria Viana Sousa. – Vitória da Conquista, 2016. 123f.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2016. Referências: f. 119-123.</p> <p>1. Futuro perifrástico. 2. Verbo ir. 3. Gramaticalização. 4. Variação. I. Silva, Jorge Augusto Alves da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 469.5</p>
-------	---

Catalogação na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The use of periphrastic future with the verb to go in oral and written Portuguese in Vitoria da Conquista

Palavras-chave em inglês: Periphrastic future. Verb to go. Grammaticalization. Variation. Multisystemic Theory.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Coorientador-UESB); Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB); Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva (UFS)

Data da defesa: 29 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

MILCA CERQUEIRA ETINGER SILVA

**O USO DO FUTURO PERIFRÁSTICO COM VERBO *IR* NO PORTUGUÊS
ORAL E ESCRITO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

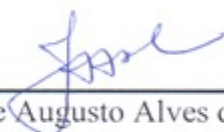
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLING), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística

Data da aprovação: 29 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Valéria Viana Sousa (UESB)
(Orientadora)



Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
(Coorientador)



Profª. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)



Profª. Dra. Leilane Ramos da Silva (UFS)

A Deus, luz da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o princípio de tudo, a essência... a quem agradeço pelo sopro da vida. Ele é minha força, coragem, o meu futuro.

A Daniel, meu esposo, amigo, agradeço, não só por sua cumplicidade e por compartilhar comigo os mesmos sonhos mas por me ajudar na concretização deles, por acreditar em mim até mesmo quando eu não confiava. O seu amor, seu apoio, sua compreensão foram essenciais nesta etapa da minha vida.

Aos meus pais, Jurandy e Eva, verdadeiros anjos, dedicaram a vida por nós (filhas), sem solicitar nada em troca. Sou grata pelo incentivo, pela disposição de ajudar, por sempre me acompanhar nas estradas cheias de curvas, tornando o percurso mais suave.

A minha irmã-amiga, Midiã, e meu filho de coração, Fernandinho, pelas manifestações de carinho, por tornar meus dias mais alegres, com suas afirmações encorajadoras.

A minha filha, Beatriz, agradeço por me proporcionar tantos momentos de emoção e peço perdão pelas ausências.

Aos meus queridos amigos, Gil, Luana e Sivonei, por dividirem comigo as ansiedades, por me ajudarem nos momentos de angústia e pelas palavras de apoio no desenvolvimento da pesquisa.

A minha amiga-irmã, Aline, pelas lições de vida, por ajudar-me a converter minha impaciência em calma.

A minha cunhada, Daniela, obrigada pelos gestos de carinho, por sua mão sempre estendida.

À Helen, minha comadre-amiga, pela presença em todas as circunstâncias. Agradeço por sempre se dispor a ajudar.

À Nirvana, que, desde a graduação, despertou em mim o interesse em investigar a complexidade da língua. Agora, obrigada por disponibilizar seu tempo e pelas contribuições para o aprimoramento da pesquisa.

Ao meu orientador, Jorge Augusto. Não precisaria te conhecer para saber que a sabedoria emana de você. Obrigada pela compreensão, pela disposição em auxiliar-nos, pelas palavras sábias e pelas valiosas contribuições à pesquisa.

À minha coorientadora, Valéria Viana, um modelo de professora, uma mulher de **multifunções**, que aponta, de maneira tão singela, para as **multidireções** que podemos **ir**. Sua

simplicidade, sua segurança no que faz e no que diz desperta em nós o desejo pelo conhecimento. Agradeço pelo incentivo, por nos ajudar e nos conceder seu tempo de forma tão gratuita.

Aos professores da pós-graduação, **Nirvana, Valéria, Jorge Augusto, Cristiane Namiuti, Vera e Jorge Viana**, agradeço por iluminarem os nossos caminhos escusos.

Aos integrantes do **Grupo de Pesquisa Janus**, por compartilhar conhecimentos, por cooperar com nossas conquistas.

A todos que colaboraram com esta pesquisa, muito obrigada!

RESUMO

Neste trabalho, tivemos como objetivo central investigar as variantes para expressão do futuro, com foco nas ocorrências perifrásticas constituídas pelo verbo *ir*. Com esse propósito, traçamos um percurso que compreendeu desde o reconhecimento da origem da estrutura do futuro, por meio do Latim Clássico e Latim Vulgar, à discussão estabelecida pela Tradição Gramatical e por linguistas. Em continuidade a esse trajeto, recorreremos aos estudos sociolinguísticos labovianos, que nos nortearam na análise das variáveis extralinguísticas (sociais), e ao Funcionalismo norte-americano, que nos permitiu compreender as motivações para a mudança do nosso objeto de estudo. Assim tomamos como base Labov (1994), Sousa (2008), Hopper (1991), Neves (1997) e Martelotta (2012). Com um olhar na Teoria Multissistêmica, proposta por Castilho (2004), evidenciamos a possibilidade de multidirecionalidade do fenômeno estudado. Os dados para pesquisa são constituídos de duas modalidades da língua: a escrita e a falada. Em um plano sincrônico, analisamos as duas modalidades: amostras da fala do Português Culto e Português Popular de Vitória da Conquista e textos extraídos de *blogs* do município. No exame diacrônico da língua escrita, optamos pela seleção de jornais das décadas de 50, 60, 70, 80 e 90, do século XX. Nossa hipótese é de que o item linguístico *ir* vem passando por um processo de gramaticalização, em nível morfossintático e semântico, na medida em que passa de verbo pleno (com sentido de deslocamento) a verbo auxiliar (que indica tempo). Em termos gerais, observamos a construção do futuro em direção a uma forma analítica e evidenciamos, nos resultados, a concorrência entre as formas sintética e perifrástica na escrita jornalística e nas entrevistas de falantes do português culto; no português popular, a estrutura sintética de futuro do presente está quase em desuso. Essa pesquisa tem a finalidade de contribuir com os estudos sobre o tempo verbal futuro e propor às instituições escolares uma discussão sobre o uso dos variados tipos de estrutura que desempenham a função de expressar futuramente.

PALAVRAS-CHAVE

Futuro perifrástico. Verbo *ir*. Gramaticalização. Variação. Teoria Multissistêmica.

ABSTRACT

In this study, we aim to investigate the variants that express the future tense, focusing on periphrastic occurrences constituted by the verb to go. For this purpose, we have traced the path from the recognition of the future structure's origin, through the Classical and Vulgar Latin, to the discussion established by Grammatical Tradition and linguists. Continuing this path, we have examined the Labovian sociolinguistic studies, which have guided us in the analysis of extra-linguistic (social) variables and the North American functionalism, what allowed us to understand the motivations for the change of our study object. Therefore, we have based our studies on Labov (1994), Sousa (2008), Hopper (1991), Neves (1997) and Martelotta (2012). By taking into consideration the Multisystemic Theory, proposed by Castilho (2004), we have noted the possibility of the multidirectionality of the studied phenomenon. The data for the research consists of two language forms: written and spoken. In a synchronous level, we have analyzed both forms: speech samples of formal and informal Portuguese spoken in Vitória da Conquista and texts taken from municipal blogs. On the other hand, for the diachronic analysis of the written language, we have chosen a selection of newspapers from the 50's, 60's, 70's, 80's and 90's of the 20th century. Our hypothesis is that the verb to go has been undergoing a process of grammaticalization in both morphosyntactic and semantic levels, which means that it goes from plain verb (meaning displacement) to auxiliary verb (indicating time). Broadly speaking, we have observed the construction of the future tense toward an analytical form and have evidenced in the results a competition between both synthetic and periphrastic forms in journalistic writing and in interviews in which formal Portuguese was spoken. Yet in informal Portuguese, the synthetic structure of the future is barely used. This way, this research aims to contribute to the studies of the future tense and propose to schools a discussion on the usage of various types of structures that perform the function of futurity.

KEYWORDS

Periphrastic future. Verb to go. Grammaticalization. Variation. Multisystemic Theory.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conjugação do verbo <i>educāre</i>	20
Quadro 2 - Conjugação do verbo <i>legĕre</i> no presente do subjuntivo e futuro do presente.....	20
Quadro 3 - Flexão do verbo <i>habere</i> na forma perifrástica	21
Quadro 4 - Formação do futuro	64
Quadro 5 - <i>Corpus</i> Português Popular de Vitória da Conquista.....	68
Quadro 6 - <i>Corpus</i> do Português Culto de Vitória da Conquista	68
Quadro 7 - <i>Corporadiacrônico</i> (Século XX).....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Agordagem multissistêmica apresentada por Castilho (2004) 63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrências totais das variantes perifrásticas e da forma sintética de futuro encontradas nos <i>corpora</i> PCVC e PPVC.....	78
Tabela 2 - Forma perifrástica para o futuro do presente vs Futuro do presente sintético	79
Tabela 3 - Forma perifrástica para o futuro do pretérito vs futuro do pretérito sintético.....	80
Tabela 4 - Paradigma verbal na formação das perífrases para o futuro do presente e futuro do pretérito no PPVC	82
Tabela 5 - Paradigma verbal na formação das perífrases para o futuro do presente e futuro do pretérito no PCVC.....	82
Tabela 6 - Paradigma verbal no futuro do pretérito sintético (PPVC).....	83
Tabela 7 - Pessoa verbal nos <i>corpora</i> PPVC e PCVC	85
Tabela 8 - Animacidade do sujeito nos <i>corpora</i> orais	89
Tabela 9 - Distribuição das quatro variantes por faixa etária do informante do PPVC.....	91
Tabela 10 - Distribuição das quatro variantes por faixa etária do informante do PCVC	91
Tabela 11 - Variável sexo no <i>corpus</i> do PPVC	93
Tabela 12 - Variável sexo no <i>corpus</i> do PCVC	93
Tabela 13 - Nível de escolaridade na variante perifrástica para o futuro	94
Tabela 14 - Resultado das ocorrências sintéticas e analíticas encontradas nos <i>blogs</i>	97
Tabela 15 - Resultado geral detalhado das ocorrências dos <i>blogs</i>	98
Tabela 16 - Paradigma verbal nas amostras perifrásticas dos <i>blogs</i>	99
Tabela 17 - Pessoa verbal nas amostras perifrásticas dos <i>blogs</i>	100
Tabela 18 - Animacidade do sujeito em <i>blogs</i>	103
Tabela 19 - Distribuição das variantes na língua escrita – da década de 1950 a 1990	107
Tabela 20 - Animacidade do sujeito em jornais do século XX.....	113
Tabela 21 - <i>Blogs</i> do século XXI vs Jornais do século XX	114

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 DO LATIM AO PORTUGUÊS: A EXPRESSÃO DO FUTURO PERIFRÁSTICO NA LÍNGUA.....	18
2.1 Abordagem histórica do latim	18
2.2 Do Latim Clássico ao Português Brasileiro Contemporâneo: formação do futuro do presente	19
2.3 Formação do futuro do pretérito.....	23
2.4 Tempo e Modalidade	26
2.4.1 <i>Tempo na linguagem</i>	26
2.4.2 <i>Modalidade</i>	30
2.5 A perífrase com <i>ir</i> na Tradição Gramatical	35
2.6 Um olhar linguístico sobre o fenômeno.....	38
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	42
3.1 Um breve percurso histórico sobre a perspectiva sociolinguística variacionista e seus conceitos sobre variação e mudança	42
3.2 Funcionalismo	45
3.2.1 <i>Gramaticalização</i>	46
3.2.1.1 Alguns estágios da gramaticalização	51
3.3 Teoria Multissistêmica.....	60
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	67
4.1 Modalidade Oral	67
4.1.1 <i>Coleta de dados</i>	67
4.1.2 <i>Entrevista</i>	68
4.2 Modalidade escrita.....	69
4.2.1 <i>Jornais do século XX</i>	69
4.2.2 <i>Contexto histórico dos jornais</i>	71
4.2.3 <i>Blogs do século XXI</i>	71
4.3 Fatores linguísticos.....	72
4.3.1 <i>Paradigma verbal</i>	72
4.3.2 <i>Pessoa verbal</i>	73
4.3.3 <i>Marca de futuridade fora do verbo (advérbio de tempo)</i>	73
4.3.4 <i>Animacidade do sujeito</i>	73

4.3.5 <i>Forma verbal (tense) do ir</i>	74
4.4 Variáveis extralinguísticas	74
4.4.1 <i>Faixa etária</i>	74
4.4.2 <i>Sexo</i>	74
4.4.3 <i>Escolaridade</i>	75
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	76
5.1 Resultados gerais do <i>Corpus PPVC</i> e <i>Corpus PCVC</i>	77
5.1.1 <i>Futuro do presente analítico vs futuro sintético nos corpora PPVC e PCVC</i>	79
5.1.2 <i>Futuro do pretérito analítico vs futuro do pretérito sintético nos corpora PPVC e PCVC</i>	80
5.2 Variáveis Linguísticas nos <i>corpora PPVC</i> e <i>PCVC</i>	81
5.2.1 <i>Paradigma verbal</i>	81
5.2.2 <i>Pessoa verbal</i>	83
5.2.3 <i>Marca de futuridade fora do verbo</i>	86
5.2.4 <i>Animacidade do sujeito</i>	88
5.2.5 <i>Forma verbal (tense) do verbo ir</i>	90
5.3 Variáveis extralinguísticas	90
5.3.1 <i>Faixa etária</i>	90
5.3.2 <i>Sexo</i>	92
5.3.3 <i>Escolaridade</i>	93
5.4 Análise da modalidade escrita	96
5.4.1 <i>Século XXI: Resultado geral dos dados encontrados em Blogs</i>	96
5.4.1 <i>Variáveis Linguísticas</i>	98
5.4.1.1 <i>Paradigma verbal</i>	98
5.4.1.2 <i>Pessoa verbal</i>	99
5.4.1.3 <i>Marca de futuridade fora do verbo</i>	101
5.4.1.4 <i>Animacidade do sujeito</i>	102
5.4.1.5 <i>Forma do verbal (tense) do verbo ir</i>	103
5.5 Análise dos jornais do século XX – dos anos 50 aos anos 90.....	105
5.5.1 <i>Variáveis Linguísticas em jornais do século XX</i>	108
5.5.1.1 <i>Paradigma verbal</i>	108
5.5.1.2 <i>Pessoa verbal</i>	109
5.5.1.3 <i>Marca de futuridade fora do verbo</i>	111
5.5.1.4 <i>Animacidade do sujeito</i>	111

5.5.1.5 Forma verbal (<i>tense</i>) do <i>ir</i>	113
5.6 Comparando as perífrases: <i>blogvs</i> jornais.....	113
6 CONCLUSÃO.....	116
REFERÊNCIAS.....	119

1 INTRODUÇÃO

Assim como o homem está em constante transformação, a língua também acompanha esse processo, não como um organismo vivo que nasce, cresce, reproduz e morre, como dizia Schleicher (1821), mas sim como produto de interação social, que depende, naturalmente, da ação do contexto e dos informantes. É acompanhando essa tendência que o sistema nos mostra suas variações linguísticas. O Português Brasileiro, por exemplo, apresenta, tanto na linguagem escrita como na falada, distintas formas a serviço de uma mesma função ou diferentes funções sendo exercidas por uma única forma. Assim, em face das possibilidades de estruturas para expressar o futuro, questionamo-nos quais são as variantes do Português Brasileiro de Vitória da Conquista e o que motiva, do ponto de vista linguístico (estrutural) e do ponto de vista extralinguístico (social), o falante escolher uma forma ao invés da outra? Para alcançar respostas a essa pergunta, nossas hipóteses são:

- a) Há diferentes formas para expressar futuridade. Essas variações são realizadas pelos falantes com objetivo de se tornarem mais expressivos. Então, em um processo de gramaticalização, o *ir* deixa de ser um verbo pleno, com sentido de deslocamento, e passa a atuar, na língua em uso, também como um auxiliar;
- b) Há uma tendência de que as perífrases sejam realizadas em verbos regulares, na primeira pessoa do discurso e, portanto, com o sujeito com traços [+ humano]; de que os advérbios de tempo não condicionam a seleção da forma analítica de futuro e, por fim, de que a variante formada pelo *ir* no futuro é mais produtiva na modalidade escrita da língua;
- c) Há, do ponto de vista extralinguístico, um favorecimento (i) no que diz respeito ao sexo, os informantes do sexo feminino têm preferência pela forma analítica; (ii) com relação à Faixa Etária, os informantes da Faixa Etária I utilizam mais a forma inovadora do que os das Faixas II e III, o que caracterizaria uma possível mudança em curso; (iii) referente à escolaridade, os informantes com nenhuma ou pouca escolaridade fazem uso das perífrases mais do que os informantes que possuem escolaridade acima de 11 anos.

Para validar nossas hipóteses, temos como objetivo geral investigar dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista da língua, o verbo *ir* na formação do futuro perifrástico. Quanto aos objetivos específicos, esses consistem em descrever e analisar as variantes do futuro com o *ir*; verificar, por meio da análise extralinguística, em que estágio se encontra o processo ou a implementação da mudança da expressão de futuro verbal no

português de Vitória da Conquista. Pretendemos ainda, de forma qualitativa e quantitativa, analisar os contextos linguísticos favoráveis ao emprego das perífrases. Para tanto, utilizamos dados extraídos de dois *corpora*¹ orais, a saber: Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*) do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo. Buscamos, ainda, para esse estudo, amostras da língua escrita, colhidas em jornais do século XX e em dois *blogs* do município.

São encontradas, na Língua Portuguesa, diversas ocorrências que expressam futuridade, conforme elencamos abaixo. Contudo, nesta dissertação, atentamo-nos, apenas para as formas perifrásticas com o *ir*, utilizadas para construção do futuro.

- a) futuro do presente: *Ano que vem, passarei em um concurso público*
- b) futuro do pretérito: *Se eu estudasse, passaria em um concurso*
- c) perífrase com *ir* no presente: *Ano que vem, vou passar em um concurso*
- d) perífrase com *ir* no futuro do presente: *Ano que vem, irei passar em um concurso*
- e) perífrase com *ir* no futuro do pretérito: *Se eu estudasse, iria passar no concurso.*
- f) perífrase com *ir* no pretérito imperfeito: *Se eu estudasse, eu ia passar em um concurso*
- g) presente: *Ano que vem, passo em um concurso*
- h) pretérito imperfeito: *Se eu tivesse feito a prova, eu passava naquele concurso*

A presente dissertação é composta por cinco seções. Na primeira seção, apresentamos os objetivos e as hipóteses do trabalho. Na seção 2, intitulada *Do Latim ao Português: a expressão do futuro perifrástico*, apresentamos, por meio de uma investigação diacrônica, a estruturação do futuro no Latim e suas transformações – como o processo de auxiliarização do verbo *haver* – até chegar à forma sintética do português. Ademais abordamos a noção de tempo e modo. Para essa discussão, contamos, entre outros, com Ilari (2004) e Camara Jr (1956). Além disso, discutimos como os compêndios gramaticais trataram as formas perifrásticas de futuro. Em seguida, apresentamos as percepções de alguns linguistas sobre o fenômeno que escolhemos analisar.

Na seção 3, com o tema *Pressupostos Teóricos*, tratamos da Teoria da Sociolinguística e da Teoria Funcionalista; nesta apresentamos o paradigma da gramaticalização e o princípio da unidirecionalidade. Com a hipótese de que ao lado da unidirecionalidade possa haver uma

¹ Registrado e aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 324221214 9 0000 0055.

multidirecionalidade, abordamos ainda a Teoria Multissistêmica, proposta por Castilho (2004).

Na seção 4, em *Procedimentos metodológicos* apresentamos os *corpora* da nossa pesquisa. Informamos, brevemente, as modalidades escolhidas: oral (PPVC e PCVC) e escrita (jornais e *blogs*). Tratamos, também, nessa seção, da motivação pela escolha do suporte *blogs*; da coleta dos dados orais, da entrevista e do contexto histórico dos jornais. Por fim, apontamos para o envelope das variáveis linguísticas (i) paradigma verbal, (ii) pessoa verbal, (iii) marca de futuridade fora do verbo, (iv) animacidade do sujeito e (v) forma verbal do *ir*, e das variáveis extralinguísticas (i) sexo, (ii) faixa etária e (iii) escolaridade, selecionadas para a análise.

Na seção 5, nomeada *Análise dos dados*, mostramos os resultados percentuais da pesquisa, referentes aos *corpora* (oral e escrito), e a interpretação dos dados, indicando que há tendências de usos.

Na *Conclusão*, retomamos, sucintamente, os assuntos discutidos nesta dissertação e enumeramos os resultados gerais da pesquisa realizada. Mencionamos também questões que, possivelmente, serão desenvolvidas em trabalhos posteriores, como a categoria verbal modo na expressão do futuro.

Com os resultados expostos, tencionamos não apenas contribuir com os estudos linguísticos do português brasileiro, mas também cooperar com a questão do ensino da língua portuguesa, buscando uma abordagem reflexiva do tempo verbal futuro.

2 DO LATIM AO PORTUGUÊS: A EXPRESSÃO DO FUTURO PERIFRÁSTICO NA LÍNGUA

Nesta seção, traçamos um breve percurso histórico do Latim, com base em Nunes (2003), Ilari (2004), Camara Jr (1956) e Coutinho (2004), com objetivos de investigar a formação do futuro e compreender a influência da Gramática Latina sobre a Tradição Gramatical. Seguiremos apresentando as impressões de alguns gramáticos, como Rocha Lima (2003), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), sobre o tempo verbal futuro. Por fim, descrevemos os estudos de alguns linguistas sobre o fenômeno, como Martelotta(2003), Oliveira (2006), Perini (2010), Fonseca (2010) e Castilho (2004).

2.1 Abordagem histórica do latim

Sabemos que as línguas românicas ou neolatinas, entre elas o português, originaram-se de uma variedade do Latim Vulgar. Por isso, entendemos que, para uma compreensão melhor do desenvolvimento das formas de futuro encontradas, atualmente, no Português Brasileiro, faz-se necessário retornarmos ao latim.

“A princípio, o que existia era simplesmente o *latim*”, afirma Coutinho (2004, p.31) e, com a estilização desse idioma, foi possível o surgimento de uma língua literária, própria de escolas e academias, diferenciada da popular, que correspondia à linguagem do povo, considerado inculto.

Ainda segundo Coutinho (2004), o Latim Clássico era uma língua artificial, rígida, que se caracterizava pela elegância do estilo, pela correção gramatical, dominada pela classe culta, pelos gramáticos e não refletia as manifestações mutáveis do povo. Assim posto, escritores de obras literárias se empenhavam em evitar o emprego de expressões da plebe. Já o Latim Vulgar correspondia à língua das classes inferiores da sociedade romana, das pessoas incultas que não tinham preocupações artísticas ou literárias. Encontram-se registros do Latim Vulgar em obras de autores da decadência romana, como os cristãos, que escreviam com simplicidade, sem preocupação com normas da gramática.

O vocábulo do Latim Vulgar, assim, caracterizava-se, diferentemente do Latim Clássico, pela tendência às palavras compostas, expressões perifrásticas e palavras proparoxítonas. Ainda assim, Latim Vulgar e Latim Clássico não eram considerados como “[...] duas línguas diferentes, senão duas modalidades de uma mesma língua” (CARVALHO; NASCIMENTO, 1961, p. 14). Com relação à difusão da língua latina, podemos assegurar

que o Latim Vulgar somente se expandiu após a ruína do Império Romano, com consequência de fechamento de escolas e o desaparecimento da aristocracia, que cultivavam as boas letras.

Em face desses fatos históricos, percebemos que sempre houve uma preocupação em padronizar a língua e estabelecer, na própria linguagem, uma distinção entre classes, de tal forma que parte de um pequeno grupo de indivíduos assume um estilo linguístico distinto dos falares populares. A inclinação pelas perífrases, tanto no Latim Vulgar quanto no português popular brasileiro atual, como veremos mais adiante, permite-nos inferir que, a rigor, se por um lado, na linguagem popular, há uma escolha pela estrutura analítica do futuro, na linguagem culta, tem-se uma preferência pela forma sintética.

Atentos a tais tendências, a seguir, apresentamos a evolução das formas de futuro desde o Latim até as línguas românicas.

2.2 Do Latim Clássico ao Português Brasileiro Contemporâneo: formação do futuro do presente

A forma do futuro do presente, do Português Brasileiro atual, não corresponde à do Latim. Para se chegar a essa forma atual, encontrada em compêndios gramaticais, o futuro do presente teve como ponto de partida o conflito entre a forma sintética do Latim Clássico em *-bo/bi* ou em *-am* e a analítica do Latim Vulgar, constituída pelo infinitivo do verbo principal e o indicativo do verbo *habere* (NUNES, 2003).

Segundo Camara Jr. (1979), na língua coloquial, o Latim possuía, de um lado, além da tripartição do tempo em presente, pretérito e futuro, um sistema bipartido de pretérito (perfeito e imperfeito); e, de outro, um presente que abarcava o futuro, como em: *acho que ele vem* (verbo no presente com valor de futuridade), em vez de *acho que ele virá* (forma do futuro do presente).

No Latim Clássico, segundo abordagem realizada por Nunes (2003, p.36), existiam quatro conjugações. Contudo, a distinção entre elas residia em elementos que, paulatinamente, foram sendo confundidos na língua popular. A clássica distinção entre as quatro conjugações em *-āre*, *-ēre*, *-ĕre*, *-īrenō* mais era respeitada na fala do povo que, após o enfraquecimento do acento de quantidade, passou a confundir os verbos das segundas e terceiras declinações. Além disso, verbos da segunda conjugação passaram para terceira ou para primeira. E as diferenças entre a primeira e a terceira declinações foram sendo enfraquecidas em função da queda do acento quantitativo do Latim Clássico.

Segundo Coutinho (2004), a criação de novas formas verbais no Latim Vulgar ocorreu em virtude dessas perdas. E um dos fatores que propiciaram o desaparecimento do futuro em *-bo/bi*, por exemplo, na primeira e segunda conjugação, aconteceu em virtude da semelhança de algumas formas com o pretérito do indicativo. Como é exemplificado por Nunes (2003, p. 38) por meio da conjugação do verbo *educāre* (educar). Vejamos o Quadro 1.

Quadro 1 - Conjugação do verbo *educāre*

PRETÉRITO PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE
<i>Educavi</i>	<i>Educabo</i>
<i>Educavisti</i>	<i>Educabis</i>
<i>Educavit</i>	<i>Educabit</i>
<i>Educavimus</i>	<i>Educabimus</i>
<i>Educavistis</i>	<i>Educabitis</i>
<i>Educaverunt</i>	<i>Educabunt</i>

Fonte: NUNES (2003, p.38)

Certamente, a semelhança fonética entre as formas como *Educavit*, *Educabit*, *Educavimus* *Educabimus*, ocasionada pelos fonemas /b/ e /v/, por vezes, causava dúvida nos falantes, incitando-os a, possivelmente, buscarem outras formas. Isso proporcionou o uso da forma perifrástica para o futuro, formada pelo infinitivo do verbo + o presente do indicativo de *habere*.

Muitos verbos do futuro, da terceira e quarta conjugações, possuíam algumas semelhanças fonética e morfológica com os verbos do presente do subjuntivo e do presente do indicativo, como apontado por Nunes (2003), no quadro a seguir:

Quadro 2 - Conjugação do verbo *legĕre* no presente do subjuntivo e futuro do presente

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	FUTURO DO PRESENTE
<i>Legam</i>	<i>Legam</i>
<i>Legas</i>	<i>Leges</i>
<i>Legat</i>	<i>Leget</i>
<i>Legamus</i>	<i>Legemus</i>
<i>Legatis</i>	<i>Legetis</i>
<i>Legant</i>	<i>Legent</i>

Fonte: NUNES (2003, p.38)

Notamos que o verbo *legere* (ler), na primeira pessoa, apresenta duas formas idênticas, fato que, certamente, induziu os falantes a frequentes trocas na utilização, configurando variações de uso.

Assim, em meio, do ponto de vista linguístico, à ambiguidade na língua e, do ponto de vista extralinguístico (social), à decadência do Império Romano, foi se expandindo o uso da perífrase verbal, constituída pelo infinitivo do verbo + indicativo do verbo *habere*. No modelo a seguir, está demonstrada a flexão do verbo *habere* na forma perifrástica.

Quadro 3 - Flexão do verbo *habere* na forma perifrástica

PERÍFRASE VERBAL
<i>Studere habeo</i>
<i>Studere habes</i>
<i>Studere habet</i>
<i>Studere habemus</i>
<i>Studere habetis</i>
<i>Studere habent</i>

Fonte: NUNES (2003, p.40)

Dessa forma, como era de se esperar, o futuro sintético do Latim Clássico foi suplantado pelas perífrases formadas do infinitivo com o presente do indicativo de *habeo*, *debeo* e *volo*. Nesse novo rearranjo linguístico, as formações perifrásticas passavam a expressar compromisso, obrigação. Vejamos o exemplo dado por Castilho (2012, p. 403):

- a) Estrutura latina que remetia a uma posse: *Scribere litteram scriptam* (Eu tenho uma carta para escrever)
- b) Latim culto: *Litteram scribam*
- c) Latim Vulgar: *Littera(m) scribere habeo/ Littera(m) scribere habeba(m)*
- d) Português: Escreverei uma carta

Tais construções, com a rotinização do uso, passaram a adquirir valor temporal. Nas palavras de Ilari (2004, p.100), essas “perífrases, em que o auxiliar aparecia em segundo lugar e variava em pessoa e número, acabaram aos poucos sendo interpretadas como ‘tempo’”. Contudo, as perífrases, ainda, carregavam nuances modais, como dubidativo, volitivo, desiderativo, hipotético. Segundo Camara Jr. (1956), a forma do futuro perifrástico com um auxiliar no presente foi motivada pela necessidade do falante de introduzir ideias modais de desejo, vontade, obrigação etc.

A respeito da colocação do infinitivo na construção perifrástica, como em *Littera(m) scribere habeo*, Coutinho (2004, p. 276) afirma que, a princípio, havia uma liberdade na posição, que poderia vir antes ou depois de *habeo*. Assim, afirma que “No último período do Latim Vulgar, ou talvez na primeira fase do romance, passou ele regularmente ao primeiro lugar da construção”.

Perguntamo-nos, então, por que o auxiliar como *habere* se colocava depois de um verbo no infinitivo? A resposta a essa pergunta é dada por Castilho (2012), que afirma que, representado por um V o núcleo de uma estrutura qualquer, e por X uma variável dessa estrutura, é possível reconhecer em *Litteram scribam* a ordem [X-V] ou [V-O] em outra representação *scribere litteram* (escrever uma carta). Isso significa dizer que, se o núcleo da sentença é um verbo pleno, depois dele virá um verbo auxiliar, como em *Littera(m) scribere habeo*. Dessa forma, “[...]Evita-se assim a quebra de adjacência entre o verbo pleno e seu argumento X; [*scribere litteram*] *habeo*]]. Nessa tipologia, analogamente, se o núcleo do sintagma nominal é um substantivo, o adjetivo virá depois, na estrutura [substantivo-adjetivo], e assim por diante”. Isso explica a sequência [V-X]. (CASTILHO, 2012, p. 404),

Silva (1997, p. 77), corroborando com a discussão, expõe que “a colocação do auxiliar deve atuar como um fator determinante da aglutinação, ou seja, um SV com auxiliar preposicionado resulta em SV analítico e um SV com auxiliar posposicionado resulta em V sintético”. O que pode ser esquematizado assim:

aux + verbo = SV analítico (*cantare habeo*)

verbo + aux. = V sintético (*cantarei*)

Segundo a autora, há, ainda, uma correlação entre as dimensões semânticas e as morfossintáticas na evolução do futuro. Assim as formas sintéticas, preferidas, geralmente, pelos falantes cultos, a rigor, expressam temporalidade e as analíticas, por sua vez, selecionadas pelos informantes populares, tendem, por sua vez, a exprimirem modalidade.

Para Fleischmann (1982, *apud* Fonseca, 2010, p. 25), a expansão das formas analíticas de futuro estaria relacionada com modificação da ordem das palavras que ocorreu no Latim. Essa mudança da ordem básica de palavras de SOV para SVO explica a perda do sistema morfológico de casos e o surgimento de construção com verbos auxiliares.

Posto isso, podemos concordar que, ao longo da história das línguas naturais, diversos estudos têm apresentado a variação das formas verbais indicativas de futuro. Essa variação, provavelmente, iniciou-se a partir das semelhanças fonéticas entre verbos de conjugações

diferentes e da necessidade do falante em expressar algumas noções modais no uso efetivo da língua.

Em suma, nessa seção, vimos que a forma sintética do Português Brasileiro originou-se a partir da aglutinação do auxiliar *habere* a um verbo no infinitivo. Dessa constituição, resultou a forma sintética do futuro do presente. Atualmente, encontramos também formas perifrásticas expressando futuridade, como *ir* (no presente) + verbo no infinitivo. Não devemos considerar que, no Latim, durante um determinado período só existia a estrutura sintética e, em outro, a analítica, visto que, como mencionamos anteriormente, existiam duas modalidades de língua. As duas formas, possivelmente, conviveram durante um longo período, até que um tipo de estrutura suplantou a outra. Não podemos admitir, contudo, apesar das tendências, que o informante culto ou o popular use apenas uma mesma modalidade em todas as ocasiões.

Identificar a tipicidade da estrutura do futuro em diversos períodos é importante para tentarmos apontar quais elementos desencadearam a mudança e a variação recorrente no período atual. Por esse motivo, nas subseções seguintes, trataremos das formações do futuro do pretérito e futuro do presente.

2.3 Formação do futuro do pretérito

De acordo com Câmara Jr. (1956), o futuro do pretérito somente ocorreu rigorosamente em sânscrito e, assim, com limitação. Ao contrário do futuro do presente, o futuro do pretérito não se tornou abundante na literatura pós-védica, teve, assim, seu emprego limitado pelos falantes, porque o seu uso dependia de uma circunstância especial. Vejamos o que Camara Jr. (1956) nos diz:

[...] êsse caráter de tempo anterior se complica pela circunstância de que a forma em apreço já é necessariamente um tempo relativo, pois é um futuro em relação um momento (pretérito) distinto do atual que se fala. Dá-se então o acréscimo da anterioridade em relação a outro momento pretérito, que torna o futuro do pretérito composto uma forma paralela do pretérito imperfeito composto, ou pretérito imperfeito anterior” – [...] *tinha (ama)do – teria(ama)do*. (CAMARA JR. 1956, p.89)

A razão da ausência dessa forma verbal decorre do fato de que a visualização de um momento futuro em relação ao passado só se impõe em casos bem peculiares da expressão linguística. É mais comum referir-se ao passado em relação ao presente. De acordo com Camara Jr. (1956, p. 44), foi “a necessidade de introduzir ideias modais, como de desejo,

obrigação, que criou uma categoria de futuro dentro de um presente abarcando o porvir; foi ela ainda que fixou um futuro no âmbito do pretérito”.

O Latim Vulgar não propiciava o uso do futuro, já que predominava, dessa forma, o uso do presente com valor de futuro. A combinação do infinitivo imperfeito com o presente do verbo *habere* indicava a vontade que uma ocorrência se desse. Um falante que, no momento atual, declarasse que tinha o propósito de fazer algo, por exemplo, querer cantar, poderia reportar-se a um momento pretérito. Dessa forma, surgiu, no Latim Vulgar, o futuro modal, que, numa elaboração categórica mais refinada, conduziu as línguas românicas a um novo futuro temporal. Camara Jr. (1956, p.45) assinala que, em função de tal peculiaridade, o que era futuro do ponto de vista de um momento passado resultou em três casos diferentes: 1) o que realmente ocorreu, como em: “Êle disse que viria (e cumpriu a promessa)”; 2) o que está para acontecer, como em: “Êle disse que viria (amanhã)”; 3) uma previsão que não aconteceu, como em: “Êle disse que viria (e não apareceu)”. O primeiro exemplo é o único que ilustra um futuro do pretérito com valor temporal, uma vez que faz referência a um passado (com eventos sucessivos) em função do primeiro. Assim, temos uma ação com valor [+ passado] relacionada a uma ação com valor [- passado]. No segundo caso, há possibilidade de utilizar o futuro do presente, uma vez que nos colocamos do ponto de vista atual. O terceiro “nos leva a expressão do irreal, que se acha implícito num futuro do pretérito” (CÂMARA JR.,1956, p. 45); há, dessa forma, uma possibilidade que, embora pudesse ser realizada, não foi concretizada.

Whitney (1879 *apud* Camara Jr., 1956) declara que do tema do futuro, com sufixo -*syá*- fez-se um pretérito, prefixando o aumento -*a* e acrescentando as desinências secundárias. Assim, da raiz *da* (dar) tem-se o futuro *dasyáti* (dará) e o condicional *adasyát* (daria).

Entre as formas perifrásticas de futuro, consolidou-se, no Latim Vulgar, a que se construía com *habeo*. De acordo com Câmara Jr. (1979, p.130), para formação do futuro do pretérito, houve a aglutinação dos dois vocábulos (verbo no infinitivo + *habere*), com uma redução fonética das formas de *habere*. “O ponto de partida foi o esvaziamento da consoante /b/ intervocálica; as vogais, assim postas em contato, se assimilaram, diatongaram e contraíram: *a (b)eo* > *aio*, etc.; *a (b) e (b) a* > *ae* > *ia*, etc.”². Semelhante à formação com o auxiliar presente, essa gramaticalização resultou no futuro do pretérito com valor temporal.

Castilho (2012) afirma que o futuro do presente e do pretérito do português derivaram da construção latina de infinitivo + *habere*. Nas palavras do linguista, “Posposto a um verbo

²“O grupo vocálico /ea/ passou a /ia/ por causa do hiato; cf. *uía*>port. *via*, *mea*>port. arc. *mia*” (CAMARA, 1979, p. 130).

pleno no infinitivo, como em *amare habeo*, esse verbo começa seu processo de auxiliarização, perde o sentido de possessivo, e passa a indicar obrigatoriedade (tenho de amar)” (CASTILHO, 2012, p. 404). *Amare habeo* sofreu redução fonológica e se aglutinou ao verbo principal. Surgiu, pois, o futuro sintético, que pode ser assim esboçado: *amarábeo* >*amáraveo*>*amarayo*>*amaray*>*amarei*.

Segundo Coutinho (2004), no Latim Clássico, o valor de futuro do pretérito era aferido pelo pretérito imperfeito do subjuntivo na apódose de uma formação condicional. Já no Latim Vulgar, as perífrases verbais eram formadas pelo infinitivo de um verbo principal com o imperfeito do indicativo de *habere*.

Apresentando uma perspectiva diferenciada a dos autores que descrevem a origem do futuro do pretérito, na forma sintética, Oliveira (2003/2004) explica a formação do futuro do pretérito, conhecido como condicional, mostrando que sua origem se dá a partir de *iva* – segunda forma do imperfeito do indicativo vulgar *ire*. Segundo a autora, tanto para o futuro simples como para o futuro do pretérito (condicional), houve um processo de gramaticalização envolvendo auxiliares diferentes: *haver* para o futuro simples (amar +hei) e *ir* para o condicional (amar + ia). O verbo *ir* é, nesse sentido, um auxiliar da perífrase original do futuro do pretérito. As formas *amarei* ou *amaria* são resultados de uma reanálise das perífrases verbais. No entanto, o auxiliar usado para formar o futuro condicional não é o mesmo. Esta hipótese, no entanto, não elimina a formação do futuro do pretérito com o verbo *habere*. Segundo ela, é provável que o *ir* para codificar a ideia do futuro condicional tenha competido com o verbo *haver*. Será em concordância com a hipótese apresentada por Oliveira (2003/2004) que discutiremos, mais adiante, sobre o princípio da unidirecionalidade.

Interessante notar que, no Português Brasileiro Contemporâneo, o *ir* é utilizado na formação do futuro do pretérito e do futuro do presente. Hordiernamente, podemos constatar que tal verbo, usado na perífrase para se referir ao futuro do pretérito, é conjugado no pretérito imperfeito (ia sair), adverso da composição perifrástica para exprimir o futuro do presente (vou sair).

Devido às considerações aqui realizadas, por meio de Camara Jr (1956) e Ilari (2004), sobre a relação entre tempo e modo na expressão do futuro, apresentamos, brevemente, na próxima subseção, alguns conceitos sobre essas categorias.

2.4 Tempo e Modalidade

Nesta seção, apesar de reconhecermos que as noções de tempo, modo e aspecto são inerentes à categoria verbal, enfocaremos, por uma questão metodológica, apenas as noções de tempo e modo. Além disso, a nossa opção é reforçada, em conformidade com Castilho (2002), por acreditarmos que as perífrases de *ir+infinitivo*, aparentemente, bloqueiam a manifestação do aspecto.

Entendendo, como já vimos anteriormente, que o valor temporal de futuro não é somente marcado pelos morfemas e que a modalidade, por vezes, pode estar imbuída na expressão de futuridade, é importante registrar algumas noções de tempo e de modo. Esses conceitos que serão expostos logo a seguir servirão de base para estudos posteriores.

2.4.1 Tempo na linguagem

A noção sobre tempo é bastante complexa. As reflexões sobre esse fenômeno, iniciadas exaustivamente pelos filósofos, sempre estiveram presentes na preocupação de vários ramos do saber. Filósofos, lógicos, gramáticos e físicos delinearam o tempo, entre outras questões, ora como uma sucessão de pontos, ora como eventos e momentos. O resultado dessas hipóteses é bastante polêmico. A nós, interessa, diante dessas percepções de tempo para esses teóricos, conhecê-las, mesmo que sucintamente, na medida em que elas formam a base da constituição da noção de tempo na linguagem.

Para a Física, o tempo “é uma entidade objetiva, caracterizada pela linearidade, duração infinita e divisibilidade por um número infinito de segmentos de variadas magnitudes”. A hipótese de Newton é a de Tempo Absoluto, para ele, o momento existe fora do evento, mas, apesar de separados, “o momento existe a partir do evento”. Einstein reformula esse conceito e estabelece a Teoria do Tempo Relativo: “o tempo é definido em relação a um observador e não possui um caráter unidirecional irreversível”. Assim, diferentes observadores podem ter distintas percepções de um mesmo intervalo de tempo (SILVA, 1997, p.20).

Hans Reichenbach (1947 *apud* Silva, 1997), por sua vez, utiliza-se da Teoria de Tempo Relativo para tratar do funcionamento de tempo na língua. Para o filósofo, a percepção dos eventos está relacionada a um observador (ponto de referência), e a simultaneidade ou a sucessão dos eventos dependem da sua posição. É por meio dessa teoria

que se chegou à conclusão de que não é possível prescrever uma linearidade de tempo, segmentada em passado, presente e futuro.

A presença do observador em um espaço/tempo, “cuja descrição se dá a partir de sua relação com outros indivíduos, deu origem aos pontos temporais” (SILVA, 1997, p. 28): o momento da fala (MF), o momento do evento (ME) e o momento da referência (MR). Esses momentos não são períodos concretos de tempo, mas um grupo de objetos cuja temporalidade³ é um traço comum, ou seja, se relacionam cronologicamente (Lacey, 1996, *apud* Corôa, 1998). Assim, os pontos significam:

- (i) *Momento da fala* (MF): momento da realização da fala, do anúncio do evento (ação);
- (ii) *Momento do evento* (ME): o momento em que acontece a ação expressa pelo verbo;
- (iii) *Momento da referência/ Ponto de referência* (MR/PR): tempo da referência, trata-se do tempo mais abstrato, mas pode corresponder ao tempo expresso pelos adjuntos.

Nesse sistema, um mesmo evento poderá ser percebido de diferentes maneiras: passado, presente ou futuro. Quando tratamos do futuro, por exemplo, estabelecemos uma relação cronológica (posterioridade) entre esse momento e algum outro momento tomado como ponto de referência. Dessa forma, o futuro é representado simbolicamente pelo esquema MF-ME (o momento da fala precede o momento do evento).

Segundo Corôa (1998, p.11), quando Reichenbach (1948) propôs uma interpretação para os tempos verbais de língua natural, incitou uma nova forma de considerar o tempo e a relação entre as dimensões espaço-temporais e linguagem. Nesse sistema, o acontecimento/ evento pode ser visto ora do ponto de vista passado, ora presente, ora futuro. As teorias linguísticas mais recentes concordam, mesmo que parcialmente, com as propostas de Reichenbach (1947), no que diz respeito à relação entre pontos de localização temporal.

Em Oliveira (2003, p. 130), podemos encontrar referência aos três pontos propostos por Reichenbach (1947). Para ela, “[...] Analisar a forma como o tempo é marcado na língua envolve não só a localização como orientação no eixo do tempo”, mas, também, há que se

³Define-se temporalidade “como efeitos linguísticos de uma relação de simultaneidade ou de sucessividade entre dois objetos - neste caso, eventos – com respeito a um sistema fixo de referência” (CORÔA, 1998, p. 36).

considerar um intervalo de tempo. E, como essa localização temporal é relativa, a pesquisadora aponta três momentos:

- i) *O ponto da fala (F)*: momento da fala
- ii) *O ponto do evento (E)*: tempo do acontecimento descrito
- iii) *O ponto de referência (R)*: ponto intermédio a partir do qual se pode situar o evento (ou estado) descrito

Em (i), o tempo verbal indica que a situação descrita sobrepõe o tempo da fala, mesmo que parcialmente, considerando que os três pontos ocorrem em um mesmo momento, como em *Daniel vive em Vitória da Conquista*. No enunciado (ii), o ponto do evento é anterior ao momento da fala, por exemplo: *Joana viajou*. A viagem de Joana acontece num tempo passado. Dado o exemplo: *Joana tinha viajado quando seu pai chegou*, percebemos que as orações são descritas anteriormente ao momento, mas a viagem de Joana é também anterior à chegada do seu pai. Dessa forma, a oração temporal funciona como tempo de referência (iii).

A ideia de tempo para Tradição Gramatical remete-nos, segundo Silva (1997, p. 22), a uma noção um tanto ingênua: a de que a representação do tempo na linguagem “reflete a linearidade temporal há muito estabelecida em nossa mente: presente, passado e futuro”. Mas essa referência passado, presente e futuro não é universal, pois nem todas as línguas, embora a categoria tempo seja bastante pertinente nas línguas indo-europeias, possuem esses tempos nitidamente marcados. Conforme o estudioso, as línguas como chinês e hebreu bíblico não utilizam marcadores gramaticais para evidenciar o tempo no verbo. Contudo, fazem outras distinções, como aspecto e modo.

Não é o caso do português, mas línguas, como o inglês, diferenciam o tempo verbal (categoria) e o tempo (construto mental). Fleischman (1982, *apud* Fonseca, 2010) trata da distinção entre tempo (*time*), um construto mental, psicológico, e tempo (*tense*), uma categoria gramatical – tempo da sentença. Segundo ela, na gramática tradicional, está apresentada uma ambiguidade entre essas noções, devido à denominação de *tenses* como uma sequência linear de tempo (*time*): passado, presente e futuro. Podemos dizer que *time* é mais abstrato enquanto *tense* mais concreto e equivale à categoria verbal tempo.

Na construção verbal *ir* + infinitivo, está claramente demonstrada a distinção entre *time* e *tense*, uma vez que o verbo pode ser apresentado no presente (*tense*) para expressar *time* de futuridade, como na oração *eu chego amanhã*, na qual temos o uso de uma forma verbal no tempo presente *chego*, expressando um evento que ocorrerá em um momento futuro,

evidenciado pelo advérbio *amanhã*. Podemos com isso afirmar que, na gramática da língua portuguesa, há uma tendência “a considerar a correspondência entre as duas noções de tempo, ou seja, que a seqüência temporal representada pelo tempo verbal [...] reflete as relações temporais reais, o que nem sempre ocorre” (SILVA, 1997, p. 23).

A título de exemplo, como afirma Ilari (1997), “a forma verbal do presente do indicativo remete ora a fatos presentes, ora a fatos futuros ou mesmo passados” (ILARI, 1997, p. 8). Além disso, segundo o linguista, os morfemas linguísticos não são os únicos a estabelecerem relações temporais, dependendo do contexto, as preposições, os advérbios as fazem.

- (i) Joana faz anos hoje
- (ii) Maurício faz anos o mês que vem

Percebemos que, nos enunciados (i) e (ii), o verbo *fazer* tem a mesma representação de tempo presente. Mas, no exemplo (ii), apesar de o verbo não apresentar morfema flexional, o enunciado se refere a um momento posterior no qual esse valor é estabelecido pela presença da locução adverbial. A irrelevância, algumas vezes, do morfema flexional nos permite concluir que a expressão temporal também acontece na presença de outros fatores linguísticos. Apesar dessas variações, a categoria tempo verbal também possui uma relação com a noção de tempo e é materializada no verbo, como: *Daniel chegará*.

No paradigma verbal do Português Brasileiro, as oposições têm marcas morfológicas que se estabelecem na sentença. O tempo verbal morfológico, a rigor, é constituído pelo acréscimo de morfema flexional. Por exemplo, o futuro do presente do português brasileiro: *cantarei* pode ser fragmentado *cant- a -re -i*, em que: */cant-/* é o morfema lexical ou radical; */-a/* é a vogal temática que marca a conjugação verbal; */-re/* é marcador de tempo e modo e o */i/* indica número e pessoa. Nas perífrases, por seu turno, a marcação não acontece mais nos morfemas do verbo principal, mas ocorre no auxiliar: *vou cantar*. A expressão de tempo se dá, contudo, muito além dessas marcas.

Tendo em vista todos esses conceitos citados sucintamente, consideramos que esses autores nos deram grandes contribuições para a noção de tempo na linguagem. Permitiram-nos perceber a complexidade em se definir a percepção de tempo, mas, no mesmo instante, proporcionaram-nos a certeza de que a expressão temporal não se realiza somente no verbo, mas na combinação de diversos fatores linguísticos, na relação sintático-semântica que o verbo mantém com os demais elementos da estrutura frasal.

Assim, ainda que os morfemas flexionais sejam, muitas vezes, responsáveis pela expressão temporal, a ausência deles na língua em uso é preenchida por outros elementos linguísticos que compõem o enunciado.

Devemos refletir sobre a linearidade que a gramática pedagógica propõe: presente, passado, futuro, ao caracterizar a expressão temporal apenas a partir do acréscimo de morfemas a um radical. Além das propriedades específicas do verbo, como os elementos morfológicos e sintáticos, a semântica contribui para realização da temporalidade. É com base nessas abordagens sobre os fatores que atribuem um valor temporal de futuro ao verbo que analisaremos, na seção 5, a marca de futuridade fora do verbo.

Realizada essa breve introdução teórica acerca da categoria verbal tempo, passemos a tratar, na próxima subseção, a categoria verbal modo, uma vez que acreditamos que noções modais podem estar intrínsecas ao valor temporal de futuridade.

2.4.2 Modalidade

Modo e modalidade são termos que designam uma variedade de funções linguísticas. O modo, na visão de Silva (1997), está relacionado com o paradigma verbal, é uma categoria formal da gramática (morfológica). Assim, o que o falante diz pode ser expresso pelo modo verbal. No português, há três tipos de modos, a saber: indicativo, subjuntivo e imperativo. Para Mateus et al. (1983), é por meio deles que a relação modal entre o locutor e o estado de coisas se expressam.

A modalidade tem sido bastante discutida do ponto de vista sintático, semântico e pragmático. Segundo Quirk, (1985, *apud* Neves, 2002, p. 172), da maneira mais genérica, “a modalidade pode ser definida como modo pelo qual significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ela expressa”. Em outras palavras, podemos dizer que é a atitude do falante em relação ao que diz.

Segundo Koch (1986), as primeiras modalidades foram estabelecidas pela Lógica Clássica e eram conhecidas como aléticas ou aristotélicas. Elas revelam a atitude do falante quanto ao valor de verdade ou falsidade das proposições. De acordo com a autora, ao compreender que a linguagem humana é um instrumento de interação, dotada de intencionalidade, faz-se entender que todo e qualquer conteúdo proposicional, veiculado de certa maneira, apresenta determinado grau de modalização.

No que se refere à relação entre tempo verbal futuro e modalidade, Câmara Jr. (1979, p.129) assevera que “a concepção de um futuro, em termos temporais estritos, não é própria, de maneira geral, do uso coloquial de qualquer língua”. O emprego de um tempo futuro provém de uma elaboração intelectual, desvinculada do impulso comunicativo espontâneo. A noção de futuro não está associada apenas a uma ação que acontecerá em um outro momento posterior, mas também está relacionada à dúvida, ao desejo, à imposição de vontade e funciona na categoria modo. Foi a norma da língua escrita e literária que contribuiu para trazer o uso do futuro temporal.

Na percepção de Mateus et al. (1983), o tempo verbal futuro está associado à modalidade de não fatualidade. Por exemplo⁴:

(01) “[...] Conquista é uma cidade que ah... tá crescendo né... então ... é... está ai aberta as possibilidades, eu acho que isso trará problemas também [...]” (HFDS-PCVC)

No enunciado (01) não se pode estabelecer o valor de verdade. Não se sabe, ao certo, se a cidade de Conquista terá problemas com o crescimento.

Entendendo que a modalização possui diferentes opiniões, apresentamos, alguns tipos de modalidade propostos por Koch (1986); Bybee, Pagliuca e Perkins (1991 *apud* Fonseca, 2010) e Ilari e Basso (2008), com objetivo de demonstrar a relação entre valor temporal de futuro e valor modal.

Vejamos separadamente os quatro tipos de modalidades apresentada por Koch (1986):

Modalidade Aléticas: necessidade e possibilidade

É a primeira modalidade descrita pela lógica. “Expressam a atitude do locutor quanto ao valor de verdade de seus enunciados”. Refere-se à existência de verdade ou falsidade de estado das coisas. Nessa modalidade, o evento é compreendido como possível, necessário, essencial (KOCH, 1986, p. 269). Vejamos o exemplo:

(02) Muito, *comê* muito. E não dormir também. Quando eu fico ansiosa, às vezes me dá taquicardia. Aí eu como se... se eu ficá em casa um dia *intêro*, eu engordo. Esses dias que eu passei em Itapetinga, por exemplo, eu fiquei sem *fazê* nada. Muito ansiosa e comendo muito,

⁴Exemplo extraído do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista, constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em SocioFuncionalismo (Grupo Janus).

então *quédizê, acabô* engordando tudo de novo. Academia eu *vôtê* que *corrê* muito pra *voltá* ao *normal*. E o sono me falta às vezes. Às vezes eu passo noites em claro. (ASA – PCVC)

Modalidade Epistêmica: certeza e probabilidade

Essa modalidade diz respeito ao grau de conhecimento ou crença que o locutor tem sobre o estado das coisas. Se está convicto da verdade, tem-se a certeza, mas se há dúvida, tem-se a probabilidade. No enunciado (03), o informante não fornece dúvidas sobre sua situação. Ele está certo que começará a dar aulas em determinada escola.

(03) É... ano passado conversaram lá e disseram que eu *vô ficar* lá mesmo [*it is good*] é bom (FSLB – PCVC)

Modalidades Deônticas: obrigação e permissão

Estão relacionadas à conduta, ao comportamento que se espera do falante diante do estado de coisas. Na enunciação do discurso, o locutor quer suscitar no interlocutor determinado comportamento ou ação. “Como a importância está no fazer, e não naquele que faz, a força dos atos de fala produzidos pelo falante se revela de maneira mais direta.” (SILVA, 1997, p. 69). Essa modalidade própria do modo imperativo. Em (04), o informante relata um história na qual um homem é obrigado a entrar em um riacho.

(04) Lá o patrão do rapaz *falô*: “Você vai [banhá] no corgo. Ele disse: “E é *mui...* eles não *qué* que eu banhe aqui no colo. *Qué* que eu *vô...* *vôpa* casa de seu Hercilo ou *pa* casa de Amorim.” Aí ele: “Não, você vai banhá é aí no corgo.” Mandô, quando ele *entrô* dentro do corgo que ele *atirô* e *matô*. (ELC – PPVC)

Modalidades Volitivas: intenção, opção

Referem-se à vontade, ao desejo e à emotividade do locutor, que fazem com que o evento aconteça (SILVA, 1997, p.69). No trecho (05), o falante relata um acontecimento em que teve vontade de mastigar um fumo.

(05) Eu também *vô mascá*, eu *vô vê* isso *com'ê* que é. Aí eu tinha chupado bem uva debaixo do pé {risos} e eu *tava* [enchendo os pote], aí eu corri lá *pa* perto do curral e falei: “Ôh ININT num fala com mãe que eu *tô vomitano* uva não, senão ela *vai qué* me *batê*. {risos} (ELC – PPVC)

Nas proposições supracitadas, percebemos que a força modal se centraliza nos verbos, mas há outros elementos que podem servir de instrumento para expressar modalidade. Segundo Koch (1986), na estruturação do discurso, os atos ilocucionários de modalização realizam-se por meio de diversas lexicalizações oferecidas pela língua. A autora cita eles:

- 1) auxiliares modais, como poder, dever, ter de, haver de, querer etc;
- 2) formas verbais perifrásticas, formadas dos auxiliares modais seguidos de infinitivo;
- 3) predicados cristalizados do tipo é certo, é necessário, é possível etc [...];
- 4) orações ou proposições modalizadoras, como eu sei que, eu acredito que, não há dúvida de que, tenho certeza de que;
- 5) performativos explícitos, indicadores do tipo de ato ilocucionário, como eu prometo, eu juro, eu ordeno, eu solicito e certos torneios sintáticos dotados da mesma função: por favor, por piedade, tudo bem etc;
- 6) verbos de atitude proposicional: eu acho, eu creio, eu duvido, eu julgo etc;
- 7) advérbios de modalidade, como certamente, indubitavelmente, talvez, possivelmente etc;
- 8) certos modos e tempos verbais: é o caso, entre outros, do imperativo, de certos empregos do subjuntivo; de tempos como o futuro do pretérito, com valor de probabilidade, possibilidade, dúvida; do futuro do presente, com valor de ordem; do pretérito imperfeito do indicativo com valor de irrealidade, daquilo que deveria ser mas não é;
- 9) certos operadores argumentativos como tudo, todo (s), quase, mesmo etc;
- 10) na linguagem oral, a entonação, que permite, por exemplo, distinguir uma ordem de um pedido; os padrões entonacionais que caracterizam a coordenação em oposição à subordinação; outros elementos suprasegmentais como o ritmo, a intensidade etc. (KOCH, 1986, p. 229)

Vimos, então, que além do valor semântico inerente aos tempos verbais e às formas perifrásticas, a integração entre as expressões no contexto comunicativo estabelece o valor modal aos enunciados.

Assim como Koch (1986), Ilari e Basso (2008) também classificam a modalidade em três tipos. Na perspectiva deles, a reflexão dos lógicos sobre mundos possíveis contribuíram para a compreensão das funções do modo verbal.

- a) as que tratam da possibilidade e da necessidade lógicas (como, por exemplo, na afirmação de que é impossível que um objeto seja diferente de si mesmo). O nome usado para esse tipo é “modalidade alética” (do grego *alētheia*, “verdade”);
- b) as que tratam de permissões e obrigações (como, por exemplo, na afirmação de que, na ética dos católicos, o aborto é proibido. O nome usado para esse tipo é “modalidade deontica” (do grego *déon*), “que é preciso”);
- c) as que tratam de opiniões e crenças (como, por exemplo, na afirmação de que a vida dos indígenas brasileiros, antes da chegada dos portugueses, só podia ser muito feliz). O nome utilizado para esse tipo é modalidade epistêmica (do grego *epistēmē*, “ciência”).(ILARI; BASSO, 2008, p. 319)

Apesar de haver equivalência entre os termos e os conceitos usados por Koch (1984) e Ilari e Basso (2008) para denominar os tipos de modalidade; estes últimos não abordam a modalidade volitiva.

Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) propõem uma divisão em três tipos de modalidade:

- (i) *Modalidade Orientada para Agente* (MOA): que inclui valores como desejo, obrigação, permissão;
- (ii) *Modalidade Epistêmica* (ME), incluído valores de possibilidade e probabilidade;
- (iii) *Modalidade Orientada para o Falante* (MOF), que envolve a identificação de ilocuções imperativas e exortativas. (BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS 1991 *apud* FONSECA, 2010, p. 72)

Os autores optam por denominações e conceitos diferentes dos abordados por Koch (1984), introduzem a noção de deôntico e de volição à Modalidade Orientada para o Agente (MOA). Hipotetizam, ainda, que o MOA ocorra em estados iniciais de gramaticalização. Na Modalidade Epistêmica (ME), tratam da possibilidade e da probabilidade, não conferem um grau de certeza sobre o estado das coisas. Já, na classificação da Modalidade Orientada para o Falante (MOF), eles relacionam essa modalidade a discursos imperativos e exortativos, semelhante ao o que Koch (1984) apresenta para Modalidade Dêontica.

Podemos afirmar que, diferente de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) autores, como Koch (1984) e Ilari e Basso (2008), apresentam equivalência entre os termos usados para denominar os tipos de modalidade. Mas, independente da diferença ou semelhança entre os termos, verificamos que os conceitos estabelecidos por esses autores são bastante próximos.

Apesar das divergências, o que nos interessa é saber, sem dúvida, que a modalidade está presente na expressão de futuridade. Contudo, a quantidade de temporalidade ou modalidade apresentada na “estrutura está sujeita a flutuações, que resultam de um padrão no processo evolutivo iniciado no Latim: Quanto mais temporalizada uma forma se toma, mais fraca é a sua força modal ou vice versa” (FLEISCHMAN, 1982, *apud* Silva, 1997, p. 72). Segundo ela, quando a temporalidade se sobressai, os falantes buscam outra forma que são normalmente perífrases – que retome o sentido modal. Por exemplo, no Português Brasileiro Popular, o futuro sintético se encontra em desuso e vem sendo substituído pela forma analítica *ir* no presente+ infinitivo. Essa alternância entre futuro sintético e futuro analítico remota a um processo evolutivo cíclico – um sintagma verbal analítico se aglutina a um verbo pleno (forma sintética) – explicável pela questão modal/temporal. Quando essa forma sintética se fortalece temporalmente, enfraquece-se modalmente, surge, então, a forma perifrástica em que as noções modais são mais evidentes. Essa flutuação moda/temporal é responsável pela

instabilidade do futuro, como já vimos nas descrições sobre as formas de futuro do latim às línguas românicas.

Fato bastante evidente nessa subseção foi a constatação da presença do valor modal na realização das perífrases. Tendo em vista essa relação, nossa pretensão é realizar um trabalho futuro, que consiste em averiguar esse valor modal às formas analíticas.

Realizado esse percurso inicial, com apresentação de breves conceitos das categorias (tempo e modo) que são consideradas importantes pelos teóricos na formação do futuro; mostraremos ainda, na próxima subseção, de que maneira têm sido apresentado, nas gramáticas normativas, as variantes analíticas para expressar o futuro e o que os linguistas falam sobre o fenômeno: *ir* + verbo no infinitivo.

2.5 A perífrase com *ir* na Tradição Gramatical

Depois de observarmos a proposta da Tradição Latina para a expressão do futuro e alguns conceitos de modo e tempo, atentamo-nos para a Tradição Gramatical, com o propósito de identificar de que maneira tem sido apresentado, nas gramáticas normativas, as variantes analíticas de futuro.

Gramáticos tradicionais, como Bechara (2009), Rocha Lima (2003), Cunha e Cintra⁵ (2013) e Cipro Neto e Infante (2004) prescrevem, a rigor, o futuro simples como norma padrão e apresentam a estrutura desse tempo verbal da seguinte maneira: para indicar futuro do presente, acrescenta-se o morfema - ra (re) tônico e, para indicar futuro do pretérito, o tema de - ria (rie).

Cunha e Cintra (2013, p. 411), quando tratam de verbos auxiliares, declaram que o emprego do *ir* com um verbo no infinitivo serve para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo. Mais à frente, os autores citam a forma perifrástica como substituta do futuro do presente simples, preferencialmente na conversação, como é possível perceber em: “o presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata”, como “vamos entrar no mar”. (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 475).

Curiosamente, embora os gramáticos tradicionais considerem a forma perifrástica como própria da fala, exemplos extraídos desses mesmos autores atestam que a escrita

⁵ Devemos ressaltar o caráter filológico-dialetal do trabalho de Cunha e Cintra que vai além da normatização sobre fatos da língua; contudo, reconhecemos que a teoria que fundamenta a exposição daqueles fatos é, sem dúvida, normativa.

também é espaço de expansão da forma perifrástica de futuro. Para provar o que ora dizemos, aqui estão os exemplos por nós coligidos: “E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio [...] não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos de Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda [...] a partir de 146 a.C”. (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 10, grifo nosso). Esse fragmento refere-se a um texto da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, escrito pelos gramáticos, para tratar do Latim e a expansão romana.

Na gramática normativa de Rocha Lima (2003), a forma de futuro perifrástica não é sequer mencionada nas discussões sobre os elementos linguísticos, mas, ao tratar de um determinado fenômeno linguístico, o gramático escreve da seguinte maneira: “A mesma vogal ainda vai aparecer em, por exemplo, *poente*” (ROCHA LIMA, 2003, p. 125, grifonosso). Dessa forma, ainda que não retrate o uso da forma perifrástica, homologa-a usando em sua escrita.

Bechara (2009), ao trata das categorias verbais, apresenta a proposta de Coseriu para a interpretação de tempo e aspecto, com fundamento no sistema das subcategorias verbais. Uma delas consiste no fato de que cada espaço temporal (passado/retrospectiva; presente/paralela e futuro/prospectiva), pode ser disposto da seguinte maneira:

- Presente

Tenho feito faço *vou fazer*

Tinha feito fazia *ia fazer*

- Passado:

Tive feito fiz *fui fazer*

Tivera feito fazia *ia fazer*

- Futuro:

Terei feito farei *irei fazer*

Teria feito faria *irafazer*

Dessa forma, o gramático faz referência às perífrases, demonstrando uma relação entre aspecto e tempo. Segundo ele, o tempo apresenta a posição da ação verbal no percurso, ao passo que o aspecto se refere à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Logo a seguir, prescreve que do infinitivo não flexionado, seguido de – *ra(re)* e *ria (rie)*, se formam, respectivamente, o futuro do presente e o futuro do pretérito.

Na *Gramática da Língua Portuguesa*, Cipro Neto e Infante (2004, p. 184), por sua vez, definem o futuro do presente como tempo verbal que “expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve”. Declaram ainda que a forma sintética do futuro do presente é pouca usada. As locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas com o verbo *ir*, são comumente mais empregadas. Ao tratar o futuro do pretérito, os autores não mencionam a forma perifrástica para construção desse tempo verbal.

Embora Cipro Neto e Infante (2004) não destaquem a forma perifrástica para formação do futuro do pretérito, reconhecem o emprego da perífrase do futuro do presente. Nesse sentido, como os autores escrevem um manual escolar, restringem-se em recomendar apenas aquilo que na escola deve ser ensinado, ou seja, a norma restrita para a formação dentro dos modelos da norma padrão, aquela “aceita” em exames escolares e concursos.

Da leitura dos compêndios gramaticais, podemos retirar algumas lições:

- a) A assunção contundente de que existe apenas uma forma de registrar o futuro na variante padrão da língua portuguesa contemporânea;
- b) A coexistência de formas diferentes de representar o futuro, não demonstrada teoricamente, mas empregada no próprio discurso do gramático;
- c) A demonstração de que a existência de outra forma de futuro (a perifrástica) não assumiu o “foro” de vernaculidade escrita, mas se encontra em crescente emprego na língua falada;
- d) A possibilidade de que a forma perifrástica venha a ser incorporada à língua escrita, passando, portanto, a ser registrada com abonações gramaticais.
 - e) Tais evidências reforçam o caráter dinâmico da linguagem e apontam para uma necessidade de atualização das estruturas registradas pelos compêndios gramaticais, sendo assim, o uso há de ser reconhecido como vernáculo e, portanto, preconizado e incorporado à Tradição Gramatical.

Diante do exposto, podemos admitir que assim como o Latim Clássico estabeleceu o uso de uma estrutura sintética para expressar futuridade, em oposição ao que os falantes do Latim Vulgar empregavam, a Tradição Gramatical também determina um padrão inverso do falado no Português Brasileiro. Feitas essas considerações, na sequência do texto, vamos observar como pesquisas linguísticas retratam o uso do futuro perifrástico.

2.6 Um olhar linguístico sobre o fenômeno

Após examinar as proposições sobre a perífrase do tempo verbal futuro na Tradição Gramatical, recorreremos aos estudos linguísticos sobre o fenômeno, como teses, dissertações, entre outros. Nosso objetivo consiste em traçar um diálogo entre nossos resultados e os das pesquisas, compreendendo o uso das variantes perifrásticas para o tempo verbal futuro. Para isso, tratamos, inicialmente, das abordagens realizadas por Perine (2010), Castilho (2012) e Martelotta (2003); em seguida, concentramo-nos nas pesquisas realizadas por Nunes (2003), Oliveira (2006) e Fonseca (2010).

Perine (2010) afirma que a forma sintética do futuro é de uso muito raro no Português Brasileiro, contudo é considerada a forma apropriada para escrita. A forma verbal expressa no Português Brasileiro por meio da junção do auxiliar *ir* com um verbo no infinitivo (vou viajar) é denominada, por este linguista, como futuro composto. Acrescenta que existe, ainda, uma condição paralela ao futuro composto, “que pode ser considerada um condicional composto (ia sair), e que substitui opcionalmente o condicional” sairia (PERINI, 2010, p. 225), considerado pela Tradição Gramatical como futuro do pretérito.

Ao tratar da questão do futuro, Castilho (2012) afirma que o futuro do presente simples e composto do indicativo podem ser identificados, como: (1) futuro do presente real; (2) futuro metafórico e (3) futuro atemporal ou gnômico. Já os futuros do pretérito simples e composto são destacados como: (1) futuro do pretérito real e (2) futuro metafórico. Podemos observar que Castilho (2012) apresenta uma categorização com base no valor das formas verbais de futuro, sem dúvida um enriquecimento com o adendo da abordagem semântico-discursiva. Além disso, o autor recorre a dados diacrônicos para explicar a gramaticalização de *ter* e *haver* nas construções simples e perifrásticas, vendo que a oposição [analítico vs sintético] faz parte dos fluxos e refluxos do percurso histórico da língua portuguesa. De forma perspicaz, Castilho (2012) demonstra a coexistência das duas formas de futuro: a forma em {*rá*} e a perífrase com o verbo *ir*, a saber, (a) Amanhã sairei ou (b) Amanhã vou sair.

Da fala de Castilho (2012), entendemos: a) a necessidade de recorreremos a uma classificação semântico-discursiva para compreendermos as diferentes matizes apresentadas pelo uso do futuro em português; b) a persistência entre o embate sintético e analítico vivenciado na história do Latim e do Português; c) a coexistência de formas simples e perifrásticas de futuro na atual fase da Língua Portuguesa.

À discussão por enquanto estabelecida, temos que acrescentar alguns pontos levantados por Martelotta (2003). Após demonstrar diacronicamente a formação do futuro em

português, o autor observa que o verbo *ir* revela o “movimento no espaço⁶”. Para ele, o verbo *ir* reflete, ainda, uma ideia de movimento de A em relação a B, o que tornaria as estruturas seguintes ambíguas:

- a) Pedro vai falar com Paulo. [A se desloca ou movimenta-se em direção de B]
- b) Pedro vai falar com Paulo. [A tem a intenção de praticar ação futura (falar com) B]

Vejamos nas palavras de Martelotta (2003):

O morfema de futuro em *falarei* é proveniente da forma verbal *hei* (*falar + hei*) e a construção *vou falar*, em que o verbo *ir* é empregado como auxiliar indicando uma idéia de futuro, resulta de um processo, generalizado na língua portuguesa, que implica uma extensão do uso original, em que o verbo *ir* expressa movimento no espaço. (MARTELOTTA, 2003, p. 58):

Assim como Castilho (2012), Martelotta (2011, p. 96) assinala a gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro no português, reconhecendo, portanto, a existência de uma nova forma de futuro e a coexistência de tal forma com a canônica.

Dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista, Oliveira (2006) analisou, em sua tese, *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*, o uso do futuro verbal na norma culta falada e escrita, utilizado por indivíduos com nível superior completo de Salvador e do Rio de Janeiro. Para uma análise funcionalista, foram recolhidos dados diacrônicos, do século XIII ao XX, e, para um estudo em tempo real de curta duração, foram consideradas amostras das décadas de 70 e 90 do século XX. Em uma perspectiva sociolinguística, a pesquisadora identificou os contextos linguísticos que condicionam a variação do futuro verbal e reconheceu as possíveis relações que existem entre os usos das formas verbais de futuro e os fatores sociais, como idade, sexo, região.

Diante da hipótese de gramaticalização, a autora apresentou o processo de auxiliarização do verbo *ir* na formação do futuro perifrástico. E, para testar princípios e hipóteses que caracterizam as línguas românicas, Oliveira (2006) realizou um estudo translinguístico, em que é comparado o fenômeno *ir + infinitivo* do português brasileiro com *aller + infinitivo no francês*.

⁶Tal visão não estaria muito longe da concepção clássica de tempo, aquela que fora aplicada à noção de tempo gramatical. Destarte, a leitura do emprego do verbo *ir* feita por Martelotta estaria em consonância com a Física de Aristóteles para quem o tempo seria o movimento do antes (passado) e do depois (futuro). Assim, a extensão aludida por Martelotta seria um reflexo do movimento no espaço, em que o *ir* seria estrutura coadjuvante na revelação do movimento.

Fonseca (2010), ao tratar sobre noção de futuridade, em sua dissertação, *A perífrase verbal ir + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*, estabelece como objeto de estudo a construção verbal *ir + infinitivo* e suas variantes sintéticas para expressão de futuro do presente e futuro do pretérito. Para isso, utiliza amostras de fala provenientes do banco de dados Iboruna- SP, de responsabilidade do projeto Amostras Linguística do Interior Paulista (ALIP).

Com base no socioFuncionalismo, Fonseca (2010) delimitou sua pesquisa em duas etapas: na primeira, sob o ponto de vista funcionalista da gramaticalização, a autora trata da multifuncionalidade da perífrase *ir + infinitivo*, que, por vezes, expressa valor de futuridade, valores aspectuais, modais e de marcador de discurso. Dessa forma, deduz que a multifuncionalidade dessa perífrase é decorrente de seus diferentes estágios de gramaticalização, ou seja, conforme *ir + infinitivo* se gramaticaliza, as funções semântico-pragmáticas seguem a hierarquia: Aspecto>Tempo>Modo, proposta por Bybee (1985). Na segunda etapa, Fonseca (2010, p. 14) verificou se o fenômeno estudado é uma variável ou um caso de mudança instaurado em favor da variante analítica.

Nunes (2003) analisou, em sua dissertação, *Evolução cíclica do futuro do presente do latim ao português*, o futuro do presente em uma perspectiva histórica e variacionista. Segundo ela, essa alternância entre as formas sintéticas e analíticas permite concluir que há uma mudança em curso e um aspecto cíclico na formação do tempo futuro em português.

Fundamentada na teoria da variação e mudança de Labov (1981/1994), Nunes (2003, p. 6) supõe que as perífrases surgiram como uma variante da forma padrão, mas acabaram sobrepujando a forma gramaticalmente aceitável e foram assim incorporadas à língua. Em tempo real, Nunes (2003) apontou o processo de gramaticalização das formas verbais.

Se, por um lado, a Tradição Gramatical nos apresenta uma estrutura canônica do futuro e não trata das variantes utilizadas nos espaços sociais e já difundidas na escrita, por outro lado, tais estudos nos mostram que a expressão do futuro é um fenômeno variável que pode ser observado na perspectiva diacrônica e sincrônica. Pelos estudos realizados, percebemos que a perifrástica para a expressão do futuro ocupa espaço e prestígio em meio aos contextos linguísticos. É com a influência dessas pesquisas que desenvolvemos um estudo no qual buscamos verificar os condicionadores que favorecem a realização da perífrase com o verbo *ir*.

Após as apresentações sobre a origem do futuro perifrástico e sintético do Português Brasileiro; o reconhecimento dessas formas na Tradição Gramatical e nas pesquisas linguísticas e uma breve atenção às categorias tempo e modo, prosseguimos na abordagem da

fundamentação teórica. Nessa seção, articulamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística, do Funcionalismo norte-americano e da Teoria Multissistêmica.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, abordamos três teorias: a Sociolinguística, o Funcionalismo-norte americano, com ênfase na gramaticalização e seu princípio unidirecional, e a Teoria Multissistêmica. Na subseção 3.1, tratamos, brevemente, do percurso histórico da ciência da língua até o despontar da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, apresentamos alguns pressupostos do Funcionalismo, apontando para os diferentes estágios por quais passa nosso objeto de estudo. E, por fim, na seção 3.3, diante da visualização da formação do futuro no Latim (forma analítica > sintética) e da inversão no Português Brasileiro (forma sintética > forma analítica), apresentamos a abordagem Multissistêmica, proposta por Castilho (2004).

3.1 Um breve percurso histórico sobre a perspectiva sociolinguística variacionista e seus conceitos sobre variação e mudança

Antes mesmo do período da antiguidade clássica, já se havia o interesse pelos fenômenos linguísticos. Podemos afirmar que as preocupações com a linguagem, de cunho filosófico e literário, deram origem aos primeiros estudos descritivos da língua. Entre os estudos, havia-se desde formulação de regras para distinguir as formas corretas das incorretas até análise exclusivamente comparativa da língua. Esses estudos eram baseados na lógica, desprovidos de qualquer visão científica. Contudo, apesar dessa característica, não podemos desestimá-los, pois foi a partir desse interesse que se deu base à linguística moderna.

Até então, a ciência da língua não sabia qual era seu verdadeiro objeto. Foi apenas em 1916 que o linguista Ferdinand de Saussure, por meio de seus discípulos Bally e Sechehaye, propôs uma análise científica, um corte epistemológico da Linguística por meio da publicação do livro *Curso de Lingüística Geral*. O genebrino definiu a língua como objeto da linguística e fixou que “o fenômeno linguístico apresenta duas face que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 1981, p.15), língua (*langue*) e fala (*parole*), esta individual e aquela produto social da faculdade da linguagem. A língua, então, passou a ser vista como um sistema homogêneo e autônomo e a ocupar o primeiro lugar no estudo da linguagem. Precursor da linguística, Saussure (1981) contribuiu ainda com as dicotomias diacronia e sincronia; paradigma e sintagma; significado e significante e *langue* e *parole*.

A partir dessa perspectiva teórica, outras vertentes foram surgindo: desde escolas linguísticas que analisavam a língua como um sistema autônomo, estruturado por relações

formais, até correntes linguísticas que buscavam explicar o fenômeno da língua por meio da pragmática e das relações sociocomunicativas.

A língua a que Saussure fez referência como homogênea passou a ser concebida por outras vertentes, como a de Sociolinguística, como um sistema heterogêneo, que só pode ser estudado no contexto social. Sob essa perspectiva social da língua, a variação e a mudança linguísticas são evidenciadas a partir da correlação entre linguística e os fatores sociais.

Durante a década de 1960, diante das propostas de Labov, Weinreich e Hergoz (1968), há a instituição da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa. O objetivo dessa corrente teórica era o de descrever a língua, levando em conta seu uso variável. Essa abordagem considera a existência de uma relação entre língua e sociedade, incorporando a ideia de que a variação é motivada por pressões sociais. Não podendo ser estudada fora do contexto social, a variação da língua constitui um dado fundamental da descrição Sociolinguística.

A variação, de acordo com Silva (2005, p.112), se faz presente quando há duas ou mais estruturas diferentes, mas “com mesmo valor referencial em um mesmo contexto, produzindo, contudo, diferenciações no plano social, o que determinaria uma variante mais socialmente prestigiada do que a outra”. Em outras palavras, podemos dizer que a variação consiste na existência de diferentes formas com o mesmo significado. O que determina o uso da variável linguística é, do ponto de vista extralinguístico, fatores como sexo, idade, etc. Além desses, segundo Sankoff (1968 *apud* Silva, 2005, p.113), “a interação situacional, isto é, o papel que o falante assume no discurso” favorece a realização das variantes. Assim, a depender da avaliação que faz da situação comunicativa, o locutor pode empregar, dentro de um mesmo discurso, diferentes variantes. Para exemplificar esse argumento, voltamo-nos ao nosso *corpora*:[...] *ah... minha qualificação tô me preparando pra pra esse momento então eu vou ter que me concentrar né na escrita do... do texto pra melhorar o texto então eu não vou ter condição de viajar né se... provavelmente eh... pessoas da minha família viajarão mais eu eu mesmo não terei condição que eu tenho que tá concentrado pra pra esse momento.* (HFDS – PCVC)

No mesmo discurso, o informante ora realiza a forma simples do futuro do presente *terei*, ora a variante perifrástica, *vou ter*.

De acordo com Labov, Weinreich e Hergoz (1968), a mudança ocorre quando uma variante ocupa espaço numa determinada comunidade e adquire um significado social; assim o processo de mudança está relacionado à aprovação dos valores de um conjunto de indivíduos pelos membros de outro. Labov (1994) sugere que a expansão da mudança será

mais intensa à medida que for mais intensa a frequência de contato entre falantes. Para os sociolinguístas, a mudança demanda etapas: a de transição, a de variabilidade, a de competição entre estruturas e a de divergências dentro comunidade do falante.

Nessa relação entre variação e mudança, Tarallo (1997, p. 64), afirma: “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim implica variação. Mudança é variação”. Segundo ele, há um momento em que formas linguísticas convivem num espaço de tempo, até que uma se sobrepõe a outra. No momento da coexistência entre as estruturas, há variação, configurando em um *caso de mudança estável*; mas, na consolidação da forma, temos a mudança, caracterizada como *mudança em curso ou andamento*. Dessa forma, é possível que a variação seja perceptível na sincronia, enquanto a mudança só pode ser observada na diacronia. Mas mesmo que haja variação, a mudança nem sempre é uma consequência.

Tendo em vista a língua como “um objeto histórico e cultural que se constitui a partir da interação social entre os membros de uma determinada coletividade” (LUCHESE, 1998, *apud* SOUSA, 2008, p. 54), os estudos sociolinguísticos examinam as variáveis linguísticas e extralinguísticas que orientam o comportamento linguístico dos falantes em situações de interação.

Considerando o estudo da variedade linguística, Preti (2003) trata de dois campos, em que o primeiro abrange o segundo. São eles: variedades geográficas (ou diatópicas) e variedades socioculturais (ou diastráticas). As diatópicas ocorrem num plano horizontal da língua, tendo em vista que estão presentes nas regiões – há uma linguagem comum do ponto de vista geográfico. As diastráticas acontecem num plano vertical, dentro de uma comunidade específica (urbana ou rural), na estratificação das classes.

Segundo Sousa (2008, p. 56), uma comunidade de fala reflete o vernáculo produzido, em uma relação de interação, por um conjunto de indivíduos. Assim, a mudança não ocorre somente em um único falante, mas nos grupos sociais, “projetados e estratificados pelas variáveis sociais, de acordo com as suas características de sexo/gênero, faixa etária, anos de escolarização, profissão etc”. A explicação do fato de um determinado grupo de falantes efetuarem, no ato comunicativo, uma forma em detrimento da outra, pode estar atribuída a esses fatores sociais.

Então, para compreender o uso dinâmico das formas de futuro, recorreremos aos aspectos linguísticos e extralinguísticos da língua. E como não podemos demarcar exatamente os eixos sociais que acarretam a mudança, trataremos, aqui, de tendências para as formas linguísticas.

Para tratar das variáveis num dado momento, teoricamente, o modelo sociolinguístico implica uma análise ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica. A amostra sincrônica dos dados permite averiguar a dinâmica da mudança, por meio da observação do comportamento de vários grupos etários. Sendo assim, temos a mudança em tempo aparente. Faraco (1998, p.117) evidencia que “a predominância de uma variante entre os mais jovens e sua pouca ocorrência entre os mais velhos pode estar indicando uma mudança em progresso, isto é, que uma das variantes está sendo abandonada em favor da outra”.

A investigação no tempo real considera uma análise histórica da variável do tempo real. O olhar para essas fontes históricas permite entender a direção da variável na comunidade e a situação desta no passado. Segundo Oliveira (2006, p. 48), a descrição de uma língua no presente é necessária para explicar o passado, assim como a reconstrução histórica do passado é útil para explicar o presente, “uma vez que as forças que regem as mudanças numa língua no presente são as mesmas que impulsionaram mudanças já concluídas”.

Assim, diante dos objetivos de analisar e descrever as variáveis perifrásticas constituídas pelo verbo *ir*, optamos por estudar a dinâmica das variáveis numa dimensão pancrônica, comparando os resultados e projetando os rumos que elas, possivelmente, tomarão.

Com a hipótese de que, na composição da variante perifrástica, há uma mudança semântica e morfossintática, abordamos na seção 3.2, o Funcionalismo, com vistas para a gramaticalização e o princípio da unidirecionalidade.

3.2 Funcionalismo

As considerações mais representativas sobre o desenvolvimento da visão funcional da linguagem, como o próprio conceito e a aplicação do termo Funcionalismo, iniciaram-se na *Escola Lingüística de Praga*⁷, antes de 1930⁸. Nessa abordagem, as unidades linguísticas estão ligadas a um determinado fim (função). A partir desse entendimento de língua, o Funcionalismo passa a apresentar novas projeções. Os estudos da Linguística Funcional norte-americana, por exemplo, começam a se expandir, em 1970, com pesquisas que analisavam “a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralingüística” (CUNHA,

⁷Segundo Neves (1997), a *Escola Lingüística de Praga* foi uma designação dada a um grupo de estudiosos.

⁸Afirma-se “antes de 1930”, pois é “[...] de 1923 o artigo de Vilém Mathesius em que vem apresentada a definição de frase elaborada sobre base funcional” (DANES, 1987, *apud* NEVES, 1997, p.11).

2003, p.15). Nessa abordagem, a língua emerge à medida que é usada (BARLOW; KEMMER, 2000, BYBEE, 2010, 2011 *apud* CUNHA, 2003, p. 9) e deve ser estudada em uso, no seu contexto social e sociointeracional.

Influenciados por fatores cognitivos, as orientações linguísticas são direcionadas para atos de fala concretos, pois é, na interação verbal, que os elementos sintático-semânticos adquirem funções. Por depender desse processo comunicativo, as estruturas linguísticas não são consideradas autônomas, mas subordinadas a mecanismos semânticos de ordem cognitiva.

Quando se trata do dinamismo da mudança linguística, o Funcionalismo considera, assim como a Sociolinguística Variacionista, essa aparente instabilidade inerente à língua; motivada pelas práticas discursivas do falante. Assim, essa mudança acontece constantemente para adaptar as estruturas às exigências comunicativas dos falantes.

A mudança na abordagem linguística funcional se baseia no fato de que uma forma ajusta-se a novas funções e a novos significados. Essa organização acontece em virtude de dois tipos de pressões: i) cognitivas, decorrentes da maneira de como o indivíduo organiza e interpreta as informações; e ii) de uso, decorrentes do processo criativo do discurso. (Givón, 1995, *apud* Oliveira, 2006, p. 54). São essas pressões que determinam a estrutura da gramática e as constantes mudanças pela qual a língua passa, dentre as quais se destaca a gramaticalização. É com base nesse modelo de abordagem que buscaremos identificar as motivações semântico-cognitivas implicadas no uso do fenômeno aqui estudado.

3.2.1 Gramaticalização

Em épocas remotas, mais precisamente no final do século XVIII, nas pesquisas sobre a língua, os estudiosos tentavam explicar a mudança que ocorria nas línguas naturais por meio da analogia, mudança de som ou empréstimo. Nós, para tratarmos da evolução dos itens linguísticos, recorreremos aos estudos sobre gramaticalização, processo delineado segundo princípios da teoria funcionalista.

O termo gramaticalização foi estabelecido por Meillet (1912), que definiu esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (Meillet, 1992, *apud* NEVES, 2004, p. 113). Ao procurar descobrir a fonte primária da palavra gramatical, Meillet (1992) observou que origem desse vocábulo provinha de um termo lexical que perdia a força devido ao uso, à repetição. A passagem do léxico > gramática foi caracterizada como um *continuum*, do concreto ao abstrato, no qual está envolvida a sequência interna sintaxe > morfologia.

Segundo Cezario (2013, p. 42), as noções que embasavam a gramaticalização e o seu modelo de análise são anteriores a Meillet. Em meados do século XVIII, por exemplo, já se tinha a ideia de explicar a mudança sintática por meio da abstratização de um item lexical, ou seja, já mencionavam que palavras abstratas derivavam de usos concretos de termos. São palavras da autora:

[...] segundo Heine et al. [...], alguns linguistas consideram Horne Took o pai dos estudos da gramaticalização, pois ele declara, primeiramente em trabalho publicado em 1786 (com publicação posterior em 1857), que o mistério das palavras pode ser desvendado através do estudo etimológico: advérbios, preposições e conjunções seriam resultantes da abreviação ou *mutilação* de substantivos e verbos, e formas flexionais e derivadas seriam fragmentos de palavras independentes (CEZARIO, 2013, p. 44).

Ainda assim, apesar de demonstrações de que o conceito de gramaticalização já outrora existia, estamos de acordo com os estudos que apontam Meillet como introdutor do termo gramaticalização e precursor dos estudos sobre esse fenômeno.

Desde o estabelecimento do termo, diferentes concepções sobre o fenômeno despontaram. O conceito a ser atribuído a esse processo depende, no entanto, do objeto analisado e do método adotado para compreender a transição da palavra. A definição dada por Heine et al. (1991) e Hopper e Traugott (1993), por exemplo, é bastante semelhante. Para esses teóricos, a gramaticalização é definida como um processo pelo qual itens lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Foi o que encontramos em Neves (2004):

Heine *et al.* (1991) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Do mesmo modo, Lichtenberk (1991, p. 38) afirma que o fenômeno abriga não apenas a evolução de um morfema lexical para um morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Ainda Hopper (1991, p. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. (NEVES, 2004, p. 120-121):

Conforme essa visão, o percurso do processo de gramaticalização não precisa, necessariamente, começar pelo item lexical, a trajetória pode se iniciar por um elemento já gramatical, que se tornará ainda mais gramatical. Essa visão corresponde ao que concebemos a respeito do nosso objeto de estudo, conforme apresentaremos na análise.

Nesse trajeto, de acordo com Heine e Reh (1984 *apud* Neves, 1997, p.121), as unidades linguísticas lexicais perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em

substância fonética. O que era relativamente livre de restrições fica mais sujeito a restrições (mais fixos/dependente). Nesse processo de fixação, podemos ter como exemplo a passagem do verbo *ir*, na condição de pleno, como em “Vou à Uesb” para verbo auxiliar, em uma expressão composta por *vou+* verbo no infinitivo, como em “Vou estudar”. Essa estrutura nova, assinala Votre (1996), sempre precede o verbo em uma sequência direta.

Linchtenberk (1991 *apud* Neves, 1997, p. 120), por sua vez, a respeito da discussão, acrescenta que a gramaticalização não envolve apenas a evolução de um morfema, mas, também, a aquisição de novas propriedades. Então, nessa perspectiva, quando os elementos linguísticos adquirem novas propriedades, conseqüentemente, mudam de categoria. É válido ressaltar que, inicialmente, a forma nova começa a ser usada como variante até que ocorra uma possível substituição da forma velha. O que, na Sociolinguística, equivaleria ao Problema da Transição, no qual, em um primeiro momento, teríamos a forma velha; em um segundo momento, a coexistência das formas velha e nova e, em um terceiro momento, ou a substituição de uma forma pela outra, caso de mudança linguística, ou a coocorrência das duas formas, caso da variação estável.

Na constituição da perífrase de futuro a partir do *ir*, podemos afirmar que tal verbo passou a pertencer a outra categoria, tendo em vista que saiu da condição de verbo pleno para a de verbo auxiliar. Ademais, convive com a forma sintética de futuro. Todas essas formas estão presentes no Português Brasileiro, como veremos posteriormente na seção 3.3.

Castilho (1997), por sua vez, argumenta que a gramaticalização pode ser considerada como

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como conseqüência de uma cristalização extrema. (CASTILHO, 1997, p. 31)

Assim, tomando como suporte a conceituação de Castilho (1997), em termos mais gerais, podemos denominar a gramaticalização como um processo pelo qual um vocábulo, em virtude do frequente uso, ganha novas propriedades, sofre restrições e pode desaparecer como conseqüência de uma cristalização. Ademais, vale citar a contribuição de Castilho (1997) no que diz respeito ao início do processo, que, para esse estudioso, não estaria apenas nos itens lexicais, mas que, antes disso, é preciso considerar tais itens iniciais, também, como já dotados de uma certa gramaticalidade. Assim, não seriam, necessariamente, as formas lexicais

que se tornariam gramaticais, mas as formas gramaticais que se tornariam ainda mais gramaticalizadas.

Martelotta (2003) classifica a gramaticalização em dois sentidos: o *stricto sensu* e o *lato sensu*. Para o linguista, o primeiro corresponde às formas que migram do léxico para gramática; enquanto o *lato sensu* procura explicar a mudança que ocorre no interior da gramática, como os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação de ordem vocabular.

A partir dos conceitos envolvendo a gramaticalização citados até aqui, podemos afirmar que é comum, entre as pesquisas linguísticas que se envolvem nessa área, o pensamento de que categorias derivam de outras e de que há distinção entre elementos lexicais e itens gramaticais. Veremos mais adiante que, ao propor uma Teoria Multissistêmica, Castilho (2004) sugere uma nova reflexão sobre tais representações.

Em meio a essas noções procedeu ainda uma distinção entre gramaticalização e gramaticização. A primeira tem ligação com a mudança linguística na perspectiva diacrônica, enquanto a segunda trata a mudança de categorias mediante um plano sincrônico. Contudo, o que se vigora em tempos atuais é o emprego do termo gramaticalização, servindo para abarcar ambos os processos.

Em nosso estudo, admitimos o uso da expressão gramaticalização, com a passagem de um item gramaticalizado para um item mais gramaticalizado, uma vez que buscaremos retratar a trajetória de um verbo pleno que passa a configurar como um elemento da forma de futuro. Na composição, por exemplo, do tempo verbal por meio do *ir*, explicitamos que esse verbo, em seu trajeto de mudança, possui duas funções: a de verbo pleno e a de verbo auxiliar.

Em relação às possibilidades metodológicas desse processo: diacronia *versus* sincronia, vimos que a gramaticalização era vista, até 1970, como parte da linguística diacrônica, na medida em que realizava a comparação entre estruturas linguísticas de períodos diferentes e analisava a evolução da língua, buscando explicar a origem e as mudanças de morfemas gramaticais. Conforme Gonçalves et al. (2007, p. 21), podemos depreender também a possibilidade de esse fenômeno ser analisado sob uma perspectiva sincrônica antes desse período descrito, uma vez que Meillet (1912) propôs a existência de três classes de palavras, entre as quais se notava certa gradualidade: i) as palavras principais: nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais; ii) as acessórias e as gramaticais: preposições, conjunções e auxiliares. Assim, a passagem das palavras principais a funções gramaticais ou acessórias eram analisadas do ponto de vista diacrônico; enquanto a convivência entre palavras acessórias e/ou gramaticais eram observadas em uma perspectiva sincrônica.

Mais tarde, com a publicação de trabalhos realizados pelo funcionalista Givón (1971), a gramaticalização passou a ser influenciada pela pragmática e vista na perspectiva sincrônica, para uma possível explicação sobre a sintaxe. Ao investigar a direção da mudança partindo do discurso para a morfossintaxe, Givón (1971) chega, então, à trajetória: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero e lança o *slogan* “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”. (CEZARIO, 2013, p. 44). Em outras palavras, podemos dizer que as estruturas pragmáticas discursivas possibilitam o modo sintático: em determinados contextos, estruturas independentes passam a desempenhar novas funções gramaticais. E devido ao uso e à repetição por parte dos interlocutores da comunicação, o elemento linguístico ainda não cristalizado se torna regular. Como resultado desse processo, o novo elemento gramatical sofre reconstrução sintática e se transforma em estrutura fortemente dependente, fixa.

Segundo Cezario (2013, p. 45), nesse contexto, a gramaticalização tornou-se um modelo teórico que trata da formação e da renovação da gramática das línguas naturais e que tem como objetivos “fundamentar a análise sincrônica na diacronia e relacionar a sintaxe a fatores semântico-pragmático”.

Segundo Bybee et al (1994), o estudo sobre o papel da gramaticalização na relação discurso/gramática tem aberto um importante campo de pesquisa. Há, por exemplo, uma conscientização do fato de que as categorias de tempo e aspecto podem se desenvolver a partir de funções discursivas.

Ainda em relação ao recorte temporal, Neves (1997, p. 117) afirma que Heine (1991) defende o processo pancrônico – a impraticável separação entre diacronia e sincronia – uma vez que uma é dependente da outra. Nessa perspectiva, a gramaticalização pode ser descrita, ora pelo fenômeno diacrônico, ora pelo sincrônico.

A sincronia relaciona-se ao caráter instantâneo; a diacronia, ao gradual da gramaticalização. Considerado do ponto de vista histórico e dinâmico, o processo é gradual. Durante um determinado período, embora uma estrutura substitua a outra, as duas formas coexistem. Isso reflete o caráter gradual da mudança linguística. Na ótica sincrônica, que não se confunde com estaticidade, a descrição se aplica a latitudes da variação.

A questão entre a oposição sincronia e diacronia é muito pertinente nos estudos funcionalistas. Por meio da diacronia, é permitido visualizar a evolução linguística, a origem das formas gramaticais, bem como reconstruir a história de uma língua. Já, por meio da sincronia, é possível perceber a língua em funcionamento, contrastando as variações presentes entre gerações.

Posto isso, podemos afirmar que ambos os fenômenos diacrônicos e sincrônicos sempre estiveram presentes nas pesquisas dos linguistas. Sabemos que o estudo pancrônico exerce um papel fundamental nos estudos sobre as línguas naturais, na medida em que os fatos do passado e do presente nos permitem uma compreensão maior mudança da língua e da variação. Dessa forma, optamos em fazer um breve estudo pancrônico. Do ponto de vista diacrônico, nosso objetivo é mostrar a formação do futuro por meio do verbo pleno *habere* que, posposto a um verbo pleno no infinitivo, como *amare habeo*, passou por um processo de auxiliarização, perdendo o sentido de possessivo e dando origem a uma forma sintética do futuro (o futuro simples). Na perspectiva sincrônica, nosso propósito é apresentar o percurso inverso desse processo, ou seja, a forma analítica.

Considerando que os estudos voltados à gramaticalização identificam diferentes estágios por quais passa uma forma linguística, optamos por apresentar uma breve discussão na seção 3.2.1 de algumas dessas possibilidades.

3.2.1.1 Alguns estágios da gramaticalização

Entre os estudiosos do processo da gramaticalização, existem divergências sobre os estágios pelos quais passam os itens lexicais e gramaticais. De qualquer modo, Lehmann (1995 [1982] *apud* Castilho, 1997, p. 31) identifica quatro fases da gramaticalização: Sintaticização, Morfologização, Redução fonológica e Estágio Zero, que foram esboçadas da seguinte forma:

Fases da gramaticalização

Nível Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

Técnica Isolante > Analítico > Sintético-aglutinante > Sintético –flexional

Fase 

Sintaticização



Morfologização



Desmorfemização



Processo

GRAMATICALIZAÇÃO

Fonte: LEHMANN (1995 [1982] *apud* CASTILHO, 1997, p.31)

Para exemplificar esses estágios, analisaremos sucintamente o tempo futuro verbal por meio da forma sintética e a da forma perifrástica com o verbo *ir*.

- i) **Sintaticização:** É a recategorização de um item lexical: uma classe de palavra X passa à classe de palavra Y (CASTILHO, 1997, p. 32). Para formação do futuro, o verbo *ir* deixou de ser um verbo pleno e recategorizou-se como verbo auxiliar. Do mesmo modo que, no plano diacrônico, o verbo possessivo *habere*, para originar a perífrase como *Amare habeo*, passa a indicar, de início, a ideia de modo e, posteriormente, de futuro.

Ir (item lexical) > Vou viajar (verbo auxiliar para indicar futuro)

Habere (item lexical) > *Amare habeo* (verbo auxiliar)

- ii) **Morfologização:** É a criação de formas presas, que podem ser afixos flexionais ou afixos derivacionais (CASTILHO, 1997, p. 43). Conforme discutiremos a seguir, os morfemas do tempo verbal futuro procedem de um verbo auxiliar, *Habere*, que se transforma no morfema {re} e *Ir*, no morfema {ia}. Observemos:

- *Amare habeo* > *amarábeo* > *amáraveo* > *amarayo* > *amaray* > *amarei*

- *Amare iva* > *amaria*

- iii) **Redução fonológica/Desmorfemização:** É um processo no qual formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em formas presas, gramaticalizando-se como afixos. (CASTILHO, 1997, p. 46). Como exemplo, temos a redução fonológica de *habeo* para o ditongo *ei*, que se aglutinou a um verbo (forma livre) para composição do futuro sintético. Como pode ser visto no percurso:

habeo > *abeo* > *aveo* > *ayo* > *ay* > *ei*

- iv) **Estágio zero:** é o “momento no qual a forma de tão utilizada vai deixando de ser funcional [...] e, na busca, de uma melhor representação do pensamento e de uma maior interação, outras formas vão sendo utilizadas”. (SOUSA, 2008, p.72). Mais à frente, veremos que a forma latina perifrástica, como *amare habeo*, foi substituída pela sintética *amarei*. E atualmente, essa forma sintética está sendo substituída pela analítica. O estágio zero ainda não seria uma condição registrada em nosso objeto de estudo.

Hopper (1991), por seu turno, estabelece a existência de cinco princípios, com o propósito de identificar o estágio inicial de um item gramaticalizado, relacionando aspectos sincrônicos e diacrônicos.

Estratificação (layering): Refere-se à coexistência entre formas com funções similares. Na língua, é comum sempre surgirem novas funções (uso) para formas já existentes, e as estruturas antigas não são necessariamente substituídas pelas novas. Temos assim, no exemplo retirado de um *blog* do município de Vitória da Conquista, as formas perifrástica e sintética coexistindo em um mesmo recorte sincrônico, com o mesmo propósito de indicar um tempo futuro. Vejamos:

- (48) “Salvador **vai receber** ainda este ano um jogo da Seleção Brasileira nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2018. A partida **será** realizada na Arena Fonte Nova, mas ainda não há confirmação do adversário, data e horário do confronto”.
(blogdorodrigoferraz)

Divergência: Se refere ao fato de quando um item lexical é gramaticalizado, passando a um clítico, afixo ou auxiliar, sua forma original pode permanecer como um elemento lexical autônomo e sofrer a mesma mudança como qualquer outro item lexical.

Nos exemplos retirados do *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista, há o aparecimento de uma estrutura análoga, mas com funcionalidades diferentes. O verbo *ir*, como um item lexical, em seu sentido pleno de movimento, passa pelo processo de gramaticalização e resulta em um verbo auxiliar, para indicar futuro, conforme exemplo (07). Contudo, sua forma original permanece em diversos contextos linguísticos, como apontado em (06).

- (06) Bom, eu gosto muito de **ir** ao shopping, ou ao cinema *comprá* alguma coisa. Eu sempre gosto de *fazê* isso. Fora isso é mais em casa, ou então quando alguém me convida

pra sair e a gente vai pra *jantá* fora, pra **ir** à casa de alguém, eh... **ir** num restaurante, alguma coisa assim. (ASA -PCVC)

(07) Sim, depende de como você busca *entrá* na história da arte, né, a que caminha se entra, né. Se você... se você *quéfazê* uma base direta, ou *pegá* atalhos, depende de como **você vai começa**. (ASA - PCVC)

Assim, também como já vimos anteriormente, o verbo latino *habere* se gramaticalizou, tornando-se verbo auxiliar na composição de uma perífrase, como *cantare habeo*. Mais tarde, esse verbo sofreu redução fonológica e transformou-se num morfema do tempo futuro. Contudo, no plano diacrônico, sua forma original permaneceu preservada.

Especialização: Refere-se à utilização do item em determinado contexto sintático e/ou discursivo que se torna obrigatória devido ao estreitamento da possibilidade de escolha. A forma mais gramaticalizada torna-se, assim, mais utilizada. Em outras palavras, podemos dizer que uma forma passa a ser obrigatória no estágio final da gramaticalização, quando a variedade de escolhas formais se reduz e as estruturas selecionadas assumem significados mais gerais. Em relação ao nosso objeto de estudo, inferimos que, atualmente, a perífrase composta por *ir* no presente + verbo no infinitivo está sobrepunhando a forma sintética do futuro. Foi o que ocorreu, como já vimos anteriormente, com o futuro latino: após uma competição entre a forma sintética (terminada em *-bo*) e a perifrástica com o auxiliar *habere*. Esta última suplantou a primeira. Com a continuação da inovação, levou-se a criação de uma nova forma flexional, como *amarei*.

Persistência: Refere-se à permanência de alguns traços semânticos do item lexical original, perceptível nos estágios iniciais e intermediários da gramaticalização. Assim, por exemplo, no *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista, no trecho (08) o verbo *ir* no presente continua contendo uma ideia de movimento, apesar de não haver deslocamento físico literal.

(08) Enrabei eles. Eu falei assim: “Vocês [é um] sem-vergonha, meu pai é direito e vocês quer *matá* meu pai, **vai matá** Guilhermino que anda *robano*.” (ELC – PPVC)

Descategorização ou Decategorização: Refere-se às formas no processo de gramaticalização que tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas das categorias plenas (nome e verbo) e assumir atributos das categorias secundárias como adjetivo, preposição etc., ou seja, deslocam-se de uma categoria, considerada maior, para uma categoria menor. Os elementos gramaticalizados tornam-se mais fixos, como os verbos auxiliares.

Nesse processo, o *ir*, como auxiliar de futuro no português, passa a carregar marcas de tempo, pessoa e flexão ao invés de expressar apenas o sentido de movimento como era comum quando ocupava a função de verbo principal. Como pode ser observado no deslocamento de sentido ocorrido entre os trechos (09) e (10).

(09) [...] então graças a Deus eu... eu já fiz setenta e nove anos, né, março que vem **vou fazer** oitenta, eu falo *pros* meu filho que eu nem sei meu destino, meu destino é Deus que sabe eu não posso mandar no meu destino não. (JAP)

(10) [...] eu **vou** lá pra roça onde eu criei e fico lá dias e dias, lá pro Pradoso também, eu tenho uma família grande lá... primo. (JAP)

Os princípios supracitados, formulados por Hopper (1991), “combinam processos e estágios aos princípios propriamente ditos” (CASTILHO, 1997, p. 52). Isto quer dizer que os princípios gerais regem os mecanismos que levam à mudança de estatuto: categoria lexical > categoria gramatical. Castilho (1997), então, apresenta quatro princípios que podem dar conta dos estágios da gramaticalização: a) analogia; b) reanálise; c) continuidade e o gradualismo e d) unidirecionalidade. Entre esses princípios, nossa preferência é pela unidirecionalidade, uma vez que pretendemos evidenciar, com base na Teoria Multissistêmica, que é possível haver um percurso inverso do que propõem alguns autores.

- a) **Analogia:** é um princípio que opera no eixo paradigmático. Estruturas já existentes nas línguas naturais ganham novas funções. Assim, nas palavras de Castilho (1997, p. 52), “A analogia não dá surgimento a expressões ou estruturas novas, ela simplesmente estende regras a itens ainda não atingidos, ‘uniformizando’, por assim dizer, as formas da língua”. A analogia, no Funcionalismo, está relacionada à metáfora.
- b) **Reanálise:** é um princípio que opera no eixo sintagmático. Nesse princípio, segundo Sousa (2008,p.79), diferentemente do anterior , há a possibilidade do surgimento de novas formas a partir do resultado de reflexos de novas interpretações e inferências, [as formas existentes assim] sofrem alteração semântica”. A reanálise , por sua vez, no Funcionalismo , está relacionada à metonímia.
- c) **Continuidade e gradualismo:** Esse princípio tem relação com o caráter cíclico da gramaticalização, em que “a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto

de chegada da mudança linguística” (CASTILHO, 1997, p. 55). Entendemos que há, aqui, expresso uma continuidade da inovação da estrutura da língua, em um processo contínuo.

- d) **Unidirecionalidade:** Esse princípio é alvo de grandes discussões em meio às pesquisas linguísticas. De maneira abrangente, podemos definir a unidirecionalidade como um processo no qual elementos lexicais, no decorrer do tempo, passam a desempenhar novas funções e assumir um novo *status* como elemento gramatical. Em outras palavras, entendemos esse princípio como uma sequência de mudança que ocorre na língua de maneira linear e gradual.

Na teoria clássica, “a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 2004, p. 121).

De acordo com Heine et al. (1991), a unidirecionalidade é um fenômeno indissociável do processo da gramaticalização. Nesse trajeto direcional, um elemento linguístico parte do mais concreto para o mais abstrato. Assim, itens que designam espaço, como o verbo *ir* [+concreto], poderiam passar a expressar noção temporal [-concreto] e, nesse caminho, chegarem ao valor textual, ainda menos concreto. Heine et al. (1991) propõem a seguinte escala para representar esse processo.

- i. Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Essa escala representa o percurso da gramaticalização do elemento linguístico. Aqui, o item linguístico pode, ou não necessariamente mudar de categoria gramatical, mas tende a obedecer à escala proposta. Algumas vezes, no entanto, alguns itens não são constatados. Nos exemplos⁹ a seguir, temos a gramaticalização do *ir*.

(11) Eu fui no que [tev] agora. Na ot0a seman que vem **eu v0**. (LBR - PPVC)

(12) Assim... o *agí* de Deus na minha vida... foi maior assim eu senti pra mim quando eu ‘tava na católica, eu *num* senti o *agí* de Deus na minha vida assim... depois

⁹Exemplos extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em SocioFuncionalismo.

que... que eu comecei **ir** pra igreja evangélica, eu senti que o *agí* de Deus, foi diferente na minha vida, parecendo que... parece que eu botei minha fé em ação... parece não, com certeza [pus] minha fé em ação e tudo *mudô* na minha vida... aí pra mim, meu interesse totalmente é mais voltado pra evangélica neste momento (GNB – PPVC)

(13) Eu quero *vêo* que **vai *acontecê*** amanhã... (GNB - PPVC)

Nos exemplos (46), (11) e (12), o *ir* pode ser usado como verbo pleno com sentido de deslocamento, movimento físico (espaço). No enunciado (13), ele pode comportar-se como verbo auxiliar marcador de tempo futuro. É possível, constatar, portanto, que a trajetória da mudança de *ir* passa do sentido concreto para o mais abstrato, representada na escala proposta por Heine et al (1991).

i) Espaço > Tempo

É válido ressaltar, mais uma vez, que os itens lexicais que fazem esse percurso de abstratização não têm que, necessariamente, passar por todas as categorias propostas na escala. O *ir*, na formação do futuro, seguiu a direção de espaço > tempo, mas poderia movimentar-se e sair da noção de espaço e ir a uma categoria mais abstrata, como a de texto, conforme mencionamos acima.

ii) espaço > tempo > qualidade

ou

espaço > tempo > texto

Segundo Heine et al. (1991), a característica unidirecional da gramaticalização implica um *continuum*¹⁰ de abstratização que apresenta certa regularidade. A abstratização ocorre da esquerda para a direita e corresponde à experiência do indivíduo com o mundo concreto: quanto mais próximo do indivíduo, mais concreto e, de forma oposta, quanto mais distante menos concreto. Essa linearidade tem como consequência uma mudança hierarquizada que

¹⁰ De acordo com Alonso, Cezario e Pinto(2013), o termo *continuum* é utilizado para tratar dos deslizamentos entre classes de palavras. Como exemplo “Traugott (1998) evidencia o deslizamento de demonstrativos a artigos [...] Outros autores citam o *continuum* para representar os deslizamentos empreendidos por categorias semânticas” (ALONSO, CEZARIO E PINTO, 2013, p.39).

ocorre sempre da esquerda para direita, e que, segundo alguns estudiosos da gramaticalização, não pode ser rompida ou ter o seu sentido alterado da direita para a esquerda.

Autores como Castilho (1997) e Alonso, Cezario e Pinto(2013) corroboram com a discussão espaço > tempo e destacam que, comumente, itens lexicais que designam espaço físico resultam em itens linguísticos com significado temporal. A respeito disso Alonso, Cezario e Pinto(2013, p. 40) citam com as palavras de Sweetser (1990):

Ainda mais crucialmente, a ordenação histórica na qual os sentidos são adicionados a palavras polissêmicas diz-nos algo sobre as relações direcionais entre sentidos; ela afeta nosso entendimento da estrutura cognitiva que permite perceber que o vocabulário universalmente espacial adquire significados temporais, e não ao contrário. (SWEETSER,1990, p.9)

Castilho (1997, p. 48) ainda menciona que os itens que significam partes do corpo humano e espaço físico fornecem exemplos de *continuum* metafóricos: a gramaticalização dos primeiros resulta na origem das preposições; a dos segundos, aos auxiliares temporais. De acordo com esse linguista, esse salto da noção de espaço físico para espaço temporal é de natureza cognitiva. Metaforizados, o verbo de movimento passa a significar o trânsito do tempo presente para o futuro. Essas declarações se tornam bastante evidentes quando lançamos nosso olhar para a perífrase *ir* + infinitivo. Assim, entendemos, como formas lexicais, o sentido pleno do verbo *ir*, de deslocamento (*Eu vou à praia da Barra*), e compreendemos como formas gramaticais o uso do *ir* como auxiliar.

Assim como está posto até aqui, a unidirecionalidade deve ser entendida como uma relação entre dois estágios: A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso. Cada estágio corresponde a um ponto numa linha, portanto, uma relação de sequência é estabelecida entre eles. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Nesse percurso, há perda de substância fonológica, semântica e alterações morfológicas.

Em outro esquema fornecido por Hopper e Traugott (1993) é evidenciado um *cline* de mudança, no qual enfatiza o caráter categorial do léxico.

iii) item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo

É notório que o caráter gradual e unidirecional é acentuado nessa escala.

Na presença dessa escala, Alonso, Cezario e Pinto(2013, p. 41) enfatizam que a unidirecionalidade é um tipo específico de mudança que promove o “rebaixamento de categoria” de um item lexical para uma estrutura mais gramatical, e não ao contrário. Os itens,

então, estariam mais carregados de sentido/significação em um primeiro momento e passariam a ser mais relacionais em um estágio mais avançado.

Até aqui vimos a unidirecionalidade como um princípio da gramaticalização reconhecido por diversos autores, a exemplo de Heine (1991) e Hopper e Traugott (1993), que, apesar de fornecerem escalas com mecanismos diferentes, reconhecem e ratificam a irreversibilidade do processo unidirecional. Podemos afirmar, então, que há concordância de que os itens lexicais passam por um estágio linear, sequencial, e vão, ao decorrer do tempo, adquirindo novos *status*, seja gramatical, seja morfossintático.

Contudo, em alguns estudos mais recentes, com um viés cognitivo, tem sido indagado o caráter unidirecional e gradual da gramaticalização. Ferreira et al. (2000) afirmam que há duas maneiras de estudar a polissemia de um item linguístico. Uma maneira diz respeito à teoria da gramaticalização, que propõe a trajetória de mudança unidirecional, semelhante ao que expusemos até então; e, da outra maneira, a hipótese de unidirecionalidade semântica e sintática nos processos de gramaticalização é refutada, uma vez que usos encontrados hoje já pertenciam a estágios anteriores à língua.

Matisoff (1991, *apud* Martelotta, Votre e Cazario, 1996) menciona a degramaticalização como um processo inverso à gramaticalização. Por exemplo, o item lexical *bus* é proveniente da terminação de dativo plural latina de *omnibus*. Poderíamos mencionar, ainda, o prefixo *ex*, que usado, em companhia de um termo lexical, indica que uma pessoa deixou de ser algo, como ex-marido, ex-amante. Contudo, na contemporaneidade, esse prefixo passou a ter uma função lexical, uma vez que, sozinho, já tem a capacidade de fazer referência a ex-marido, ex-esposa, atuando com um prefixo > nome.

Heine et al (1991) mencionam os termos degramaticalização e regramaticalização. Para o primeiro, o processo de degramaticalização faz referência à direção inversa da gramaticalização: quando uma unidade mais gramatical se torna menos gramatical. Já, para o segundo, – o processo regramaticalização – usam o termo quando um item sem função adquire uma função gramatical.

Castilho (2004) também discutindo a unidirecionalidade, adota a teoria Multissistêmica e defende que os estudos sobre a gramaticalização poderiam assumir a linguagem como um sistema múltiplo, complexo e dinâmico e substituir o princípio da unidirecionalidade pelo da Multidirecionalidade.

Nas nossas considerações acerca dessa discussão, tomaremos como apoio a Teoria Multissistêmica, que será abordada na subseção seguinte.

3.3 Teoria Multissistêmica

Conforme Castilho (2004, p.37), autores da abordagem clássica da gramaticalização assumem a linguagem como uma combinação linear, um monte de peças sem ligações visíveis entre elas. Essa decisão é baseada no fato de se colocar no mesmo nível o atrito fonético, decategorialização morfológica, ampliação sintática de usos, enfraquecimento semântico (*bleaching*), pressões do discurso sobre o sistema linguístico. Tal ponto de vista permite situar o discurso, a gramática e a semântica em uma linha implícita, admitindo uma hierarquia entre eles. Esse raciocínio alinha a linguagem e subsume nossas funções mentais em termos de instruções sequenciais. Castilho (2004), com relação a isso, argumenta que

O problema é que, dispondo tais categorias numa sequência linear [...], estamos admitindo que a mente humana, ao produzir a linguagem, opera através de impulsos sequencias, não simultâneos. Ora, linear é a língua escrita, nem haveria mesmo outro jeito de utilizá-la. Mas os fenômenos da língua falada, com seus simultaneísmos, antecipações do que ainda se vai falar, repetição, etc., mostram exatamente o contrário. Não mostram um mundo ordenado. Mostram um mundo complexo. (CASTILHO, 2014, p. 99)

Nessa abordagem multissistêmica, a língua é compreendida de duas maneiras: como processo e como produto. A língua-enquanto-produto¹¹ é um conjunto de categorias agrupadas em quatro subsistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Esses sistemas são considerados autônomos, não se admite aqui que um sistema derive de outro, nem uma hierarquia entre eles.

A língua-enquanto-processo agrupa quatro domínios: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização. Esses processos organizam as línguas naturais e operam simultaneamente, não sequencialmente, dinamicamente (não são entidades estáticas) e multilinearmente (não são entidades unilineares). Nessa concepção, a língua, em função da sua complexidade, pode ser definida como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizado num multissistema operacional.

Diferentemente do que, na ciência clássica, está postulado: passagem do léxico < gramática por meio de uma trajetória linear e unidirecional; na abordagem multissistêmica, está sustentado que qualquer item linguístico exhibe, ao mesmo tempo, características lexicais,

¹¹Segundo Castilho (2004, p. 509), ainda que timidamente, alguns estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua como processo, contudo trata a língua-enquanto-produto, uma vez que restringiu a gramaticalização como a um epifenômeno. Já a ciência do sistema complexo ocupa-se da língua-enquanto-processo.

discursivas, semânticas e gramaticais. Essas categorias são produtos, respectivamente, da lexicalização, discursivação, semanticização e gramaticalização.

A articulação entre esses sistemas ocorre, de acordo com Castilho (2004), por meio de um dispositivo sociocognitivo que administra os sistemas linguísticos, ativando, desativando e reativando itens lexicais. Durante a interação, por exemplo, os participantes do ato de fala decidem administrar o léxico, por meio das propriedades ativar, reativar ou desativar. Esse dispositivo tem características do elemento "social", porque se baseia nos participantes do ato de fala, situações que ocorrem em uma conversa e que trazem características do elemento "cognitivo"; e porque lida com categorias cognitivas criadas pela comunidade de fala, como a visão, espaço, tempo, movimento, etc. Esses princípios de ativação, reativação e desativação são compreendidos como elementos que operam simultaneamente, e não mais sequencialmente, o que, desse modo, compromete a unidirecionalidade, "se estivermos considerando os mecanismos intersistêmicos de produção linguística" (CASTILHO, 2014, p. 95). Embora tal compreensão abale o entendimento de um trajeto linear presente na unidirecionalidade, a nosso ver, em função do reconhecimento da complexidade e da dinâmica da língua, a teoria multissistêmica traz consideráveis acréscimos às discussões realizadas.

A administração dos processos lexicalização, discursivação, semanticização e gramaticalização, como já mencionados anteriormente, ocorre por meio dos princípios da ativação, reativação e desativação. Em face desses pressupostos, faremos um recorte e descreveremos esses princípios vinculados somente ao que mais nos interessa: a gramaticalização.

- O princípio de ativação das propriedades gramaticais (gramaticalização) desencadeia a morfonologização e a sintaticização.

A morfológização foi o que ocorreu com o futuro românico, em que *habere*, por exemplo, transforma-se no morfema {re}, ou {e}, se considerar que {r} é morfema do infinitivo. "Formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em presas, gramaticalizando-se como afixo": A forma trissilábica *habeo*, na formação do futuro românico, reduziu-se ao ditongo *ei*. (CASTILHO, 1997, p. 46).

Esse dispositivo é responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais da língua.

- A reativação produz a regramaticalização (poligramaticalização e reanálise).

A formação do futuro passou pelo processo de reanálise

[...] Seja a expressão *haec dicere habeo* “disponho de algumas coisas para dizer”, em que *habeo* é Possessivo, tendo *haec* por objeto direto. Numa primeira reanálise, ela passou a ser interpretada como [*haec dicere*] *habeo*, “tenho que dizer estas coisas”, em que todo o segmento entre colchetes foi analisado como objeto direto de *habeo*, ao mesmo tempo em que este verbo deixava de ser Possessivo, transformando-se em Auxiliar Modal. Numa segunda reanálise, aumenta a conexão sintática entre *dicere* e *habeo*, *haec* passa a complemento desse conjunto, reinterpretando como *haec [dicere uro [habeo]]* “tenho de dizer algo”. Esta última reanálise abriu as portas à fusão fonológica da expressão entre parênteses, surgindo assim o novo morfema de Futuro {re}, desaparecendo os morfemas { -bo/am} do latim culto. (CASTILHO, 1997, p. 54)

- A desativação das propriedades gramaticais (desgramaticalização) explica a categoria vazia, de que se encontram exemplos na Fonologia (como erosão fonética), na Morfologia (morfema flexional zero) e na Sintaxe (elipse de constituintes sentenciais).

Um morfema que foi trabalhosamente construído pode desaparecer. É o momento máximo de exaustão da estrutura, e anúncio da retomada do processo inicial, por meio do qual uma expressão perifrástica o fará surgir novamente (CASTILHO, 1997, p. 46), como em:

Ex: *Amare iva > Amaria > ia amar*
Amare habeo > amarei > vou amar

A unidirecionalidade, nessa teoria, pode ser admitida no interior dos subprocessos: fonológico, morfológico e sintático, uma vez que os subsistemas de Fonologia, Morfologia e Sintaxe são estruturalmente determinados. Assim,

¹²Grammaticalization is limited to three subprocesses: phonologization, morphologization and syntacticization. Unidirectionality may be admitted inside this system, since the subsystems Phonology, Morphology and Syntax are structurally determined. The action of the sociocognitive device provides the basis for grammaticalization, regrammaticalization (like *antes > dantes*) and

¹²Gramaticalização é limitada em três subprocessos: fonológico, morfológico e sintático. A unidirecionalidade pode ser admitida no interior deste sistema, uma vez que os subsistemas de Fonologia, Morfologia e Sintaxe são estruturalmente determinados. A ação do dispositivo sociocognitivo fornece a base para a gramaticalização, regramaticalização (como *antes > dantes*) e desgramaticalização (como grau zero da gramaticalização).

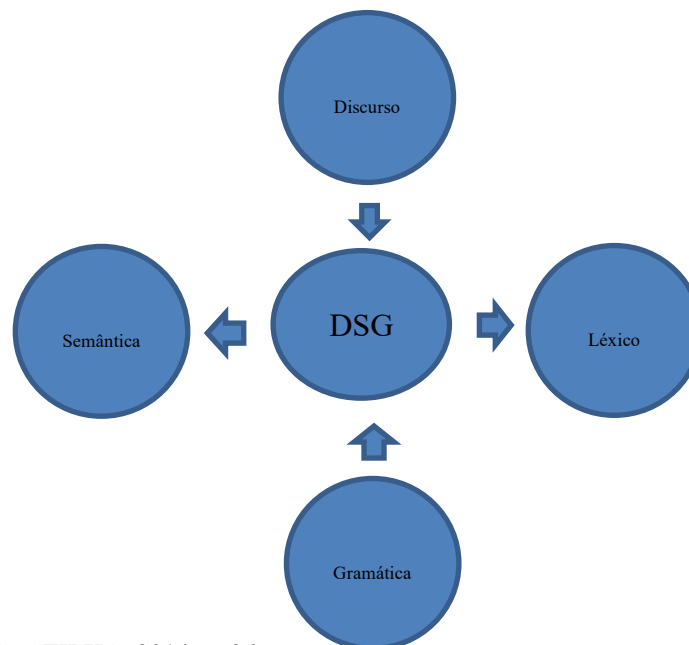
degrammaticalization (like degree zero of grammaticalization) (CASTILHO, 2004, p. 44).

Reconhecemos, portanto, que a unidirecionalidade, na redução fonológica em *Amare habeo*, fez surgir o futuro sintético, conforme exposto:

amarábeo > amáraveo > amarayo > amaray > amarei.

Para uma melhor compreensão da abordagem multissistêmica, apresentamos o seguinte gráfico proposto por Castilho (2014):

Gráfico 1 - Abordagem multissistêmica apresentada por Castilho (2004)



Fonte: CASTILHO, 2014, p. 96

No gráfico 01, DSG (dispositivo sociocognitivo) irradia flechas que indicam que esse dispositivo central se relaciona com os sistemas linguísticos quer seja no léxico, quer seja na gramática, quer seja na sintaxe, quer seja na semântica. Nessa exposição, não há regras de dependência entre os domínios, nem linhas que demonstrem anterioridade ou posterioridade, como seria peculiar a uma proposta que defendesse à unidirecionalidade. Reconhece-se, assim, que as categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais convivem em subsistemas auto-organizados e que são multilineares, não havendo, dessa forma, a possibilidade de derivar categorias umas das outras e de haver uma única direção.

Baseados nos pressupostos da teoria multissistêmica, podemos admitir, na análise que ora realizamos, ao lado da unidirecionalidade, a proposta de multidirecionalidade no fenômeno estudado. Essa afirmação se baseia nos seguintes argumentos:

1. A ocorrência do processo inverso do nosso objeto de estudo: a formação perifrástica para o futuro, conforme o exposto no Quadro 4.

O processo que ocorreu no latim (forma analítica > forma sintética) acontece de forma inversa no português brasileiro atual (forma sintética > forma analítica).

Quadro 4 - Formação do futuro

Latim Clássico	Latim Vulgar	Língua românica	Português brasileiro
Futuro sintético	Futuro Analítico	Latim sintético	Futuro analítico
Ex: <i>Amabo</i>	Ex: <i>Amare habeo</i> <i>Amar ia</i>	Ex: <i>Amarei</i> <i>Amaria</i>	Ex: <i>Vou amar</i> <i>Ia amar</i>

Durante o Latim Clássico, o futuro se apresentou na forma sintética (*Amabo*). Mais tarde, no Latim Vulgar, o verbo *haver* sofreu um processo de auxiliarização (*Amare habeo*), passando a fazer parte da perífrase para o futuro, que, de início, codificava modo, com ideia de obrigatoriedade. Ao transitar de verbo pleno a auxiliar, o verbo *haver* perdeu seu sentido original, ao indicar futuro/modalidade. Depois dessa constituição (futuro sintético), retoma-se o processo novamente, contudo, dessa vez, na ordem: sintético > analítico, como apresentado anteriormente.

2. Não podemos dizer exclusivamente de uma unidirecionalidade, na medida que as noções de espaço e de futuro/modalidade coexistem, há tempos, por meio do verbo *ir*.

Estudos empreendidos por Coelho (2006, p.137) atestam que, já no período arcaico, a gramaticalização de *ir* não se encontrava em estágio inicial, o que sugere, segundo a autora, que o processo de gramaticalização desse verbo iniciou-se em período anterior, ou seja, quando era falado o galego-português, o romance ou mesmo o latim. Segundo Menon (2000, p.232), a gramaticalização de *ir* como auxiliar é muito antiga na língua. (GONÇALVES, 2012, p. 406)

3. Diante da hipótese de Oliveira (2004) da formação do condicional por meio do *ir* (infinitivo + *ia*), mencionada na seção anterior, podemos supor que o *ir* deixou de ser um afixo e passou a ser auxiliar (*ia amar*). Mais uma vez, ele se aglutinou a um infinitivo e formou o futuro condicional (*amaria*) do Português Brasileiro e, atualmente, apresenta-se em forma de perífrase. Assim, questionamos a unidirecionalidade da gramaticalização proposta por Hopper e Traugott (1993), uma vez que o *ir*, que anteriormente era afixo, passou a ser verbo auxiliar.

Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > Clítico > afixo



Afixo < verbo auxiliar

Amaria < **ia** amar

Assim, com o exposto, facilmente visualizamos que uma forma que era presa tornou-se livre, o que contraria o pressuposto da unidirecionalidade, no qual, durante a mudança linguística, estabelece-se um *continuum*: em que itens linguísticos passam de uma condição mais gramatical (verbo auxiliar) para uma menos gramatical (afixo), e não ao contrário (afixo > auxiliar).

A gramaticalização tem sido entendida como um trajeto linear do léxico > gramática, e não ao contrário. Mas, diante do que foi exposto aqui podemos entender que é possível um trajeto inverso. Por isso, concordamos com a proposta multissistêmica, de que o sistema seria melhor analisado se não vistos, somente, de forma linear, hierárquica e unidirecional, mas sim de maneira independente, em uma inter-relação, como observado no gráfico proposto por Castilho (2014). Ao pensarmos na mudança linguística, seria propício, baseados na abordagem multissistêmica, situarmos as perdas e os ganhos de maneira radial – sem deixar de lado a regularidade da língua –, por meio de movimentos múltiplos e simultâneos.

Além disso, estudos diacrônicos mostram que, além da evidência da mudança unidirecional, alguns elementos linguísticos são encontrados em estágios anteriores da língua. Isso nos leva a repensar no princípio da unidirecionalidade.

Se observássemos nosso objeto de estudo apenas do ponto de vista sincrônico, poderíamos, contudo, reafirmar o processo de gramaticalização por meio do princípio da unidirecionalidade: um item lexical (*ir* em seu sentido pleno de movimento) passou a ser gramatical (abstratização). Contudo, ao analisarmos na perspectiva diacrônica, podemos supor

uma mudança de direção, uma vez que, na formação do futuro condicional, o *ir* deixou de ser um afixo e passou a ser auxiliar (ia amar). É digno, portanto, concordar com Castilho (2004) e ampliarmos a nossa visão, compreendendo que, ao lado de um possível princípio da unidirecionalidade, há a possibilidade de coexistência do princípio da multidirecionalidade, pelo menos na análise do nosso fenômeno.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos a seleção do material para análise de dados. As amostras se distribuem entre os séculos XX e XXI e correspondem a duas modalidades da língua: oral e escrita. Abordamos, aqui, sobre a constituição dos *corpora* orais; o contexto histórico dos jornais e a ferramenta de comunicação *blog*. Por fim, tratamos do envelope de variação, descrevendo os fatores linguísticos internos e externos (sociais) utilizados neste estudo.

4.1 Modalidade Oral

Do ponto de vista metodológico, a escolha pela **modalidade oral** nos permite conhecer a língua em sua essência, identificando importantes elementos estruturais do sistema linguístico. Conforme Castilho (2012), na oralidade, nada se apaga, o que permite uma inspeção privilegiada; o interlocutor e o locutor constroem um texto de modo interacional e simultâneo, por isso o resultado é um texto com descontinuações sintáticas, repetições de sentença, entre outros elementos.

Olson e Torrance (1991/1995 *apud* Castilho, 2012), compreendendo a especificidade da língua falada, afirmam que nessa modalidade o sentido é construído no contexto, ao passo que na língua escrita o sentido está no texto.

São por essas caracterizações da língua falada que buscamos desenvolver um estudo nessa modalidade. Objetivamos verificar, na língua em produção, a funcionalidade do nosso objeto e descrevê-lo, observando as tendências de uso.

4.1.1 Coleta de dados

Em um plano sincrônico, extraímos dados de dois ¹³*corpora*: Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). São analisados, no total, amostras de fala de 12 informantes: 6 do PPVC e 6 do PCVC. Nessa distribuição, selecionamos, nos *corpora* PPVC e PCVC, três falantes do sexo feminino e três do sexo masculino.

O material selecionado para o *corpora* oral pode ser melhor visualizado nos Quadros 5 e 6:

¹³₄₁ O *corpora* foi constituído por meio da colaboração de bolsistas de Iniciação Científica (doravante IC) (Fomento - FAPESB, CAPES, UESB) que são integrantes do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em SocioFuncionalismo - CNPq e, também, com a participação de voluntários.

Quadro 5 - *Corpus* Português Popular de Vitória da Conquista

Informante	Sexo	Idade
GNB	F	24 anos
CDS	F	31 anos
ELC	F	96 anos
LBR	M	16 anos
SAA	M	37 anos
JAP	M	79 anos

Quadro 6 - *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista

Informante	Sexo	Idade
CBS	F	21 anos
ASA	F	39 anos
KAC	F	53 anos
FSLB	M	19 anos
HFDS	M	36 anos
DAO	M	51 anos

4.1.2 Entrevista

Para constituição do *corpora*, a coleta de fala ocorreu de acordo com critérios da Tradição Sociolinguística. Foram desenvolvidos dois momentos: a gravação e a transcrição de entrevista. Para gerar um documento de língua falada, a gravação durou cerca de 60 minutos e foi transcrita segundo a chave de transcrição elaborada pelo Professor Dr. Dante Lucchesi (Projeto Vertentes).

Para realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro de perguntas pré-estabelecido. Os questionamentos tinham o propósito de incitar respostas subjetivas referentes a assuntos como educação, religião, política, esporte e música. No entanto, o entrevistador, em virtude de alguma eventualidade, como empolgação do informante, tinha a liberdade de modificar a sequência das perguntas, a fim de que a conversa acontecesse da forma mais espontânea.

4.2 Modalidade escrita

Enquanto na oralidade, o planejamento e a execução da língua falada ocorrem simultaneamente; na modalidade escrita o planejamento e a execução não coincidem no tempo. Além dessa característica, Castilho (2012) assinala que a língua escrita possui ainda outro caráter: a ausência do interlocutor. Na ausência física do leitor, o escritor, com expectativas projetadas sobre este, utiliza-se de várias estratégias, como o emprego de expressões mais explícitas. Em relação ao espaço de tempo entre o planejar e o executar, ele afirma que essa condição permite o retorno à produção textual para realizar possíveis correções. Esses processos resultam em texto mais elaborado, com uma sintaxe mais especializada.

Tendo essas considerações e convencidos de que a Tradição Gramatical tem influência na língua escrita, nosso propósito é verificar, nessa modalidade, a existência e a distribuição das variantes do futuro verbal com *ir*, verificando os elementos que podem estar condicionando o uso dessas variáveis.

4.2.1 Jornais do século XX

Com os objetivos supracitados, recorreremos a 5 jornais do município de Vitória da Conquista do século XX: *O Combate* (1957), *O Sertanejo* (1962), *Jornal de Conquista* (1970), *Tribuna do Café* (1984) e *Tribuna do Café* (1996), disponibilizados no Arquivo Municipal de Vitória da Conquista. Deles extraímos dois textos de cada década, correspondendo um total de 10 reportagens/notícias¹⁴. Os jornais selecionados são de décadas diferentes, para que fosse possível fazer um estudo comparativo das variáveis. Pela dificuldade em localizar um jornal que permaneceu sendo veiculado no decorrer das décadas de 50 a 90, tivemos que realizar um estudo com periódicos diversificados. Nesse estudo diacrônico, a seleção de gêneros textuais, como crônica, editorial, não foi um fator considerado, uma vez que esses jornais apresentam abordagens textuais bastante diversificadas se confrontados entre si. Mas, ainda assim, buscamos notícias que se referiam a acontecimentos mais genéricos sobre a cidade. Em suma, vejamos no Quadro 7 os jornais e os títulos das matérias correspondentes:

¹⁴É importante frisar que não estabelecemos a diferença entre reportagem e notícia.

Quadro 7 - Corporadiacrônico (Século XX)

Décadas (Século XX)	Jornais	Títulos
1957	O Combate	<ul style="list-style-type: none"> • O caso Carlos Lacerda • Primeira derrota da Comissão de Justiça
1962	O Sertanejo	<ul style="list-style-type: none"> • Conquista verá personagens da Walt Disney • Cães estão sendo escondidos
1970	Jornal de Conquista	<ul style="list-style-type: none"> • Via Dutra terá nova iluminação e sistema de segurança perfeito • Respíngos Políticos
1984	Tribuna do Café	<ul style="list-style-type: none"> • Lindoya vai desaparecer da Praça Barão do Rio Branco • Conquistense vai festejar Cosme e Damião
1996	Tribuna do Café	<ul style="list-style-type: none"> • Coleta de lixo alternada começa semana que vem • Feiras livres de Conquista vão ser lavadas semanalmente

4.2.2 Contexto histórico dos jornais

Tratamos aqui, brevemente, do contexto histórico da formação dos jornais, por acreditarmos que ele possa ter influência na produção das notícias. Conforme a *Revista Histórica – 100 anos de Jornalismo em Vitória da Conquista*, o município baiano teve, oficialmente, por iniciativa de advogados, seu primeiro jornal impresso em 1911, denominado *A Conquista*. Mas, na verdade, desde 1910, a cidade contava com grandes intelectuais, como professores, poetas, escritores, que se reuniam em torno das *gazetas locais*, como eram conhecidos os jornais locais, propulsando artigos, poesias, etc.

Boa parte dos proprietários e colaboradores dos jornais possuíam relações com famílias tradicionais que controlavam o poder na região, pessoas ligadas à política, entre outros. Assim, fica evidente quando se nota o tipo de notícias que eram veiculadas nesses impressos. Eles abordavam desde acontecimentos importantes a pequenos embates entre políticos. Enquanto hoje se pressupõe que um jornalismo deva ser informativo, o modelo da imprensa em Conquista figurava, segundo a *Revista Histórica*, a pregação de doutrinas e a conscientização da população. Tinha ainda o propósito de formar cidadãos, e de legitimar ações políticas das principais lideranças. Em alguns jornais do século XX, havia anúncios de casamentos, aniversários, viagens de comerciantes da cidade, entre outras notícias do gênero. Assim, o jornalismo em Vitória da Conquista mesclava opiniões e informações das mais diferentes conjecturas.

4.2.3 Blogs do século XXI

Dando continuidade à investigação das perífrases, seguimos para o século XXI. Para análise desse período, optamos pela escolha do *blog*¹⁵, visto que ele tem sido muito utilizado, neste século, como um canal de informações. Além disso, sabemos que o *blog* requer uma dinamicidade de notícias em curto período de tempo, o que resultaria em um texto escrito muito próximo da língua em uso. Assim, acreditávamos que eles apresentariam ora características da língua falada, ora características da língua escrita, com uso de regras propostas pela Tradição Gramatical.

Com essas considerações, selecionamos 12 textos referentes à “coluna” de esporte, do período do mês de setembro a novembro de 2015. A escolha por esse gênero textual se deu

¹⁵*Blog* jornalístico é considerado uma ferramenta *online* na qual informações são veiculadas de forma dinâmica e às vezes pessoal.

em virtude de acreditarmos que ele apresentaria uma quantidade significativa de variáveis para o futuro, uma vez que faz referência a acontecimentos que ainda ocorrerão, como o anúncio de uma partida programada.

As amostras da escrita pertencem a dois *blogs* do município de Vitória da Conquista: *Blogdo Rodrigo Ferraz e Blog da Resenha Geral*. Optamos por *blogs* de redatores com mais de 11 anos de escolarização, uma vez que esses, possivelmente, já obtiveram contato com as regras da Tradição Gramatical. Verificamos, então, se, apesar de ser um texto escrito voltado para a oralidade, as regras da Tradição Gramatical preponderaram sobre as escolhas das variantes, no caso em específico, o futuro verbal.

Nessa investigação aqui delineada são considerados e analisados fatores linguísticos internos e grupo de fatores externos que podem favorecer o uso da perífrase com o verbo *ir*. Discutimos na seção seguinte as variáveis linguísticas e, logo após, as variáveis extralinguísticas.

4.3 Fatores linguísticos

As variáveis linguísticas controladas para análise dos dados são: Paradigma verbal; Pessoa verbal; Marca de futuro fora do verbo; Animacidade do sujeito e Forma verbal (*tense*) do *ir*, conforme descrito nas subseções.

4.3.1 Paradigma verbal

Considerando o critério morfológico, distribuimos os dados em verbos regulares, que são os que possuem uma regularidade quanto à sua conjugação, como *cantar – cantarei*, e verbos irregulares, que apresentam um padrão especial, distanciando-se do modelo da conjugação ao qual pertence, como *dizer – digo*.

A hipótese aventada é de que a substituição do futuro sintético pelo perifrástico ocorreria primeiro nas formas regulares e posteriormente nas irregulares. Segundo Bybee (2003, *apud* Fonseca 2010), o fato de verbos irregulares terem padrões especiais de desinências, ficariam estocados na memória do falante como sendo únicos, por esse motivo eles teriam uma resistência contra a variação.

4.3.2 Pessoa verbal

Na comunicação, as pessoas do discurso podem ou não apresentar uma relação com o fato anunciado. Assim, nossa hipótese é de que as primeiras pessoas (eu/nós) sejam condicionantes para seleção da perífrase, por estar envolvidos com a realização de um evento, por exemplo. Acreditamos que esse comprometimento faz com que o falante seja mais enfático e por isso empregue a perífrase.

4.3.3 Marca de futuridade fora do verbo (advérbio de tempo)

Como já vimos na primeira seção, Ilari (1997) afirma que, além das marcas morfológicas, a expressão de tempo pode depender de outros elementos, como o advérbio. Nós aventamos aqui que, para a realização das perífrásticas com o verbo *ir*, os elementos circunstanciais não são condicionantes.

4.3.4 Animacidade do sujeito

Se supormos que as primeiras pessoas favorecem o uso das perífrases, a caracterização semântica do sujeito com traço [+ humano] também condicionaria o uso do futuro analítico, dado que esses pronomes apontam para entidades animadas. Segundo Castilho (2012), traços semânticos [+humano] subordinam-se ao traço [+ animado], visto que um referente animado não precisa ser necessariamente humano. Para nossa análise, selecionamos os fatores:

- Sujeito animado humano (substantivo próprio humano/ pronome pessoal)
- Sujeito animado não humano (animais)
- Sujeito inanimado (outros substantivos)
- Sujeito abstrato (nome coletivo que envolve traço [+ humano], mesmo que o termo seja um substantivo comum).

4.3.5 Forma verbal (*tense*) do *ir*

Compreendendo que os verbos auxiliares operam como especificadores do sintagma nominal, cujo núcleo são formas nominais (particípio, gerúndio e infinitivo), consideramos o estatuto categorial do verbo *ir*. Nossa hipótese é de que a forma verbal do *ir* no futuro do presente e no futuro do pretérito se restringe à modalidade escrita.

4.4 Variáveis extralinguísticas

Um conjunto de parâmetros sociais nos permite observar a variação do Português Brasileiro. Para análise do nosso objeto de estudo, consideramos a faixa etária, o sexo e a escolaridade dos informantes dos *corpora* orais. Na modalidade escrita, não houve preocupação com a classificação de faixa etária e sexo, uma vez que não é possível controlar esses fatores. A falta de identificação dessas referências do escritor inviabiliza o controle dessas variáveis.

4.4.1 Faixa etária

O controle desse tipo de fator pode nos fornecer indícios do processo de mudança. Indica, em tempo aparente, se o comportamento dos informantes em relação à variável configura um quadro de mudança ou uma variação estável.

Esclarecemos que adotamos a dicotomia [+ jovem] e [- jovem] para realizarmos essa abordagem. Assim as faixas são especificadas como fator + jovens e – jovens. Sendo as Faixa 1 (15 a 25) e Faixa 2 (26 a 49) consideradas + jovens em oposição à Faixa etária 3 (acima de 50 anos).

Nesta dissertação, nossa hipótese é de mudança em progresso, por isso a Faixa 1 seria responsável pelos maiores índices de ocorrências das perifrásticas com o *ir*.

4.4.2 Sexo

Estudos envolvendo a variável sexo, como o de Paiva (2003), afirmam que as mulheres tendem a usarem uma forma mais prestigiada e evitam empregar formas pouco valorizadas pela comunidade na qual vivem. Conforme Paiva (2008), não se pode rejeitar que tanto a implementação da mudança como a ocorrência de certas variantes que envolvem a

forma padrão e forma não padrão estão associadas a gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis femininos e masculinos.

A hipótese clássica sobre as mulheres fazerem uso de formas mais prestigiadas está associada à situação social e à questão sociocultural da classe feminina. Se outrora, as mulheres estavam apenas voltadas para as atividades do lar, atualmente elas ocupam funções em espaços públicos diversos. Isso resulta em maior produtividade em relação a aspectos profissionais e intelectuais, comprometendo assim seu comportamento linguístico.

4.4.3 Escolaridade

Ao controlarmos essa variável, objetivamos investigar qual a influência do nível de escolaridade no comportamento linguístico do falante. Restringe-se ao português culto, indivíduos com mais de 11 anos de escolaridade, e ao português popular, informantes que não têm acesso a escolarização ou possuem até 5 anos de escolarização. A nossa expectativa é a de que o informante do português culto empregue a estrutura sintética, enquanto o falante do português popular tenha preferência pela forma perifrástica de futuro.

Com a delimitação dos dados para a análise, passemos para análise e discussão dos resultados.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Motivados pela pergunta “como tem sido expressado o futuro na língua portuguesa”, deparamo-nos com a hipótese de que há diferentes formas linguísticas para expressar a função de futuridade, na atualidade. Assim nós reconhecemos a existência das variadas possibilidades de estruturas para expressar futuridade. Nós, na presente dissertação, atentamo-nos às formas de futuro constituídas pelo verbo *ir*. Se por um lado, há uma forma padrão, reconhecida na Tradição Gramatical, como o futuro simples, como no exemplo: *João viajará mês que vem*; por outro, contamos, no Português Brasileiro, e, em específico, nas amostras do vernáculo conquistense, outras formas nas quais a futuridade é estabelecida por meio de uma estrutura mais inovadora, como a constituição de uma perífrase verbal com o verbo *ir*. No trecho (14), por exemplo, um informante utiliza uma perífrase, ao ser questionado sobre sua preferência por *novela*:

Sei lá, {ININT} que novela tem... tem o dom de... de *envolvê* as pessoas, né? Aí você *parô*, assistiu você aí... ‘*cê* fica: “Eu quero *vê* o que **vai acontecer** amanhã... [eu] quero *vê* o que **vai acontecer** amanhã.” Entendeu? ... (GNB- PPVC)

A forma perifrástica *vai acontecer* poderia ser substituída por *irá acontecer* ou pela forma sintética do futuro do presente *acontecerá*, ou mesmo pelo presente do indicativo *acontece*, que, conforme vimos, embora o tempo do verbo esteja no presente, traz, inúmeras vezes, o valor de futuro. Isso evidencia a existência de muitas formas diferentes para a expressão de um mesmo valor. Em outras palavras, podemos afirmar que existem diversas alternativas, na língua em uso, para se tentar dizer uma mesma “coisa”.

Em face dessas possibilidades, descrevemos as variantes perifrásticas para o futuro, encontradas nas modalidades oral e escrita e questionamo-nos: o que motiva, do ponto de vista linguístico (estrutural) e do ponto de vista extralinguístico (social), o falante a escolher uma estrutura ao invés da outra? Para alcançar respostas a essa pergunta, selecionamos fatores linguísticos e fatores extralinguísticos que poderiam ser a razão da escolha do interlocutor por determinada forma. Mas, inicialmente, apresentamos as variantes encontradas na modalidade oral (*Corpus PPVC* e *Corpus PCVC*) e discutimos os resultados das amostras, considerando o paradigma verbal; a pessoa verbal; a marca de futuridade fora do verbo (advérbio de tempo); animacidade do sujeito e forma (*tense*) verbal do *ir*. Em relação aos fatores extralinguísticos, controlamos a faixa etária, o sexo e a escolaridade.

5.1 Resultados gerais do *Corpus* PPVC e *Corpus* PCVC

Diante da hipótese de que a forma simples do futuro do presente está sendo substituída, na linguagem oral, pela forma perifrástica *ir* no presente + infinitivo, analisamos amostras da elocução informal extraídas do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC).

Com relação ao valor de futuro realizado por meio dos verbos nos enunciados, encontramos, durante o exame desses *corpora*, 6 variantes para a expressão de futuridade, a saber: (15) futuro do presente; (16) futuro do pretérito; (17) perífrase com *ir* no presente; (18) perífrase com *ir* no pretérito imperfeito; (19) presente e (20) pretérito imperfeito. Vejamos:

(15) É... teve Fiorin, também, então assim são coisas que a gente tem *oportuni...* a oportunidade de ver agora, só que outras pessoas que um dia **entrarão** na graduação não **poderão** ter acesso, né, porque já são pessoas mais velhas então ninguém sabe até quando, né, *{risos}* eles **estarão** aí... (PCVC - CBS)

(16) Hum... olha, eu acho que não. **Tiraria** alguns vizinhos que são impertinentes, mas o resto *tá* tudo certo. (PCVC – ASA)

(17) É... ano passado conversaram lá e disseram que eu **vou ficar** lá mesmo [*it is good*], é bom. (PCVC – FSLB)

(18) *Tava* fazendo né... acabar com a fome... *esses negocio* assim... fome zero... mas *pri...* primeiro também eu **ia cuidar** em primeiro lugar da saúde. (PCVC-KAC)

(19) Eu fui no que [teve] agora. Na ot0a seman que vem **eu vô**. (PPVC - LBR)

(20) [...] se eu pudesse eu **mudava** daqui. (PCVC - KAC)

Decidimos segmentar as formas de futuro simples em(a) futuro do presente e(b) futuro do pretérito para verificarmos se há mudança nos dois tempos verbais. Acreditávamos que a perífrase para expressar um acontecimento futuro em relação a um fato passado estaria no mesmo nível de mudança da forma perifrástica para o futuro do presente. O que não foi confirmado nos dados.

Sob uma visão geral dos dados, verificamos que, no *Corpus* PPVC, as ocorrências com a perífrase com *ir* no presente foram muito produtivas, ou seja, analisando o critério de frequência, podemos afirmar que foram menos marcadas, comparadas com as outras variáveis para o futuro. Já, no *Corpus* PCVC, a forma simples do futuro do pretérito atingiu maiores

índices de uso. Observamos ainda que, nesses *corpora*, não há a construção: *ir* no futuro do presente + infinitivo.

Os resultados das variantes encontradas em ambos os *corpora* estão apresentados na Tabela 1 e descritos logo a seguir.

Tabela 1 - Ocorrências totais das variantes perifrásticas e da forma sintética de futuro encontradas nos *corpora* PCVC e PPVC

Variantes	PCVC	PPVC
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	67/164 40,8%	77/116 66,4%
<i>Ir</i> no pretérito imperfeito + infinitivo (futuro condicional)	9/164 5,5%	4/116 3,4%
Futuro do presente	8/164 4,9%	1/116 0,9%
Futuro do pretérito	80/164 48,8%	34/116 29,3%

Considerando apenas o Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC), foram encontrados 164 dados, sendo 67 (40,8%) do *ir* no presente + infinitivo; 9 (5,5%) do *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo (condicional); 8 (4,9%) do futuro do presente e 80 (48,8%) do futuro do pretérito, para a expressão de futuridade. O que nos leva a perceber que, além do repertório de alternativas para o futuro, o informante do Português Culto utiliza mais a forma futuro do pretérito em oposição à forma do futuro do presente, menos utilizada.

No Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC), para expressar o futuro, os resultados encontrados em 116 variantes foram: 77 (66,4%) do *ir* no presente + infinitivo; 4 (3,4%) do *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo; 1 (0,9%) do futuro do presente e 34 (29,3%) do futuro do pretérito. Nesse *corpus*, o futuro perifrástico, composto pelo verbo *ir* no presente + infinitivo, foi a forma mais produtiva, seguida da forma do futuro do pretérito, que teve destaque no *Corpus* PCVC. É possível observar ainda que as formas *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo e futuro do presente foram pouco produtivas em ambos os *corpora*.

Mesmo diante da porcentagem significativamente mais alta da forma do futuro pretérito no *Corpus* PCVC, os demais resultados dos dados obtidos podem ser considerados,

sensivelmente, análogos. Isso nos permite realizar a junção dos dados referentes aos *corpora*, em alguns momentos. Na subsecção seguinte, realizamos uma comparação entre os resultados dos dados do futuro do presente analítico *versus* sintético e do futuro do pretérito analítico *versus* sintético dos *corpora* PPVC e PCVC.

5.1.1 Futuro do presente analítico vs futuro sintético nos corpora PPVC e PCVC

Comparando os *corpora*, como já mencionamos, a forma perifrástica *ir* no presente + infinitivo teve uma ocorrência maior no *Corpus* PPVC e no *Corpus* PCVC se comparada à forma simples do futuro do presente. Podemos, então, afirmar que o futuro do presente, na forma de perífrase, é a variante preferida na modalidade oral. Isso pode significar que essa perífrase está sobrepujando a estrutura sintética do futuro do presente, tanto no português culto quanto no português popular. Conforme podemos constatar na Tabela 2.

Tabela 2 - Forma perifrástica para o futuro do presente vs Futuro do presente sintético

Variantes	PCVC	PPVC
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	67/164 (40,8%)	77/116 (66,4%)
Futuro do presente	8/164 4,9%	1/116 0,9%

No *Corpus* PPVC, encontramos, dos 116 dados, apenas 1 ocorrência da forma simples do futuro do presente, apresentada no trecho (21). Inferimos que essa ocorrência se deu, somente, em virtude de ser uma reprodução à citação do versículo bíblico “Deus proverá”, encontrado em Gênesis XXII, 14, tornando-se uma expressão cristalizada¹⁶, muito comum na linguagem popular.

(21) Deus proverá {risos} final do ano quando Deus *mandá* meu carro {risos} (PPVC - GNB)

Apesar da existência desse exemplo, podemos afirmar que a forma sintética do futuro do presente, na linguagem oral do *Corpus* PPVC, está com uma diminuição muito

¹⁶A construção “Deus proverá” é hodiernamente utilizada em ritos católicos carismáticos: “Deus provê, Deus proverá, Sua misericórdia não faltará”. <http://blog.cancaonova.com/deusprovera/terco-da-providencia/>. Acesso em 05/02/2016.

significativa de uso, comparando com a forma perifrástica. Já, no *Corpus PCVC*, dos 164 dados somente 8 (4,87%) correspondem ao futuro do presente sintético. Isso nos revela um baixo índice de frequência de uso dessa estrutura e permite-nos inferir a possibilidade de uma mudança em curso.

5.1.2 Futuro do pretérito analítico vs futuro do pretérito sintético nos corpora PPVC e PCVC

Quanto ao futuro do pretérito, notamos que a forma sintética ainda prevalece na língua falada do *Corpus PCVC* e no *Corpus PPVC*. As ocorrências com a perífrase com *ir* no pretérito imperfeito foram baixas, ou seja, mais marcadas. Do total de 114 dados concernentes à forma simples do futuro do pretérito, extraídos dos corpora PPVC e PCVC, apenas 13 correspondem à forma analítica. Segundo Longo e Campos (2002, p. 465) o baixo índice de ocorrência do futuro do pretérito com o verbo *ir*, “explica-se porque o futuro do pretérito é normalmente usado com valor modal, sendo a interpretação temporal pouco frequente”. Com valor modal, a forma sintética prevalece na língua, exprimindo polidez ou hipótese. Apesar de ser uso pouco recorrente, a perífrase para a formação do futuro do pretérito é uma forma inovadora que convive com a conservadora, como comprovado na Tabela 3.

Tabela 3 - Forma perifrástica para o futuro do pretérito vs futuro do pretérito sintético

Variante	PCVC	PPVC
<i>Ir</i> no pretérito imperfeito + infinitivo (futuro condicional)	9/164 5,5%	4/116 3,4%
Futuro do pretérito	80/164 48,8%	34/116 29,3%

Diante dos resultados das amostras dos corpora PCVC e PPVC, concluímos, em suma, que, entre as variantes perifrásticas para expressar futuridade, o *ir* no presente + infinitivo é a primeira variante mais usada e vem substituindo a estrutura sintética do futuro do presente. O uso dessa forma simples está com uma diminuição muito significativa na linguagem oral. O exame da língua falada nos revela ainda que o futuro do pretérito sintético

é a segunda mais empregada, e a perifrástica para o futuro do pretérito não tem ganhado totalmente o espaço no sistema linguístico.

Não podemos afirmar, portanto, que, de modo geral, todas as perífrases para o futuro, constituídas a partir do verbo *ir*, estão em processo avançado de mudança, mas podemos asseverar que tais formas têm tido o seu uso expandido para uma indicação de futuro. Os resultados aqui expostos serão ainda comparados com resultados de outras pesquisas, como a tese de Oliveira (2006) e a dissertação de Fonseca (2010).

Com a finalidade de compreender esse processo de variação/mudança da forma de futuro, na próxima subsecção, apresentamos alguns resultados de análise dos *corpora* do português falado a partir da seleção das variáveis linguísticas.

5.2 Variáveis Linguísticas nos *corpora* PPVC e PCVC

Com o pensamento de que fatores internos ao sistema linguístico podem influenciar na realização de uma ou outra variante, controlamos para análise dos dados da modalidade oral as variáveis linguísticas: paradigma verbal; pessoa verbal e marca de futuridade fora do verbo.

5.2.1 Paradigma verbal

Inferindo que está ocorrendo uma mudança em curso, propomos que esse processo avançaria primeiro nas formas regulares e tardiamente nas irregulares. Com as amostras das perífrases para a formação do futuro do presente e futuro do pretérito no *Corpus* PCVC e *Corpus* PPVC, confirmamos nossa hipótese nos dados.

Primeiramente, apresentamos os resultados obtidos por meio do exame da língua falada no *Corpus* PPVC. Para uma melhor descrição metodológica e na medida em que as ocorrências da perífrase para o futuro do pretérito são relativamente baixas, não segmentamos o futuro em perifrástica para o futuro do presente e perifrástica para o futuro do pretérito. Computamos, nesse *corpus*, o total de 81 dados, desses 50 (61,7%) são compostas por verbos regulares e 31 (38,3%) por verbos irregulares. Verifiquemos na Tabela 4.

Tabela 4 - Paradigma verbal na formação das perífrases para o futuro do presente e futuro do pretérito no PPVC

Fator	Ocorrências	Percentual
Regular	50/81	61,7%
Irregular	31/81	38,3%

Nas amostras do *Corpus* PCVC, também é confirmada a hipótese de que os verbos regulares possuem um alto índice de uso na estrutura perifrástica e, por isso, seriam os primeiros a participarem do processo de mudança. Das 76 perífrases de futuro, 46 (60,5%) são formadas por verbos regulares e 30 (39,5%), por verbos irregulares, como nos mostra a Tabela 5.

Tabela 5 - Paradigma verbal na formação das perífrases para o futuro do presente e futuro do pretérito no PCVC

Fator	Ocorrências	Percentual
Regular	46/76	60,5%
Irregular	30/76	39,5%

Nos dados é revelada uma frequência maior da perífrase em verbos regulares, por isso podemos afirmar que a variável paradigma verbal constitui uma motivação para seleção das variantes perifrásticas.

Quando analisamos, nos *corpora*, o paradigma verbal no futuro do presente simples, verificamos que, ao contrário das perifrásticas, esse tipo de estrutura comporta mais verbos irregulares do que verbos regulares. Vejamos nos exemplos (22); (23); (24) e (25).

(22) Olha a Cida...a educação em Conquista ela *tá* um *pôco* deixando a desejar, né, até mesmo *po...* esses índices que a gente viu agora do IDEB que saiu *eh...* a cidade ficou em um dos últimos lugares, e isso é algo preocupante porque as pessoas que entram na universidade, que são o futuro da... da nação, da cidade, vêm dessa... das escolas, então é algo que preocupa por conta do nível mesmo do... de.. de... de profissionais que teremos no futuro. Então se a educação básica não *tá* boa, os profissionais que **farão** o vestibular... as pessoas que **farão** vestibular que se **formarão** também não *vaitá* bom, então eu acho que é o que *dev'* ser *melhorad'* na cidade que deve te... ter um... os governantes têm que olhar com mais carinho a educação na cidade porque *tá* um pouco complicado. (CBS –PCVC)

(23) É teve Fiorin também, então assim são coisas que a gente tem *oportuni...* a oportunidade de ver agora, só que outras pessoas que um dia **entrarão** na graduação não **poderão** ter acesso, né, porque já são pessoas mais velhas, então ninguém sabe até quando, né, *{risos}* eles **estarão** aí... (CBS- PCVC)

(24) É... eu... acho... que já ficou já... já... deixei claro o porquê né por conta disso né: é uma cidade que ainda consegui guardar essa... essa... essas... características de... de... cidade pequena embora tenha essa né... é... no...*nois* tenhamos também característica de cidade grande que acho que esse... esse... meio termo é... eu acho muito interessante em Conquista é uma cidade que ah... *tá* crescendo né... então ... é... está ai aberta as possibilidades eu acho que isso **trará** problemas também e já tem né...acarretado alguns problemas mais é uma cidade que... no meu entender é uma cidade boa né de se viver não tenho muito a acrescentar (HFD-PCVC)

(25) Ah... na verdade esse esse proxi... nas próximas férias no próximo recesso da Universidade eu não vou poder viajar por conta da... ah... minha qualificação *tô* me preparando pra pra esse momento então eu vou ter que me concentrar né na escrita do... do texto pra melhorar o texto então eu não vou ter condição de viajar né se... provavelmente eh... pessoas da minha família viajarão, *mais* eu eu mesmo não **tere**i condição que eu tenho que tá concentrado pra pra esse momento. (HFD-PPVC)

Dos 8 verbos, na forma de futuro do presente, encontrados nos *corpora*, apenas 2 são regulares: *formar* e *entrar*. De acordo com Oliveira (2006), o fato de verbos irregulares admitirem mais futuro simples do que os regulares pode estar associado à extensão vocabular, já que grande quantidade de verbos irregulares possuem apenas duas sílabas.

Quando tratamos do paradigma verbal na forma sintética do futuro do pretérito, evidenciamos que os verbos regulares prevalecem também nesse tipo de estrutura. Das 80 ocorrências da forma simples de futuro do pretérito, 47 (58,75%) são compostas por verbos regulares e 33 (41, 25%) são verbos irregulares. Vejamos na Tabela 6.

Tabela 6 - Paradigma verbal no futuro do pretérito sintético (PPVC)

Fator	Futuro do pretérito	Percentual
Regular	47/80	58,75%
Irregular	33/80	41,25%

Frente aos resultados dos dados da língua falada dos *corpora* PPVC e PCVC, podemos concluir que – quanto ao Paradigma verbal – os verbos regulares, que seguem um padrão geral em termos morfológicos, favorecem a aplicação da regra da perífrase.

Oliveira (2006) e Fonseca (2010), em suas pesquisas, encontraram resultados semelhantes aos que aqui apresentamos.

5.2.2 Pessoa verbal

Na hipótese associada à pessoa verbal, está previsto que o futuro perifrástico seria mais utilizado com a primeira pessoa do singular, uma vez que o uso dessa pessoa expressa

maior comprometimento com a ação verbal no enunciado. Faz-se necessário esclarecer que, na presente dissertação, ao nos referir à pessoa verbal, consideramos a forma *a gente* como primeira pessoa do plural; o pronome *você* como 2ª pessoa do singular e *vocês* como 2ª pessoa do plural. Em virtude do baixo índice de futuro do pretérito perifrástico, decidimos agrupá-lo ao futuro do presente perifrástico.

Mesmo com a decisão de unir os tempos verbais perifrásticos, apresentamos, em separado, alguns exemplos que ilustram a variação na 1ª pessoa do singular (P1) no futuro do pretérito e a variação na 3ª pessoa do singular (P3), referente ao futuro do presente:

Futuro do Pretérito: P1 (1ª pessoa do singular)

(26) Aí foi fácil assim porque ela *tava* do meu lado e me ensinava, me ajudava bastante, mas, no caso, foi... porque eu tive muito nova mas *num* foi muito difícil porque eu tinha ela do meu lado que eu sei que seria muito mais difícil se eu *num* tivesse ela do meu lado... aí seria muito difícil aí eu *numia sabê* nem o que eu [fazia] mas como ela *tava* do meu lado me *ensinano* foi fácil (GNB-PPVC).

(27) O que eu **mudaria** era o hospital. E... e... os *hospital*... os *hospital* e os *post*... que eu **mudaria** (CDS – PPVC).

Futuro do presente: P3 (3ª pessoa do plural)

(28) É porque na verdade se você *fôfazê* uma comparação: tem duas amigas, de repente aparece um... um... um... um homem na história e as duas se interessam, **elas vão deixá** de *sê* amigas. (ASA – PCVC)

Assim como Fonseca (2010), consideramos que as variantes para o futuro possuem equivalência semântica, pois elas pertencem ao mesmo domínio funcional: marcação de tempo futuro – do presente ou do pretérito. Assim, os enunciados (27) e (28) poderiam ser substituídos respectivamente por *saberia* e *ia mudar*, sem alterar o sentido pretendido. Da mesma maneira, os informantes, nos enunciados (28) e (23), poderiam optar por *deixarão*; *vão entrar*; *vão poder* e *vão estar*.

Na constituição da perífrase para o futuro (*ir*+infinitivo), a conjugação do verbo *ir* na primeira pessoa exprime um maior grau de certeza da realização do estado das coisas no futuro. Essa maior probabilidade de acontecimento, segundo Oliveira (2006, p. 186), está associada ao envolvimento/comprometimento do falante em relação ao enunciado que

profere. Já, ao utilizar a terceira pessoa, Fonseca (2010) afirma que haveria um menor comprometimento com o que se é dito, pois o falante se reporta a fatos que ainda acontecerão com uma terceira pessoa. Por esse motivo, nossa expectativa era de que as ocorrências na terceira pessoa fossem baixas.

Dos 155 dados analisados, 74 (47,7%) correspondem à primeira pessoa; 14 (9%), à segunda pessoa do singular, 51 (32,9%) se referem à terceira pessoa. Esse resultado ratifica nossa hipótese para as ocorrências com a primeira pessoa e contradiz com a proposição de que as amostras na terceira pessoa fossem significativamente baixas. Vejamos as ocorrências na Tabela 7.

Tabela 7 - Pessoa verbal nos *corpora* PPVC e PCVC

Fator	Ocorrências do PPVC	Ocorrências do PCVC	Ocorrências totais
1ª pessoa (P1 - eu)	43/74	31/74	74 (47,8%)
2ª pessoa (P2- tu/você)	5/14	9/14	14 (9,0%)
3ª pessoa (P3 - ele/ela)	23/51	28/51	51 (32,9%)
1ª pessoa do plural (P4 -nós/a gente)	4/6	2/6	6 (3,9%)
2ª pessoa do plural (P5 - vós/vocês)	1/1	-	1 (0,6%)
3ª pessoa do plural (P6 - eles/elas)	3/9	6/9	9 (5,8%)

No enunciado (29), está a amostra de orações sem sujeito, constituídas pelo verbo impessoal *fazer*, pouco recorrente nos *corpora*. Mas podemos classificá-lo no grupo P3, uma vez que os verbos impessoais estão associados a 3ª pessoa do singular.

(29) Eu acho..., porque... **vai fazê**... fez um ano, **vai fazê** dois agora... é, porque eu casei em dezembro do *anpassad*, daí fez um ano, aí agora vem o *otr*...já vem mais agora, aí **vaifazer** dois... dois ano. (CDS – PPVC)

Podemos concluir que, nas amostras de língua falada dos *corpora* PPVC e PCVC, foi a primeira pessoa que favoreceu o uso do futuro perifrástico; entretanto, o percentual em P3 revela também um favorecimento à implementação da perífrase.

Em síntese, os resultados apresentados nesta dissertação nos surpreenderam, tendo em vista que não esperávamos que as ocorrências da forma sintética do futuro do pretérito fossem a primeira mais utilizada no vernáculo do *Corpus* PCVC. Dos 164 dados, 80 (48,8%) correspondem ao futuro do pretérito simples. Diante disso, acreditamos que essa frequência alta se deu em virtude do monitoramento da fala dos informantes, que, por já terem tido contato com a gramática normativa aderiram à mensagem de que a forma sintética é a estrutura “correta”.

5.2.3 Marca de futuridade fora do verbo

Compreendendo que a futuridade não é somente marcada na unidade lexical, mas também pelo adjunto que a segue na sentença, conferimos a presença de advérbios e locuções adverbiais de tempo nos enunciados extraídos dos *corpora* PPVC e PCVC. Enquanto o presente do indicativo, normalmente, é acompanhado de um advérbio, quando se pretende denotar posterioridade, como *Amanhã chego cedo*, nossa hipótese é de que as formas analíticas não dependem do modificador verbal para expressar futuridade.

Antes de apresentarmos as amostras, parece-nos importante expor o conceito de adjuntos adverbiais de tempo. De acordo com Silva (1997), eles indicam em que circunstâncias ocorre um determinado evento ou estado de coisas; respondem à pergunta *quando* e atuam como categorias dêiticas. Em (14), por exemplo, o advérbio *amanhã* pode ser a resposta à pergunta: *quando*.

(14) Sei lá, {ININT} que novela tem... tem o dom de... de *envolvê* as pessoas, né? Aí você *parô*, assistiu você aí... ‘*cê* fica: “Eu quero *vê* o que **vai acontecer amanhã**... [eu] quero *vê* o que **vai acontecer amanhã**.” Entendeu? ... (GNB- PPVC)

Diante dos dados, notamos que a quantidade de circunstancializadores de tempo era muito baixa; nossa hipótese, então, foi confirmada. Nesse caso, apreendemos apenas uma análise qualitativa das amostras.

Observamos além disso que mesmo que alguns advérbios, como *agora*¹⁷(do latim *hac hora*), com significado de *neste momento*, denotem prototipicamente um sentido de momento presente, as perifrásticas, nos trechos (31) e (32), remetem a um futuro. Em (30), o enunciado

¹⁷Ressaltamos, no entanto, que, na dissertação *Agora: o funcionamento de um item linguístico*, a pesquisadora Andréia Prado Lima registra que o item linguístico “agora” possui escopo temporal ampliado; nesse caso, reflete o valor de presente, mas com referência temporal futura.

apresenta uma locução adverbial de tempo *esse ano*, composto por um dêitico (*esse*) que localiza o fato no tempo sem defini-lo. Concluimos, com isso, que não é um advérbio que determina a noção de futuridade.

(30) aí, ficava longe pra *mim* ir pra escola e vim pro trabalho, mas, **esse ano**, com fé em Deus, eu **vôvê** o que eu posso *fazê*, que eu *tô quereno vôtá a estudá* (SAA-PPVC).

(31) Então, né, pras próximas férias, eu queria arranjar um emprego na... num ligava não tranquilo, mas assim eu **vou descansar** um pouco, né, **vô** também **dar** uma estudada pros processos de especialização que **vai ter agora**, processo seletivo *eh...* e *descansá* porque você fica aqui quatro anos e dois deles ser direto, sem férias por conta de disciplina de férias ou trabalhos acadêmicos que foram passados pra gente durante as férias, então a gente não descansa então **vô aproveitá** também pra *descansá* bastante, porque é preciso (CBS- PCVC)

(32) Ah. Elas ia também *pa roça* [onde], eu ia ou não, elas ficava na casa. Tinha umas que era casada. Casei um bocado de moça. Pra ir, eu botava dento de casa *paprendêfazê* as coisa, né, aí tinha que *aprendê*. [Gente de barro, que é o *barrêro* aí e a *muié* ININT o dedo no *barrêro*] {risos} a que a *tava arrancano* o barro, aí perdeu tudo, não dá mais vazia não, **agora vai quemá**, quebra tudo. Aí eu fui e mandei *busca*, daí três légua, três carga de barro e eu mandei ela *pisá* tudo e *passá* numa *penêra* fina e fiz cada pote oh. Eu fazia vazia assim um monte. (ELC – PPVC)

Nesses enunciados, o advérbio temporal atua somente como reforço à noção de futuridade já contida na forma *ir* + *infinitivo*. Entendemos ainda a não necessidade de advérbios acompanharem as perífrases para o futuro quando nos deparamos com o que Silva (1997) afirma:

Semanticamente, enquanto o gerúndio evidencia um presente e um caráter durativo (construindo) e o particípio expressa uma ação de sentido perfectivo, situando-a no passado (construído), o infinitivo indica uma ação de caráter prospectivo, orientada para o futuro. (SILVA, 1997, p.117)

Segundo a autora, o verbo no infinitivo carrega em si mesmo um caráter prospectivo, e a ideia de movimento do auxiliar *ir* parece contribuir para expressão de futuridade. Mas, apesar de a forma sozinha conter um sentido prospectivo, é, efetivamente, na interação que a forma se realiza. Vejamos no exemplo a seguir:

(33) Ele manda as coisa lá + [el] nem precisava, mas só que [el] fica *mandano* tudo lá. Aí ele pode vim não. Ai só quando tiver as férias dele lá. Aí el vai mandar o dinheiro *p0a* mim **ir ficar** mais el lá. <*toman0o* coisa>*toman0o* conta das coisas [del] (LBR-PPVC)

Ao relatar, ao entrevistador, a relação que o possui com o pai e o desejo de viajar para encontrar-se com ele, o informante faz uso da forma *ir ficar*. Como assinalado anteriormente, entendemos que essa estrutura se refere à posterioridade, em virtude do contexto em que está inserido, do uso do infinitivo e do verbo *ir* que denota o sentido de deslocar-se de um lugar para outro.

Para Oliveira (2006), a expressão adverbial apresenta maior incidência nas formas de presente. Como a futuridade não está implícita na forma do presente, o advérbio atua como marcador dessa noção. Dessa forma, podemos compreender, também, que o advérbio *agora*, registrado na ocorrência (31), embora, tradicionalmente, relacionado ao tempo presente, pode estar, no enunciado [...] *processos de especialização que vai ter agora* [...], trazendo, como afirma Lima (2014), a referência ao tempo futuro.

Diante do que foi exposto até aqui, chegamos à conclusão que a forma perifrástica *ir* + infinitivo é, sem dúvida, com relação ao subprincípio da frequência, a forma menos marcada, ou seja, a mais utilizada nos *corpora* PPVC e PCVC. Provavelmente, nessa estruturação, os elementos semânticos contribuem para a noção de futuridade do enunciado, como o próprio verbo *ir*, que sugere posteridade, e o infinitivo. Segundo Silva (1997, p. 117), o infinitivo “possui marca aspectual de prospecção oriunda da neutralização da oposição existente entre gerúndio e particípio”. Os advérbios e as locuções adverbiais de tempo, por sua vez, que estão muitas vezes presentes nos enunciados, então, apenas têm a função de enfatizar a posterioridade implícita na perífrase, não são, contudo, elementos determinantes para construção perifrástica de futuro.

5.2.4 Animacidade do sujeito

O estabelecimento dessa variável teve como motivação a hipótese de traço [+ humano]. Devido ao favorecimento da perífrase na primeira pessoa do singular (P1), aventamos que o sujeito da oração apresentasse um traço animado [+ humano]. Vejamos os enunciados (34); (35); (36) que demonstram essa relação:

Sujeito animado

(34) Olha eu... eu... eu...como eu ainda não estou eh...em história da arte, não estou ainda estudando eh...exatamente isso que eu quero, **eu** não **vô sabê** te *explicá* alguns detalhes. (ASA – PCVC)

Sujeito inanimado

(35) Não assim tudo que eu faço assim eu penso bastante nas consequências [do que] **vai acontecer** e tal então eu nunca me arrependi... já me arrependi assim em alguma discussão alguma coisa que eu falo “poxa eu podia ter dito isso na cara daquela pessoa” (CBS – PCVC)

Sujeito abstrato

(36) Na verdade eu não sei, mas acho que vai *sê* bem interessante. **As pessoas**, a princípio, **vão se interessá** muito. Pelo menos a curiosidade, né? (ASA – PCVC)

Em virtude das baixas ocorrências com as perifrásticas expressando o futuro do pretérito, optamos por unir os dados. Observemos os resultados apresentados na Tabela 8

Tabela 8 - Animacidade do sujeito nos *corpora* orais

SUJEITO	PPVC	PCVC
Animado humano	66/81 81,5%	67/76 88,1%
Animado não humano	-	-
Inanimado	11/81 13,6%	5/76 6,6%
Abstrato	4/81 4,9%	4/76 5,3%

Observamos, nessas estruturas, que o traço [+humano] do sujeito é favorável na gramaticalização do *ir*, tanto no *Corpus* PPVC (81,5%) quanto no *Corpus* PCVC (88,1%). Durante a análise dos dados, não encontramos o sujeito animado [-humano]. Segundo Bybee et al.(1994), inicialmente os verbos de movimento apresentam o sentido de intenção do falante, mas ao se gramaticalizarem, tornando-se verbos auxiliares de futuro, passam a atribuir um sentido de predição. Nesse sentido, a animacidade do sujeito [+ humano] é um contexto favorável para a realização da perífrase, conforme também apresenta a pesquisa de Oliveira (2006). Na análise dos jornais dos anos 70, a autora revela que não houve ocorrências de sujeito [+ animado]. Porém, o sujeito abstrato, que também possui o traço [+ humano], apresentou percentual maior para o futuro perifrástico.

5.2.5 Forma verbal (*tense*) do verbo *ir*

Para confirmar nossa hipótese de que a realização do *ir* no futuro do presente (*irá fazer*) na constituição da perifrástica é própria da língua escrita, buscamos nos *corpora* PPVC e PCVC esse tipo de estrutura. Como já suponhamos, não encontramos nenhum registro desse dado. Podemos afirmar, nesse caso, que o tipo de texto favoreceu o uso do *ir* no futuro + infinitivo.

Realizada a descrição e análise das variáveis linguísticas por nós selecionadas, mais adiante, na subseção 5.3, são considerados, na descrição das variáveis em questão, fatores externos (sociais) – faixa etária, sexo e escolaridade – que podem ser responsáveis pela motivação da escolha da variante perifrástica.

5.3 Variáveis extralinguísticas

Sustentados pelas abordagens teóricas Sociolinguística e Sociofuncionalistas, podemos afirmar que os fatores linguísticos e fatores extralinguísticos (sociais) estão inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística, uma vez que ela começa não somente pela pressão do sistema linguístico, mas por motivações sociais, pela necessidade que o falante tem de ser mais expressivo, criando assim novas formas para funções já existentes. A faixa etária, por exemplo, é uma variável sociolinguística que nos revela a tendência à mudança; o sexo nos mostra que homens e mulheres, dentro de uma determinada cultura, possuem comportamentos diferenciados frente à língua; e a variável escolaridade permite-nos compreender e relacionar se acontece e/ou como acontece, na comunicação, o uso ou não da forma padrão associado aos anos de escolarização.

5.3.1 Faixa etária

A faixa etária do informante nos permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de uma variação estável ou de mudança em andamento. Os jovens, por exemplo, fazem uso das variantes mais inovadoras, enquanto os indivíduos mais velhos são mais conservadores quanto à estrutura linguística.

Partindo da hipótese de mudança em curso, nossa expectativa era que, tanto no *Corpus* PPVC quanto no *Corpus* PCVC, as formas perifrásticas fossem mais empregadas

pelos mais jovens, enquanto que o futuro simples estivesse sendo usado com mais frequência na fala dos informantes mais conservadores.

Apresentamos, nas Tabelas 9 e 10, as ocorrências totais das formas perifrásticas, comparando-as com as formas sintéticas de futuro encontradas, respectivamente, nos *corpora* PPVC e PCVC. Em seguida, visualizadas as duas tabelas e seus respectivos resultados, discutimos os dados.

Tabela 9 - Distribuição das quatro variantes por faixa etária do informante do PPVC

Variantes	Faixa etária		
	Faixa 1 15 a 25	Faixa 2 26 a 49	Faixa 3 Mais de 50
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	18/81 19,5%	34/81 42,8%	29/81 37,7%
<i>Ir</i> no pretérito imperfeito + infinitivo	3/4 75%	1/4 25%	-
Futuro do presente	1/1 100%	-	-
Futuro do pretérito	13/34 38,2%	21/34 61,8%	-

Tabela 10 - Distribuição das quatro variantes por faixa etária do informante do PCVC

Variantes	Faixa etária		
	Faixa 1 15 a 25	Faixa 2 26 a 49	Faixa 3 Mais de 50
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	21/67 31,3%	31/67 46,3%	15/67 23,4%
<i>Ir</i> no pretérito imperfeito + infinitivo	6/9 66,7%	1/9 11,1%	2/9 22,2%
Futuro do presente	6/8 75%	2/8 25%	-
Futuro do pretérito	26/79 32,9%	48/79 60,8%	5/79 6,3%

De acordo com os resultados das Tabelas 9 e 10, verificamos que, tanto no *Corpus* PPVC quanto no *Corpus* PCVC, a Faixa etária 2 possuem altos índices de uso do *ir* no presente + infinitivo, ou seja, é faixa que mais favorece o uso da perífrase. Esse resultado pode ser explicado pela pressão social. Os falantes dessas faixas etárias estão mais sujeitos às pressões normativas da língua, por provavelmente estarem inseridos no mercado de trabalho. Assim, os dados apresentados não correspondem à nossa expectativa. Segundo Fonseca (2010), conforme se aumenta a faixa etária (da faixa 1 para 2), os indivíduos são menos sujeitos a pressões do mercado de trabalho, então, tornam-se mais livres das imposições sociais.

Contudo, constatamos que essa variante (*ir* no presente + infinitivo) é bem produtiva em ambas as faixas, o que demonstra que essa estrutura não sofre estigma, como a forma *vou ir*, empregada na região de Vitória da Conquista.

Fonseca (2010), em sua dissertação, confirmou nas amostras de fala do Banco de Dados IBORUNA a hipótese: falantes mais jovens produzem futuro analítico. Na faixa etária de 15 a 25 anos, o índice percentual foi de 67,7%. Contudo, nas faixas 36 a 55 anos e + de 55 anos, houve uma leve inversão: falantes da faixa etária de + de 55 anos produziram mais a analítica (71,9 %) do que os jovens de 36 a 55 anos (44,8%).

A tese de Oliveira (2006) apresenta resultado semelhante aos nossos. Nas amostras de fala formal, a faixa intermediária, com 94%, é a que mais favorece a forma *ir* no presente + infinitivo, presumindo assim a variação estável e contrariando a hipótese de mudança em curso.

5.3.2 Sexo

A variável sexo é importante na análise, já que, do ponto de vista da Sociolinguística, Funcionalismo e Sociofuncionalismo, ela pode influenciar a escolha de uma ou outra forma linguística. Conforme Paiva (2003), o sexo feminino é líder quando se trata de implementar na língua uma estrutura socialmente prestigiada e possui uma atitude conservadora frente a uma forma socialmente desprestigiada. Assim, assumimos a hipótese de que as mulheres são as líderes no processo de implementação da perífrase nos *corpora* PPVC e PCVC.

Os resultados das análises dos dados podem ser vistos nas Tabela 11 e Tabela 12.

Tabela 11 - Variável sexo no *corpus* do PPVC

Variantes			Feminino	Masculino
Futuro analítico	(<i>ir</i> no		57/81	24/81
presente e	pretérito		70,4%	29,6%
imperfeito				

Tabela 12 - Variável sexo no *corpus* do PCVC

Variantes	Feminino	Masculino
Futuro analítico	42/76	34/76
	55,3%	44,7%

Nos resultados apresentados nas Tabelas 10 e 11 está enviado que as mulheres apresentam, tanto no *Corpus* PPVC quanto no *Corpus* PCVC, um percentual maior para o futuro perifrástico, liderando, pois, o uso da forma inovadora. O que nos faz ratificar que essa forma não é, de maneira alguma, estigmatizada. Essa tendência também é confirmada na tese de Oliveira (2006), em que o número de dados (perífrases) extraídos do texto do tipo Elocução Formal (EF's – anos 70) é expressivamente maior (88%) para as mulheres.

5.3.3 Escolaridade

O grupo de fator nível de escolaridade é relevante numa pesquisa quando se almeja averiguar a influência dessa variável na seleção, pelo falante, da estrutura padrão ou não-padrão. Por isso descrevemos aqui, por meio de comparação, o resultado das amostras das variantes do futuro produzidas pelos informantes do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). Para isso, consideramos informantes do PCVC os que possuem escolaridade acima de 11 anos e falantes do PPVC pessoas sem escolaridade ou com até 5 anos de escolarização.

Controlamos esse grupo de fator sob a expectativa de que os falantes que foram submetidos à escolarização (*Corpus* PCVC) tenham preferência pela variante mais conservadora. O uso das formas sintéticas requer um conhecimento específico de desinências, o que exige maior preocupação com a norma linguística prestigiada, preparo linguístico por parte dos falantes. Quanto aos informantes restritos ao segmento de menor ou de nenhuma escolarização (*Corpus* PPVC), assumimos a hipótese de que eles apresentem maior frequência

de uso das variantes analíticas. Apresentamos na Tabela 13 a seguir as ocorrências dos *corpora* PPVC e PCVC.

Tabela 13 - Nível de escolaridade na variante perifrástica para o futuro

	Até 5 anos de escolarização	Acima de 11 anos de escolarização
<i>Ir no presente + infinitivo</i>	77/116 66,4%	67/164 40,8%
<i>Ir no pretérito imperfeito + infinitivo</i>	4/116 3,4%	9/164 5,5%
Futuro do presente	1/116 0,9%	8/164 4,9%
Futuro do pretérito	34/116 29,3%	80/164 48,8%

Quanto às variantes para o futuro do presente, nas amostras, está revelada uma tendência de ambos os falantes apresentarem ocorrências de uso da forma perifrástica do futuro do presente (*ir no presente + infinitivo*). No entanto, os que possuem até 5 anos de letramento fazem mais uso da perífrase para o futuro do presente (66,4%) do que os que possuem um maior nível de escolaridade (40,8%). A diferença encontrada nesse percentual tem relação com a produtividade, por parte desses falantes, da forma conservadora do futuro. Apesar das baixas frequências, os que tiveram o acesso à cultura letrada por um período maior de tempo produzem mais usos da forma sintética (4,9%), enquanto os que tiveram menor instrução quase não a utilizam (0,9%). Como já vimos anteriormente, prevalece apenas uma ocorrência, considerada cristalizada, apresentada no enunciado (21).

O que diz respeito às variantes para o futuro do pretérito, notamos o reverso das amostras das variantes para o futuro do presente, ambos os informantes realizam a perífrase para o futuro do pretérito. Contudo, os que possuem mais de 11 anos de escolaridade tendem a usar mais a perifrástica (5,5%), como nos mostra a Tabela 13. Conforme se aumenta o nível de escolaridade se estende o número de ocorrências de uso da forma sintética do futuro do pretérito (48,78%). Comparando o nível maior de escolaridade, os falantes com até 5 anos de letramento produzem menos as formas analítica (3,4%) e sintética (29,3%).

Diante do exposto, nossa hipótese pode ser confirmada, pois os falantes com maiores instruções tendem a fazer mais uso das formas sintéticas, tanto no futuro do presente (mesmo

com baixa frequência) quanto no futuro do pretérito. Só não esperávamos que as ocorrências das perífrases *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo fossem menos marcadas nesses falantes.

Além disso, com relação ao grau de escolaridade e a tendência a usar a forma de prestígio, podemos observar o que diz Fonseca (2010). Segundo a autora, o futuro sintético resiste ao sistema por causa do modo de ensinar o emprego de – ra (re) tônico ao tema como a forma correta de marcar o futuro. De fato, isso se confirmou nos dados de sua dissertação: 79% das amostras de futuro do presente sintético foram produzidos por falantes mais escolarizados.

Em resumo...

Em face dos *corpora* PPVC e PCVC, podemos obter as seguintes conclusões quanto ao grupo de fatores selecionados para análise descritiva:

- **Paradigma verbal:** Nos *corpora* PPVC e PCVC, os verbos regulares favorecem o uso da perífrase, ficando o futuro sintético restrito aos verbos irregulares. Porém notamos também um aumento de uso para perífrase nos verbos que não seguem um padrão geral.
- **Pessoa verbal:** Os dados da modalidade oral revelam que a primeira pessoa do singular tende a favorecer o uso das perífrásticas para o futuro, uma vez que indica uma maior assertividade em relação ao futuro.
- **Marca de futuridade fora do verbo:** Presença de advérbios e locuções adverbiais não condicionam a perífrase. Notamos que o contexto e as próprias características do infinitivo e do verbo *ir* denotam o sentido de futuridade na estrutura perífrástica.
- **Animacidade do sujeito:** conforme hipotetizamos o futuro perífrástico é empregado na língua em contextos em que o sujeito apresenta traço [+humano].
- **Forma verbal (*tense*) do ir:** Não encontramos na modalidade oral a estrutura *ir* no futuro + infinitivo. Acreditamos que essa perífrase é própria da escrita.
- **Faixa etária:** Nos *corpora*, a faixa intermediária é a que mais favorece a forma inovadora, o que pode indicar uma mudança estável.
- **Sexo:** As mulheres lideram o processo de mudança no que diz respeito ao uso das perífrases. O sexo feminino se sobressai quando se trata de uma estrutura socialmente prestigiada.

- **Escolaridade:** As formas perifrásticas são produzidas pelos informantes dos *corpora* PPVC e PCVC. Contudo, a forma perifrástica do futuro do presente tende a ser mais realizada pelos falantes com até 5 anos de escolarização. Um paradoxo nos resultados dessa análise é que, mesmo com ocorrências baixas, os informantes mais escolarizados produzem mais a perífrase para o futuro do pretérito do que os menos escolarizados.

Nessa análise-descritiva, foi possível concluir que, tanto no *Corpus* PPVC quanto no *Corpus* PCVC, os falantes têm preferência pela forma perifrástica do futuro do presente. Por outro lado, notamos uma oposição no uso das perífrases para o futuro do pretérito: as ocorrências do futuro do pretérito sintética são mais frequentes se comparadas com a estrutura analítica. Dessa forma, com a compreensão de que a perífrase do futuro do presente já se implementou na fala, na próxima subseção, examinaremos o uso da perífrase com o *ir* na modalidade escrita.

5.4 Análise da modalidade escrita

Como já mencionamos, no início desta dissertação, o futuro sintético é recomendado pela tradição gramatical como norma padrão da escrita, contudo essa prescrição não está acompanhando a dinamicidade da língua. Nesta subseção, objetivamos descreveras variantes perifrásticas par

a o futuro encontradas em textos que exijam certo grau de formalidade, verificando alguns fatores linguísticos que podem condicionar o uso. Determinamos para isso dois tipos de suporte: *Blogs* e Jornais. Apresentamos na seção 5.4.1, resultados da análise de fragmentos de textos de dois *blogs*, do tipo jornalístico que, apesar de serem um gênero que pertencem à modalidade escrita, muito se aproximam da oralidade. Na seção 5.5, são examinados trechos de jornais de século XX.

5.4.1 Século XXI: Resultado geral dos dados encontrados em Blogs

A presente análise reúne 12 (doze) textos extraídos de dois *blogs*¹⁸ jornalísticos de Vitória da Conquista. Os textos selecionados desse suporte são de conteúdo esportivo. Neles, encontramos cinco variantes: *Ir* no futuro do presente + infinitivo (Cf. 37); *Ir* no futuro do

¹⁸*Blog* jornalístico é uma ferramenta *online* na qual informações são veiculadas de forma dinâmica e às vezes pessoal.

pretérito + infinitivo (Cf. 38); *Ir* no presente + infinitivo (Cf. 39); Futuro do presente (Cf. 40) e Futuro do pretérito (Cf.41).

(37) Marielson **irá apitar** a partida entre o Flamengo e Coritiba, que acontece nesta quinta (17), às 21 horas. No estádio Mané Garrincha, em Brasília. (blogdorodrigoferraz.com.br)

(38) Segundo o regulamento da Federação, o clube que **iria sediar** seus jogos em estádio sem todos os laudos aprovados, terá que mudar seu mando de campo para estádios alternativos, indicados sempre pela FBF, o mais próximo possível das suas cidades, e que os seus laudos atendam aos pré-requisitos exigidos pela Lei 10.671/03, do Estatuto de Defesa do Torcedor. (blogdaresenhageral.com.br)

(39) Devido as obras, o Vitória da Conquista **vai mandar** seus jogos da Copa Governador do Estado, no estádio Edvaldo Flores. A competição começa no dia 17 de outubro, porém, o Bode estreia um dia depois contra o Bahia de Feira. (blogdaresenhageral.com.br)

(40) O brumadense João Isidoro de Almeida **lutará** neste sábado (24), no JungleFight 82, o atleta de MMA do Corinthians **enfrentará** o lutador Rodrigo Nocaute, da Nigue Team. (blogdorodrigoferraz.com.br)

(41) A estreia na Copa **poderia** ser melhor. Apesar de ficar na dianteira do placar por duas vezes, o alviverde não conseguiu segurar o Bahia de Feira e a partida terminou empatada em 2 a 2. (blogdorodrigoferraz.com.br)

Considerando que a forma perifrástica para o futuro do presente esteja quase em completude no estágio de mudança na fala e que a mudança ocorra primeiro na modalidade oral e, posteriormente, na escrita, nossa hipótese é que o futuro do presente sintético está sendo gradualmente substituído pela forma perifrástica na escrita. Dos 51 dados encontrados, 36 (70,6%) correspondem ao futuro do presente sintético e 15 (29,4%) são formas perifrásticas de futuro. Para melhor visualização, vejamos a Tabela 14.

Tabela 14 - Resultado das ocorrências sintéticas e analíticas encontradas nos *blogs*

Fator	Ocorrências totais	Percentual
Futuro sintético	36/51	70,6%
Futuro analítico	15/51	29,4%

Em detalhe, verificamos na Tabela 15 que das 51 ocorrências, 35 (68,6%) correspondem ao futuro do presente sintético; 8 (15,7 %) se referem ao *Ir* no futuro do presente + infinitivo; 6 (11,8%) são as formas de *Ir* no presente + infinitivo; 1 (1,95%) trata-se do *Ir* no futuro do pretérito + infinitivo e 1 (1,95%) diz respeito ao futuro do pretérito. Notamos que as construções *ir* no futuro do presente e *ir* no futuro do pretérito não são identificadas no *corpora* oral.

Tabela 15 - Resultado geral detalhado das ocorrências dos *blogs*

Fator	Ocorrências	Percentual
<i>Ir</i> no futuro do presente + infinitivo	8	15,7%
<i>Ir</i> no futuro do pretérito + infinitivo	1	1,95%
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	6	11,8%
Futuro do presente	35	68,6%
Futuro do pretérito	1	1,95%

Esse resultado nos revela que, diferente da modalidade oral, a forma sintética do futuro ainda é bastante frequente na escrita. Contudo, podemos ainda evidenciar que as perífrases estão ganhando espaço nesse tipo de texto. Nossa hipótese, então, pôde ser confirmada.

5.4.1 Variáveis Linguísticas

Nesta subseção selecionamos as variáveis linguísticas, a saber: paradigma verbal, pessoa verbal, marca de futuridade, animacidade do sujeito e forma verbal do *ir*.

É importante destacar que, na seleção desse *corpus*, não houve preocupação com a estratificação por faixa etária e sexo, uma vez que não é possível controlar esses fatores – a falta de identificação do sexo e a faixa etária do autor inviabiliza o controle dessas variáveis.

5.4.1.1 Paradigma verbal

Como já exposto na análise dos *corpora* PPVC e PCVC, admitimos que a forma perifrástica se implementa primeiramente nos verbos regulares –aqueles que seguem um padrão – para posteriormente incorporarem nas formas verbais irregulares. Durante a análise das amostras extraídas dos *blogs*, constatamos que, de fato, a incorporação da forma inovadora ocorre inicialmente nos verbos regulares.

Os verbos regulares correspondem a 90,9%, enquanto os irregulares são 9,1%. A quantidade reduzida de ocorrências, apresentadas na Tabela 16, dá-se em virtude das repetições das estruturas, como o verbo *será* que ocorre em 16 momentos. Por essa razão, o resultado não pôde ser conclusivo.

Tabela 16 - Paradigma verbal nas amostras perifrásticas dos *blogs*

Fator	Ocorrências	Percentual
Regular	10	90,9%
Irregular	1	9,1%

Segundo Bybee (2003), as estruturas de alta frequência resistem a mudanças e conservam na memória dos falantes como sendo especiais, visto que não seguem padrões regulares.

Oliveira (2006), em sua tese, chega à mesma conclusão que obtivemos aqui: o futuro perifrástico começa a fazer parte da escrita pelos verbos que seguem um padrão geral – os regulares. “E essa ação inibidora de um fator (verbos de padrão especial) se torna muito mais evidente nessa modalidade, que implica um maior planejamento linguístico”. (OLIVEIRA, 2006, p.158).

5.4.1.2 Pessoa verbal

A hipótese levantada sobre o fator pessoa verbal era que a perifrástica para o tempo futuro seria mais utilizada na primeira pessoa, uma vez que se compromete mais com o acontecimento. Contudo, nas amostras extraídas dos *blogs*, não houve nenhum caso de primeira pessoa, já que o gênero textual não permite o envolvimento entre o sujeito e o enunciado. O autor reporta-se a fatos acontecidos ou que ainda ocorrerão, por isso busca-se um menor comprometimento com o que é dito. Conforme ressaltamos anteriormente, consideramos, nessa análise, o pronome *você* como segunda pessoa do singular.

As amostras a seguir revelam as estruturas linguísticas encontradas na variação de terceira pessoa:

Futuro do presente P3 (3ª pessoa do singular)

(42) Árbitro conquistense **vai apitar** a partida entre Flamengo e Coritiba(blogdorodrigo.com.br)

(37) Marielson **irá apitar** a partida entre o Flamengo e Coritiba, que acontece nesta quinta (17), às 21 horas. No estádio Mané Garrincha, em Brasília. (blogdorodrigo.com.br)

(43) Ele **será** auxiliado pelo sergipano Cleriston Cay Barreto Rios e pelo Baiano Elicarlos Franco Oliveira. O 4º árbitro **será** o brasiliense Savio Pereira Sampaio.(blogdorodrigo.com.br)

Futuro do presente P5 (3ª pessoa do plural)

(44) Ponte Preta e Maru **irão disputar** na manhã deste domingo (30), no estádio Edvaldo Flores, o título de campeão do Campeonato Municipal de Futebol 2015, promovido pela LCDT. Na partida de ida, o Maru derrotou a Ponte Preta, pelo placar de 2 a 0.(resenhageral.com.br)

(45) Na tarde desta sexta (28), a LCDT definiu o trio de árbitros responsável pelo confronto. Apita Marcos Roberto Gonçalves, auxiliado por Juliana Amaral e Edimar Almeida. (resenhageral.com.br)

Futuro do pretérito P3 (3ª pessoa do singular)

(38) Segundo o regulamento da Federação, o clube que **iria sediar** seus jogos em um estádio sem todos os laudos aprovados, terá que mudar seu mando de campo para estádios alternativos, indicados sempre pela FBF, o mais próximo possível das suas cidades, e que os seus laudos atendam aos pré-requisitos exigidos pela Lei 10.671/03, do Estatuto de Defesa do Torcedor. (resenhageral.com.br)

(41)A estreia na Copa **poderia** ser melhor. Apesar de ficar na dianteira do placar por duas vezes, o alviverde não conseguiu segurar o Bahia de Feira e a partida terminou empatada em 2 a 2. (blogdorodrigo.com.br)

Apresentamos a Tabela 17o resultado dos dados:

Tabela 17 - Pessoa verbal nas amostras perifrásticas dos *blogs*

Fator	Perifrásticas	Futuro simples
2ª pessoa (P2- tu/você)	1/15 6,7%	-
3ª pessoa (P3 - ele/ela)	11/15 73,3%	31/36 86,1%
3ª pessoa do plural (P6 - eles/elas)	3/15 20%	5/36 13,9%

Nos dados da pesquisa, há uma evidencia de que, nos *blogs*, existe uma preferência pela terceira pessoa, principalmente acompanhado pela forma sintética de futuro. Não podemos afirmar, nesse caso, que a pessoa verbal favoreça a perifrástica para o futuro, já que

a notícia se caracteriza pela linguagem direta, formal e impessoal, fazendo frequentemente uso da terceira pessoa. Dessa forma, podemos afirmar que se trata de uma tendência de uso.

5.4.1.3 Marca de futuridade fora do verbo

Nossa hipótese inicial é a de que o futuro analítico não necessite de advérbio para expressar futuridade. Verificamos se essa proposição encaixa-se na modalidade escrita. Apresentamos a seguir as amostras em que são apresentadas locuções adverbiais de tempo.

(46) O evento do qual **irá participar esta noite** é considerado o maior de artes marciais mistas da América Latina.(blogdorodrigoferraz)

(47) **Neste ano**, a Seleção **vai enfrentar**, em casa, Venezuela e Peru (blogdorodrigoferraz)

(48) Salvador **vai receber** ainda **este ano** um jogo da Seleção Brasileira nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2018.(blogdorodrigoferraz)

(44) Ponte Preta e Maru **irão disputar** na **manhã deste domingo** (30), no estádio Edvaldo Flores, o título de campeão do Campeonato Municipal de Futebol 2015, promovido pela LCDT. Na partida de ida, o Maru derrotou a Ponte Preta, pelo placar de 2 a 0 (resenhageral.com.br)

Nos enunciados (46); (47); (48) e (44) estão apresentados os adjuntos adverbiais de tempo. Consideramos esses elementos termos acessórios que podem ser extraídos sem alterar a estrutura sintética da frase. Contudo, reconhecemos neles a importância para a compreensão da mensagem veiculada. Sabemos, por exemplo, que o dêitico *este* pode representar o tempo presente em relação à pessoa que fala, mas, no contexto em que está inserido – trechos (46); (47); (48) e (44) – e devido aos elementos semânticos em torno dele, entendemos que ele auxilia na apreensão de sentido de futuro próximo.

Semelhante ao resultado dos *corpora* do PPVC e PCVC, não foram muitas as ocorrências de perífrases acompanhadas de adjuntos adverbiais de tempo. No entanto, os outros adjuntos adverbiais são constantes em razão do gênero textual que requer termos que indiquem circunstâncias de tempo, meio e lugar – mas eles não condicionam o uso das perífrases, como observamos também nas teses de Oliveira (2006) e Silva (1997). Assim constatamos que advérbios e locuções adverbiais, em muitos casos, atuam na oração evidenciando o valor de futuridade.

5.4.1.4 Animacidade do sujeito

Em razão de os pronomes pessoais poderem apresentar atributos [+ ou - humano], uma vez que carregam marcas de gênero, determinamos como grupo de fatores Animacidade do sujeito, deduzindo que as perífrases têm o traço associado ao [+ humano].

Segundo Oliveira (2006), o futuro perifrástico implementa-se na língua em contextos em que o sujeito apresenta traço [+humano], e o futuro simples está restrito aos casos de sujeito com traço [- humano]. Isso implica um sujeito [+ humano] como fator importante no processo de gramaticalização da forma perifrástica *ir* + infinitivo. Os resultados da pesquisa de Oliveira revelam o maior percentual de uso do futuro perifrástico em relação ao traço [+ humano].

Lima (2001) explica que o verbo *ir*, com sentido de deslocamento, torna-se auxiliar de futuro por meio de um processo metafórico em que o sujeito é [+ humano]. Malvar (2003 *apud* Oliveira, 2006) ressalta que um sujeito [+ humano] confere maior grau de certeza e compromisso com a ação verbal, o que condicionaria o futuro analítico. O resultado de seu trabalho revelou que o sujeito não-animado seleciona o futuro sintético.

Seguem exemplos retirados dos *corpora*, categorizados a partir dos fatores elencados:

Sujeito animado humano

.(49) **Juliana Amaral e Naiara Pereira irão comporo** trio de árbitros sob o comando de Thiago Silvestre. A entrada **será** franca e é aguardando um bom público no Estádio Edvaldo Flores no Alto Maron.

Sujeito inanimado

(50) O amistoso faz parte de uma sequência de **jogos amistosos** que **irão acontecer** até a estreia do Bode na Copa Governador, edição 2015. (*resenhageral.com.br*)

Sujeito abstrato

(51)¹⁹ Em virtude da reforma e troca do gramado do estádio Lomanto Júnior, o **'bode'irá sediar** as suas partidas no Edvaldo (*blogdorodrigoferraz*)

A Tabela 18 mostra os resultados encontrados:

¹⁹ Na ocorrência (41), é uma espécie de apelido com o qual o time Vitória da Conquista é reconhecido. Caso esse bode fizesse referência a um animal, a categoria seria outra, a de animado não humano.

Tabela 18 - Animacidade do sujeito em *blogs*

Fator	Futuro simples	Futuro perifrástico
Animado humano	9/36 25%	4/15 26,7%
Animado não humano	-	-
Inanimado	24/36 66,7%	7/15 46,6%
Abstrato	3/36 8,3%	4/15 26,7%

Entre as amostras extraídas dos *blogs*, não encontramos sujeito animado não humano, que corresponderia a enunciados que apresentassem como sujeitos da oração animais, como por exemplo, “cães”.

Diante dos resultados expostos na Tabela 17, poderíamos registrar que as perífrases tendem a ser empregadas na frase com sujeito com traço [- humano]. Contudo, ao consideramos o fator sujeito abstrato como [+ humano] e unindo-o às amostras que equivalem ao fator sujeito animado [+ humano], veremos que, mesmo diante de baixas ocorrências, nosso resultado se assemelha aos resultados das pesquisas supracitadas, ou seja, as perífrases implementam língua com traços [+ humano].

A realização das perífrases com sujeito abstrato pode estar associada ao gênero do texto escolhido para análise (esporte), visto que esse tipo textual, por vezes, emprega termos que fazem referência ao substantivo coletivo (sujeito abstrato), como, time, jogadores.

5.4.1.5 Forma do verbal (*tense*) do verbo *ir*

Com propósito de confirmar nossa hipótese de que a estrutura *ir* no futuro + infinitivo é somente registrada na modalidade escrita, recorreremos, mais uma vez, aos resultados da Tabela 15. Evidenciamos que a forma *ir* no futuro do presente corresponde a 15,7% das ocorrências, enquanto a estrutura *ir* no futuro do pretérito representa 1,95% dos dados. A seguir descrevemos as formas verbais do *ir* para constituir a perífrase de futuro.

As formas verbais (*Tense*) do *ir*:

- i. Futuro do pretérito + infinitivo

- ii. Futuro do presente + infinitivo
- iii. Presente do indicativo + infinitivo
 - i. (38) Segundo o regulamento da Federação, o clube que **iria** sediar seus jogos em um estádio sem todos os laudos aprovados, terá que mudar seu mando de campo para estádios alternativos, indicados sempre pela FBF, o mais próximo possível das suas cidades, e que os seus laudos atendam aos pré-requisitos exigidos pela Lei 10.671/03, do Estatuto de Defesa do Torcedor. (resenhageral.com.br)
 - ii. (46) O evento do qual **irá** participar esta noite é considerado o maior de artes marciais mistas da América Latina. (blogdorodrigo.com.br)
 - iii. (47) A Seleção **vai** enfrentar, em casa, Venezuela e Peru. (blogdorodrigo.com.br)

As estruturas destacadas nos enunciados (46) e (47) poderiam ser substituídas respectivamente por *participará,enfrentará* ou *vai participar, irá enfrentar*,sem alterar o sentido que se pretende estabelecer. Em (51), a forma **irá sediar** também poderia facilmente ser substituída por *vai sediar*ou *sediará*.

(51) Em virtude da reforma e troca do gramado do estádio Lomanto Júnior, o ‘bode’ **irá sediar** as suas partidas no Edvaldo.(*blogdorodrigoferraz*)

Nesse contexto, é possível que o jornalista tenha optado, por exemplo, pela construção **irá sediar** para enfatizar seu grau de certeza em relação à partida de futebol que ocorrerá no estádio de futebol Edvaldo e, ainda assim, manter a formalidade que um texto escrito requer.

À vista do exposto, concluímos que as variantes para o futuro do presente possuem o mesmo valor semântico: representar uma futuridade em relação ao momento presente e que, embora existam formas diversas de futuro no mesmo gênero textual, é a formalidade que condiciona o uso do *ir* no futuro + infinitivo, uma vez que ele só aparece na escrita. A título de exemplo, constatamos que os enunciados (37) e (42), por exemplo, pertencem a uma mesma notícia e que o autor utiliza, no mesmo texto, com estruturas bastante semelhantes, as duas formas variantes para expressar a futuridade, *vai apitar* e *irá apitar*, além de realizar o emprego o futuro sintético em outros verbos.

Em resumo...

Comparando os resultados dos dados da modalidade oral e da modalidade escrita (*blogs*), podemos obter as seguintes conclusões, por grupo de fatores selecionados.

- **Paradigma verbal:** Em ambos os registros (modalidade oral e escrita), a perífrase é mais produzida com verbos que seguem um padrão – os regulares.

Entretanto, a concorrência entre forma simples e forma analítica é mais acentuada na modalidade oral.

- **Pessoa verbal:** Nas amostras da escrita (*blogs*), foi a terceira pessoa do singular que favoreceu o uso das perífrases. Já, na modalidade oral, a primeira pessoa do singular prevaleceu nas amostras constituídas pela perífrase. Essa discordância pode ter ocorrido em virtude do gênero textual.
- **Marca de futuridade:** Assim como os advérbios e as locuções adverbiais não condicionam o uso das perífrases nos textos orais, eles também não favorecem a realização da estrutura analítica nos textos escritos.
- **Animacidade do sujeito:** há uma tendência padrão ao favorecimento do elemento animado [+ humano] tanto nos textos da modalidade falada, *Corpus PPVC* e *Corpus PCVC*, como nos textos da modalidade escrita *blogs*.
- **As formas verbais do *ir* nas variantes do futuro do presente:** Na modalidade escrita, foram encontradas duas variantes formadas pelo verbo *ir* no futuro. Na oralidade, não há essas estruturas. Concluimos, com isso, que há uma tendência de utilizar o *ir* no futuro + infinitivo nos textos escritos.

Finalmente, considerando os resultados obtidos da modalidade oral e da modalidade escrita, podemos afirmar que, nos *corpora* analisados, a oralidade tende a selecionar o futuro do presente perifrástico, enquanto a escrita seleciona a forma sintética do futuro. Entretanto, apesar desse resultado, podemos afirmar que há implementação da perífrase *ir* no presente + infinitivo em ambas as modalidades e que essa estrutura está mais avançada na fala, uma vez que escrita tende a ser mais controlada.

Na seção seguinte, apresentamos uma análise descritiva das perífrases extraídas dos jornais do século XX, distribuídos pelas décadas de 50 a 90. O objetivo é identificar o uso da variante inovadora nesses textos.

5.5 Análise dos jornais do século XX – dos anos 50 aos anos 90

A mudança pela qual a língua passa no decorrer do tempo fica, muitas vezes, marcada na escrita. Sabendo disso, recorreremos a jornais do século XX, com objetivo de verificar a distribuição das variantes com o verbo *ir* nas décadas de 50 a 90. Hipotetizamos que se tratasse de um processo de mudança no qual o futuro simples seria gradualmente substituído pela perifrástica com o *ir*, contudo, nossa hipótese não foi confirmada nos resultados. De modo geral, as ocorrências do tempo verbal futuro (sintético e analítico) extraídas dos textos

foram relativamente baixas. Esse índice pode estar relacionado ao contexto histórico dos jornais de Vitória da Conquista. Como já apresentamos, anteriormente, os embates entre grupos de poder eram refletidos na comunicação jornalística do município durante todas essas décadas. Por isso, em muitos textos, a expressão do futuro é quase ausente, uma vez que o suporte era utilizado, entre outras notícias, para relatar fatos já acontecidos – o que requer tempo verbal no pretérito – ou como meio de defesa de algum caso considerado injurioso. Assim, os tempos verbais mais comuns nessas amostras em análise foram pretérito.

Outra justificativa para a quantidade de dados está associada ao tempo verbal característico do jornalismo. *O Manual de Redação e Estilo*, de Dad Squarisi (2013), por exemplo, apresenta a troca de verbos no futuro por verbos no presente como um recurso habitual nesse tipo de gênero. Evidenciamos essa correspondência no trecho (52).

(52) Coleta de lixo alternada **começa** semana que vem (*Tribuna do Café – 1996/ Texto 01*)

Nesse exemplo, a futuridade do enunciado é expressa em virtude da presença da oração adverbial. O verbo *começa* na forma de presente do indicativo não exprime posterioridade.

Além dessas considerações, podemos afirmar que as normas linguísticas desse tipo de gênero não visam a uma escrita inovadora, criativa, preocupa-se em seguir um padrão. Segundo Tavares (1997), o texto jornalístico é um produto industrial sujeito à uniformidade e à avaliação de qualidade. Elaborado de forma rígida, segue determinados padrões e normas, que dão origem a sua gramática peculiar. O objetivo desse controle é tornar a leitura do texto facilitada e simplificada. Sendo assim, acreditamos que, embora o estilo empregado seja padronizado, as características presentes nos jornais dependem da modalidade textual.

Semelhante ao que constatamos nesta análise, o artigo de Tavares *O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem* também apresenta em seu resultado um número reduzido de ocorrências do tempo verbal futuro nas notícias analisadas – apenas 05%.

Durante a análise deparamo-nos com 6 variantes para o futuro: (Cf. 52) Presente; (Cf. 53) Futuro do presente; (Cf. 54) *Ir* no presente + infinitivo; (Cf. 55) *Ir* no futuro do pretérito + infinitivo, (Cf. 56) *Ir* no futuro do presente e (Cf. 57) Futuro do pretérito.

(53) A coisa não **será** tão fácil assim como se cuida. (*O Combate -1957/ Texto 01*)

(54) Certo é que a Prefeitura ali **vai construir** um estacionamento subterrâneo, cujas características técnicas ainda são desconhecias [...] (*Tribuna do Café - 1984/ Texto 07*)

(55) Porém o mais gritante é o motivo porque a árvore foi sacrificada. Segundo consta, o proprietário de um Posto que está sendo construído no local achou que a árvore **irriaprejudicar** o negócio. (*Jornal da Conquista – 1970/Texto 06*)

(56) Durante a semana serão distribuídos panfletos explicativos à população falando de como será a coleta nos bairros que **irá abranger** também alguns distritos. (*Tribuna do Café – 1996/ Texto 09*)

(57) E não **poderia** trazer maior alegria a notícia oriundo de setores da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, dando conta de que o prédio do edifício Lyndoya, logo no início de março, será derrubado para não só desobstruir o centro da Praça Barão do Rio Branco mas, e, principalmente, permitir pela Prefeitura a construção de um estacionamento subterrâneo. (*Tribuna do Café – 1984/ Texto 07*)

Devido à quantidade insuficiente de ocorrências, achamos mais conveniente considerarmos os resultados como tendência. Observemos a Tabela 19.

Tabela 19 - Distribuição das variantes na língua escrita – da década de 1950 a 1990

	1957	1962	1970	1984	1996
Futuro do presente	4/7 57,1%	5/9 55,5%	5/7 71,4%	4/8 50%	6/11 54,5%
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	3/7 42,9%	4/9 44,5%	1/7 14,3%	3/8 37,5%	3/11 27,3%
<i>Ir</i> no futuro do presente + infinitivo	-	-	-	-	1/11 9,1%
Futuro do pretérito	-	-	-	1/8 12,5%	-
<i>Ir</i> no futuro do pretérito + infinitivo	-	-	1/7 14,3%	-	-
Presente	-	-	-	-	1/11 9,1%

Das décadas de 1957 a 1996, selecionamos 42 amostras de formas verbais que expressam futuridade. No decorrer desse período, verificamos que a forma sintética prevaleceu na escrita. Não ocorreu, como esperávamos, uma diminuição gradativa do emprego do futuro sintético e um aumento da forma analítica.

Nos textos de *O Combate* (1957) e de *O Sertanejo* (1962) foram registradas duas formas para expressar o futuro: radicais acompanhados pelos afixos -rá ou -ré e *ir* no presente + infinitivo. As ocorrências dessas duas estruturas estão quase nas mesmas proporções: no

jornal de 1957, foram encontradas 4 (57,1%) ocorrências do futuro do presente e 3 (42,9%) do futuro do presente analítico. Esses dados podem indicar uma variação estável. O mesmo ocorre com os resultados das amostras dos jornais de 1962: foram 5 (55,5%) amostras de formas sintéticas de futuro e 4 (44,5%) amostras da perífrase.

No *Jornal de Conquista* (1970), encontramos um dado novo, transcrito no enunciado (54): *ir* no futuro do pretérito + infinitivo, não empregado nos jornais anteriores. Nos textos selecionados desse periódico, a variante sintética é a mais usada (71,4%) e as perífrases possuem índices muito baixos.

O *Tribunado Café* de 1984 e de 1996 apresentam resultados similares a de *O Combate* de 1957 e *O Sertanejo* 1962, ou seja, pode haver uma estabilidade entre as variantes. Sobretudo, compreendendo que fazem parte de um mesmo gênero textual publicado em veículos semelhantes. Notamos ainda, no *Tribuna do Café* de 1996, a realização de *ir* no futuro do presente + infinitivo, mostrado em (56), e da forma presente exprimindo o futuro (51).

Examinamos a seguir as variáveis linguísticas que poderiam condicionar o uso das perífrases na modalidade jornalística. As variáveis controladas nessa análise são: paradigma verbal; pessoa verbal; marca de futuridade fora do verbo; animacidade do sujeito e forma (*tense*) verbal do *ir*. Assim como na análise dos *blogs*, não cabe aqui controlarmos variáveis sociais.

5.5.1 Variáveis Linguísticas em jornais do século XX

Para realização desta análise, reunimos as formas perifrásticas de todos os períodos (1957 a 1996), visto que as ocorrências são relativamente baixas. Nesta subseção, nosso intuito é verificar o favorecimento dessas variáveis na estrutura analítica de futuro, na modalidade escrita jornalística. Para tanto, em algumas variáveis, realizamos uma comparação com a forma simples de futuro.

5.5.1.1 Paradigma verbal

A hipótese de que os verbos regulares favorecem a realização da estrutura perifrástica também pode ser confirmada na modalidade escrita jornalística. Do total de 16 amostras de perífrases para expressar o futuro, computadas, ao longo do período 1957 a 1996, 10 (62,5%) correspondem ao uso do verbo regular. Nesta análise, as perífrases com verbo irregular *ser*,

encontradas nos jornais *O sertanejo* (1962), *O Combate* (1957) e *Tribunado Café* (1996) se tornaram um dado interessante, visto que no século XX, nos *corpora* orais de Vitória da Conquista encontramos poucas ocorrências e nos *blogs* somente foi empregado a forma sintética de *ser* (*será*). Vejamos os enunciados (58); (59); (60) e (61).

(58) No plenário é que a luta **vai ser** renhida. (*O Combate – 1957/ Texto 02*)

(59) [...] a fiscalização **vai ser** intensificada e a campanha vai perdurar por muito tempo, não tendo prazo determinado de duração. (*O Sertanejo – 1962/ Texto 04*)

(60) Feiras livres de Conquista **vão ser** lavadas semanalmente. (*Tribuna do Café – 1996/ Texto 02*)

(61) Este trabalho de lavagem das feiras **vai ser** feito periodicamente todas as semanas. (*Tribuna do Café – 1996/Texto 02*)

Esse dado nos chamou atenção por reconhecermos que grande parte dos verbos monossilábicos da língua portuguesa são irregulares, o que acarretaria, segundo nossa hipótese, no uso da forma sintética: *será*. Oliveira (2006) reforça nossa observação ao afirmar que o futuro sintético é empregado, na maioria dos casos, com verbos monossilábicos, por um princípio de extensão vocabular.

Essas características do verbo *ser* (irregularidade e estrutura monossilábica) nos permite pensar que esse verbonão poderia ser empregado em forma de estrutura analítica. Mas, diante desse fato, concluímos que essa evidencia nos aponta para difusão das perífrases nos verbos irregulares.

5.5.1.2 Pessoa verbal

Já observamos, na subseção 5.4, que, quando nos deparamos com o gênero jornalístico, nossa hipótese inicial de que as primeiras pessoas favoreceriam o uso da perífrase não pode ser confirmada nessa modalidade. Sendo assim, pretendemos confirmar o uso do verbo *ir* em concordância com as terceiras pessoas (plural e singular) na formação da perífrase, dado que uma das características do jornalismo é a impessoalidade do sujeito. Além disso, a não menção do autor permite a neutralidade e objetividade que requer um texto jornalístico.

Nos trechos (62); (58); (63); (64); (65) apresentamos as variantes:

Futuro do Presente: P4 (Primeira pessoa do plural)

(62) Mas **vamos ver** o que vai surdir dêsse bafafá. (*O Combate – 1957/Texto 01*)

Futuro do Presente: P3 (Terceira pessoa do singular)

(58)No plenário é que a luta **vai ser** renhida. (*O Combate -1957/ Texto 02*)

(63) Mas Lacerda **será** castigado. E êle bem que está precisando de um corretivo. (*O Combate -1957/ Texto 02*)

Futuro do Presente: P6 (Terceira pessoa do plural)

(64) Com implantação do novo sistema **serão** utilizados apenas 13 carros sendo que 07 **ficarão** de reserva para casos de substituição. (*Tribuna do Café – 1996*)

(60) Feiras livres de Conquista **vão ser** lavadas semanalmente (*Tribuna do Café – 1996/Texto 02*)

Apesar de não encontrarmos outras variantes para P4, sabemos que estrutura **vamos ver** poderia facilmente ser substituída por *veremos, iremos ver*. A presença de P4 no *corpus* está relacionada ao contexto histórico de *O Combate* (1957). Como já mencionamos, no jornal local, por vezes, são abordadas opiniões pessoais, não mantendo em muitos momentos uma neutralidade. O trecho (62), por exemplo, se refere ao processo articulado contra o deputado Carlos Lacerda. Nessa notícia, o emissor revela sua visão pessoal. Visualizemos a seguir:

O caso Carlos Lacerda
 Acreditamos que a maioria parlamentar escolheu o melhor caminho
 Mas vamos ver o que vai surdir dêsse bafafá
 A coisa não será tão fácil assim como se cuida
 O Lacerdinha é duro na queda...
 (O Combate, Vitória da Conquista, 5 de maio de 1957)

Nessa análise, constatamos apenas uma ocorrência de segunda pessoa do plural, no jornal *O Combate* (1957). Nos demais textos, há apenas o emprego da terceira pessoa do plural e singular. Assim, os dados revelam que a pessoa verbal não favorece o uso das perífrases no gênero jornalístico, visto que a imprensa prima pela impessoalidade.

5.5.1.3 Marca de futuridade fora do verbo

Sabemos que, em uma matéria jornalística, há a procura por responder às perguntas²⁰ o que, quem, onde, como, quando e por que, do conhecido meio jornalístico. Essas perguntas remetem diretamente ao uso de advérbios ou locuções adverbiais. Assim sendo, já é provável o registro desses circunstancializadores nos textos. Diante disso, perguntamo-nos se o advérbio de tempo favorece ou não a realização das perífrases. Nossa hipótese é que a estrutura analítica não é condicionada pelo uso desses advérbios.

No exame dos textos, observamos que das 16 ocorrências de perífrases para o futuro, apenas 3 apresentam advérbio e locução adverbial de tempo. No enunciado (58), vemos a locução adverbial *por muito tempo*; em (60) notamos o uso de *semanalmente* e em (61) o emprego do advérbio *periodicamente*.

Entendemos que todos esses advérbios encontrados denotam, no contexto, um sentido de futuro. *Por muito tempo*, *semanalmente* e *periodicamente* tratam de acontecimentos que se repetirão regularmente.

Quanto à necessidade deles na oração, podemos afirmar que *por muito tempo* e *periodicamente* têm como função somente enfatizarem a noção de futuridade. O termo *perdurar*, presente no enunciado (59), por exemplo, já significa ter uma longa duração e assim o reforço é apenas um desejo do autor do texto. O advérbio *semanalmente* é importante no enunciado, pois se refere a um dado novo, que ajuda na transmissão da informação. No contexto em que foi utilizado, serve para anunciar quando serão lavadas as feiras.

Não esperávamos ocorrências tão baixas nesse tipo de texto, mas esse fato enfatiza a hipótese da não necessidade de advérbios e locuções adverbiais de tempo para formação da perífrase para o futuro.

5.5.1.4 Animacidade do sujeito

Objetivamos constatar se a caracterização semântica do sujeito influencia na formação do futuro perifrástico. A princípio nossa hipótese é de que o traço [+ humano] condiciona a escolha pelo emprego da forma analítica de futuro com o verbo *ir*. Trabalhos que vimos até agora, como os de Oliveira (2006) e Fonseca (2010), revelam que o sujeito [+ humano] favorece o uso da perífrase.

²⁰A abertura do texto jornalístico, geralmente o primeiro parágrafo da notícia, apresenta resposta a essas perguntas, conhecidas como *lead*. Ela fornece ao leitor informações básicas sobre o conteúdo.

Em nossa análise nenhum sujeito animado não humano foi registrado. A seguir apresentamos alguns fragmentos extraídos dos jornais, classificando a animacidade do sujeito.

Sujeito animado humano

(67) Êsse proceder dos proprietários de cães, além de ser muito prejudicial a eles próprios não vai surtir nenhum efeito. **Êles mesmos vão continuar** correndo risco de virem a ser ofendidos por cão afetado e ainda poderão perder um animal de estimação (*O Sertanejo* – 1962/Texto 04)

Sujeito inanimado

(68) Lindóya **vai desaparecer** da Praça Barão do Rio Branco (*Tribuna do Café* -1984/ Texto 07)

Sujeito abstrato

(69) Consquistense **vai festejar** Cosme e Damião (*Tribuna do Café* - 1984/Texto 08)

Conforme nos mostra a Tabela 20, nossa hipótese não foi confirmada. Das 16 formas perifrásticas com o *ir*, 12 (75%) dados foram acompanhados pelo sujeito inanimado. Esse resultado pode estar associado ao gênero textual jornalístico, que procura não se referir a uma pessoa em particular. Resultados que muito se afastam dos obtidos nas entrevistas, nos quais 81,5% (do Corpus PPVC) e 88,1% (do Corpus PCVC) sinalizam sujeito animado [+ humano]. Dessa forma, concluímos que a perífrase não é favorecida pelo traço [+ humano], nos jornais, e a animacidade do sujeito, assim como a pessoal verbal, tem relação com a modalidade textual.

Tabela 20 - Animacidade do sujeito em jornais do século XX

Fator	Futuro Simples	Futuro perifrástico
Animado humano	3/25 12%	3/15 18,7%
Animado não humano	-	-
Inanimado	20/25 80%	12/15 75%
Abstrato	2/25 8%	1/15 6,3%

5.5.1.5 Forma verbal (*tense*) do *ir*

Nossa tentativa de controlar essa variável linguística se dá em virtude de aventarmos que a perífrase formada pelo *ir* no futuro é própria da modalidade escrita. Encontramos o verbo *ir* nas formas: presente do indicativo; futuro do presente e futuro do pretérito.

Como já mencionamos, em *O Combate* (1957) e *O Sertanejo* (1962) não há presença da perífrase com o verbo *ir* no futuro, essa variante foi encontrada em o *Jornal de Conquista* (1970) e *Tribuna do Café* (1996), apenas uma ocorrência cada: *ir* no futuro do pretérito e *ir* no futuro do presente respectivamente. No enunciado (54), a estrutura composta pelo verbo *ir* no futuro do pretérito poderia ser substituída por *prejudicaria e*, no trecho (54), a forma com o *ir* no futuro do presente poderia ser trocada por *vai abranger* ou *abrangerá* sem alterar o sentido de futuridade

Como encontramos essas ocorrências somente nos *corpora* escritos, podemos reafirmar que essas estruturas são típicas dos textos que requerem maior formalidade. Na seção seguinte, realizamos uma comparação entre os resultados dos dados do *blogs* e dos jornais.

5.6 Comparando as perífrases: *blogs* jornais

Como vimos anteriormente, os *blogs* e os jornais registraram as mesmas variantes perifrásticas, formadas pelo verbo *ir*, para expressar futuridade. Contudo o número de ocorrências é diferente, conforme nos mostra a Tabela 21.

Tabela 21 - Blogs do século XXI vs Jornais do século XX

Fator	Blogs do século XXI	Jornais do século XX
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	6/15 40%	13/15 86,6%
<i>Ir</i> no futuro do presente + infinitivo	8/15 53,3%	1/15 6,7%
<i>Ir</i> no futuro do pretérito + infinitivo	1/15 6,7%	1/15 6,7%

Por possuir uma linguagem mais próxima da oralidade, hipotetizamos que, nos *blogs*, fosse mais empregada a estrutura *ir* no presente + infinitivo. Contudo verificamos que, apesar de possuir poucas ocorrências, essa forma possui índices mais altos nos jornais do século XX (86,6%). Esse resultado revela-nos que a forma perifrástica do verbo *ir* no presente + infinitivo não pode ser considerada inovadora, porquanto seu uso era mais recorrente na escrita do período anterior ao século XXI.

Quanto à estrutura *ir* no futuro do presente + infinitivo, nossa hipótese era de que os jornais registrassem uma maior ocorrência dessa forma. No entanto, notamos que os *blogs* as empregam mais (53,3%). Por isso, podemos considerar, entre as formas perifrásticas estudadas, a perífrase *ir* no futuro do presente + infinitivo inovadora na língua. Ao lado desse resultado, temos o *ir* no futuro do pretérito com ocorrência muito baixas (6,7%) em ambas as modalidades.

Em nossos dados, constatamos que nos textos escritos, a forma sintética prevalece. Na Tabela 14, verificamos que do total das ocorrências encontradas nos *blogs*, 35 (68,6%) correspondem à forma de futuro do presente sintética. Os jornais, conforme a Tabela 18, a estrutura sintética do futuro do presente prevalece sobre as perífrases, em todas as décadas, com porcentagens acima de 50%. Na distribuição dos períodos, a soma total entre eles equivale a 61% de estrutura sintética.

Diferente do resultado que chegamos aqui, Oliveira (2006), com a análise do futuro em jornais da década de 1950 e 1970, de Salvador e Rio de Janeiro, aponta para um aumento considerável das formas de futuro perifrástico e uma diminuição das formas simples. Mas apesar das discordâncias entre o resultado quantitativo dos dados, chegamos a um mesmo desfecho: a existência da perífrase em textos escritos desde o século XX. O que nos mostra que a perífrase com o *ir* já alcançou a linguagem considerada mais formal.

Após essas observações, podemos concluir que os textos escritos atuais (*blogs*) buscam seguir a norma padrão prescrita pela tradição gramatical. Mesmo que não façam de forma categórica como o emprego de, em algum momento, uma expressão como *vai apitar*;

mas, na maior parte das vezes, tentam recorrer à formalidade, com uso do *irá apitar*, conforme vimos nos exemplos (37) e (42). Nos jornais, constatamos que a perífrase para o futuro, formada pelo *ir* no presente, conserva-se desde muito tempo, e por isso pode estar ocorrendo um desgaste dessa estrutura na língua escrita, o que permite assim espaço para uma “nova” estrutura: *ir* no futuro do presente. Segundo Cezário et al (2013), o uso repetido de palavras processadas como únicas – em nosso estudo seria o *ir* no presente + infinitivo – leva à criação de novas construções (que pode ser o caso do *ir* no futuro + infinitivo).

Para não tornarmos redundantes, optamos por não realizarmos aqui uma nova comparação entre os resultados das modalidades oral e escrita, visto que, além de ter sido apresentada no fim da análise dos *blogs*, as observações comparativas já estabelecidas abrangem o gênero jornalístico, independente do suporte.

6 CONCLUSÃO

Um dos objetivos estabelecidos por nós nesta dissertação consistiu em investigar as variantes perifrásticas do futuro, constituídas pelo verbo *ir*, do Português Brasileiro de Vitória da Conquista. Foram documentadas, nos *corpora* PCVC e PPVC e nos jornais do século XX e *blogs* atuais, oito variantes da expressão de futuro, a saber: i) futuro do presente; ii) futuro do pretérito; iii) perífrase com *ir* no presente, iv) perífrase com *ir* no futuro do presente; v) perífrase com *ir* no futuro do pretérito, vi) perífrase com *ir* no pretérito imperfeito e vii) presente e vii) pretérito imperfeito. No entanto, focalizamos, como mencionamos na Introdução, apenas as ocorrências perifrástica com o verbo *ir*.

Com o propósito de investigar a formação desse tempo verbal, iniciamos nosso estudo no Latim. Dessa maneira, observamos a retratação do futuro e a forma sintética a que se chegou e constatamos que o processo que aconteceu no Latim (analítica > sintética) está sendo invertido no português atual (sintética > analítica). Nessa apuração, descobrimos que o futuro tem sua origem no valor modal.

Logo em seguida, evidenciamos que o que está prescrito na Tradição Gramatical não corresponde à realidade Linguística atual. Inclusive, apesar de não registrar como norma, os próprios autores desses compêndios já utilizam, em seus textos e em exemplos, a forma perifrástica do futuro. Nesse sentido, pudemos observar que o futuro perifrástico, principalmente o formado com *ir* no presente+ verbo no infinitivo, implementou-se na fala e, também, na escrita.

Ao tratarmos de mudança linguística na perspectiva funcionalista, confirmamos nossa hipótese de que o *ir* vem passando por um processo de gramaticalização, na medida em que passa de verbo pleno (com sentido de deslocamento) a verbo auxiliar (que indica tempo). Nesse processo, acompanhamos a trajetória unidirecional proposta por Heine (espaço > tempo). Assim, nesse percurso, o *ir* (item lexical), em seu sentido pleno de deslocamento, tornou-se auxiliar. Contudo, ao nos depararmos com a inversão do futuro (analítica > sintética) vs (sintética > analítica), notamos que o percurso de gramaticalização do *ir* pode também ser multidirecional. Dessa forma, diante da proposta de que o futuro condicional se formou a partir da aglutinação do verbo *ir* (*amaría*), podemos afirmar que o que era afixo (ia) se tornou auxiliar (ia amar).

Em nossa análise, verificamos, nos *corpora* PPVC e PCVC, que as formas perifrásticas de futuro têm uma preferência por verbos regulares, pela primeira pessoa do singular, pelo sujeito animado [+ humano]. Mas ainda não podemos dizer que essas

predileções não são motivação para o uso da perífrase; por isso falamos em tendências de uso. Quanto à marca de futuridade fora do verbo (advérbio de tempo), verificamos que eles não favorecem as perífrases. Vimos também que o gênero textual determina o uso de determinada variável, como a forma *ir* no futuro + infinitivo (*Ele irá comprar um carro amanhã*), encontrada apenas nos textos escritos jornalísticos.

Concernente às variáveis extralinguísticas, na análise da variável de futuro em relação ao sexo, foi evidenciado que as mulheres tendem a empregar mais a variável constituída pelo verbo *ir*, o que nos levar a inferir, refletindo sobre a tendência das mulheres a optarem por formas de prestígio, que se a perífrase não configura-se como a forma canônica de registro do futuro, não há, na execução dela, nenhum estigma.

Em nossos dados, foi constatada, por meio da análise da variante faixa etária, uma variação estável, uma vez que os informantes da faixa intermediária apresentam maior índice de uso do *ir* no presente + infinitivo. Confirmamos, ainda, que essa estrutura não sofre estigma em nenhuma camada, dado que a produtividade das ocorrências distribuídas entre as faixas etárias são bastante similares.

Quanto à variante linguística escolaridade, em nosso estudo, foi revelado que, em comparação à estrutura sintética de futuro do presente, os informantes que possuem acima de 11 anos de escolarização e os informantes que não tiveram acesso a nenhuma escolaridade ou possuem escolarização até 5 anos apresentam preferência pelo futuro do presente perifrástico (*ir* no presente + infinito). Porém, ao analisarmos o futuro do pretérito analítico, averiguamos que os informantes dos *corpora* analisados apresentam uma preferência pela estrutura sintética do futuro do pretérito.

O resultado dos *corpora* escrito (jornais do século XX e *blogs*) e dos *corpora* orais são, em grande parte, opostos. Evidenciamos, nos textos escritos, uma coocorrência entre as estruturas sintética e analítica de futuro do presente; mas, ainda assim, têm-se uma tendência de uso da estrutura sintética do futuro do presente. Nesse contexto, encontramos registros da estrutura *ir* no futuro do presente + infinitivo tanto nos jornais quanto nos *blogs*, dado não empregado nos *corpora* orais. Em relação a essa variante, observamos que ela é mais registrada, nos *blogs*, do que a forma *ir* no presente + infinitivo.

Analisando, na modalidade escrita, o critério de frequência em relação às variantes para o futuro do pretérito, tanto na forma analítica quanto na sintética, verificamos que são mais marcadas, comparadas com outras variáveis.

Durante a análise das variáveis linguísticas, nos resultados dos jornais e dos *blogs*, ficou evidenciada que a perífrase, primeiramente, implementa-se nos verbos regulares. Nesse

gênero textual jornalístico, a terceira pessoa do singular favoreceu essa estrutura analítica, mas, apesar do gênero, que requer *lead*, os advérbios e as locuções adverbiais de tempo não favoreceram a realização das estruturas analíticas.

Quanto à animacidade do sujeito, constatamos que, enquanto as amostras dos textos orais tendem a ser acompanhadas pelo sujeito animado [+ humano], os dados dos jornais revelam um traço [- humano] acompanhando as perífrases. Por outro lado, as estruturas analíticas encontradas nos *blogs* são seguidas do sujeito abstrato.

No que diz respeito à forma verbal (*tense*) do *ir*, averiguamos que as estruturas compostas pelo verbo *ir* na forma de futuro + infinitivo são próprias da modalidade escrita.

Nessa descrição das variáveis nos *corpora*, identificamos que os textos orais e os textos escritos não possuem as mesmas variáveis para expressar futuridade, observamos ainda que as motivações para as ocorrências nem sempre são as mesmas, o que revela que há fenômenos linguísticos que não devem ser controlados apenas pela constatação de ocorrências em uma entrevista. Vimos, por exemplo, que o gênero textual influencia na escolha das perífrases e que os fatores linguísticos apresentam resultados diversificados a partir do gênero textual. Sendo assim, os resultados aqui encontrados são apenas tendências de uso.

Frente a essas considerações, podemos, em linhas gerais, afirmar que os fatores linguísticos, do ponto de vista da Sociolinguística, sinalizam uma variação estável, e os fatores linguísticos apontam para tendências de uso. Do ponto de vista do Funcionalismo, encontramos respaldo para a gramaticalização do verbo *ir*.

Ademais, ressaltamos que este trabalho não pode ser considerado conclusivo, visto que se faz necessário, por meio de extensão de pesquisa, abordar outras questões, como, entre outras, a modalidade na expressão do futuro e os aspectos semântico-discursivos (como outros tipos de texto). Contudo, apesar do recorte realizado, temos consciência de que colaboramos, aqui, para o desvelamento do vernáculo conquistense e esperamos contribuir para o estudo desse fenômeno em pesquisas que venham a ser realizadas.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, Joan et al. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- _____. Mechanisms of change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackell, 2003, p. 602-623.
- BYBEE, J.L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS R. Back to the future. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*, vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-58.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Uma forma verbal portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.
- _____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora LTDA, 1979.
- CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática Histórica*. São Paulo: Editora Ática, 1961.
- CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Cadernos de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, n. 19, p. 25-60, 1997.
- _____. Aspecto Verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C.S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p.83-121.
- _____. Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL, São Paulo*, v. 1, n.1, p35-48, 2004.
- _____. Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2012. CASTILHO, Ataliba T. de (1997a). A gramaticalização. *Estudos linguísticos e literários* 19: 25-63, 1997.
- _____. Entrevista. *Revista ProLíngua*. Paraíba: UFPA, v. 9, n.2, p. 87-100, 2014.
- CEZARIO, Maria Maura. PINTO, Deise C. de Moraes; ALONSO, Karen Sampaio. B; Trajetórias: Mário Martelotta e os Estudos em Gramaticalização. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria A. F. da (orgs). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Maud X, FAPERJ, 2013, p.41-58.
- CIPRO NETO, Pasquale, INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Editora ao livro técnico, 2004.

- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *Tempo e Temporalidade na língua*. 270f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Campinas, São Paulo, 1998.
- CUNHA, Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org), *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CUNHA, Cunha; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DOLORES, Garcia Carvalho; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática Histórica*. 15. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1998.
- FERREIRA, L. M. A.; CEZARIO, M. R.; MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. Uma abordagem pancrônica da sintaxe portuguesa. *Gragoatá*, Niterói, n.9, p. 135-154, 2000.
- REVISTA HISTÓRICA – 100 ANOS DE JORNALISMO EM VITÓRIA DA CONQUISTA. Vitória da Conquista, 2012.
- FONSECA, Ana Maria Hernandez da. *A perífrase verbal ir + infinitivo do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/ gramaticalização*. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto, 2010.
- GONÇALVES, Alcione. O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico. *Revista Eletrônica de Linguística*, v.6, n. 1, p. 392-416, 2012.
- GONÇALVES, Sebastião C. L. et al. Tratado Geral sobre Gramaticalização; In: GONÇALVES, Sebastião C. L.; HERNANDES-LIMA, Maria C.; CASSEB-GALVÃO, Vânia C. (Orgs). *Introdução à Gramaticalização*. Homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 15-66.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamin/Academic Press, 1979.
- ILARI, Rodolfo. *A Expressão do Tempo em Português*. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.
- _____. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O verbo. In: CASTILHO, Ataliba T. de; NEVES (Coord.), Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, V. 7, 2008, p. 163 - 341.
- HEINE, B. et al. From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages. In: TROUGOTT, E; HEINE. B. (Orgs.) *Approaches to Grammaticalization*, v.1, Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1991 (1991a), p. 149-187.

_____. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. (1991b) HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs and HEINE, Bernd (Orgs). *Approches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOPPER, P; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R. *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 1997.

HORA, Dermeval da. Teoria da variação: uma retrospectiva. In: _____. (Org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____. *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004.

_____. (Org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1984

LIMA, José Pinto de. Sobre a gênese e a evolução do futuro com “ir” em português. In:

SILVA, Augusto Soares da (Org.). *Linguagem e cognição*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 2001.

LIMA, Andréia Prado. *Agora: o funcionamento de um item lingüístico*. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

LONGO, Beatriz de O.; CAMPOS, Odette de S. A auxiliaridade: perífrase de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. V. 8.

KOCH, Ingedore G. Villança. A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, 1986, p. 227-236.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-55.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião J; CEZARIO, Maria M. O paradigma da gramaticalização. In: _____. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Sampaio. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson de Rosa (Org). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MATEUS, M^a Helena M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. Introdução ao funcionalismo: Preposições, Escolas, Temas e Rumos. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, p. 13- 28, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, Ingdore Villança (Org). *Gramática do Português Falado*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. V. 6.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.
- NUNES, Rosane. *Evolução Cíclica do Futuro do Presente: do latim ao português*. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2003.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 252f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA, Marilza de. *Amare aveva or amre iva? A new look at the grammaticalization of Portuguese Conditional*. *Linguística*, 15-16. São Paulo: ALFAL- USP, 2003-2004, p. 175-184.
- OLIVEIRA, Fátima. Tempo e aspecto. In: MATEUS, Maria Helena Miraet al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 2003, p.130-131.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; Herzog, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis da fala: Um estudo Sociolinguístico do diálogo na Literatura Brasileira*. 9. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Ademar da. *A expressão da futuridade na língua falada*. 276f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1997

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal de primeira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. 323 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. Bahia, 2005.

SOUSA, Valéria Viana. *OS (DES)CAMINHOS DO VOCÊ: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome*. 171 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

SQUARISI, Dad. *Manual de Redação e Estilo para Mídias Convergentes*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

TARALLO, Fernando (Org.). *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, Maria Alice. O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. *Working papers em Linguística*, UFSC, n. 1. p.123-142, jul./dez. 1997

VOTRE, Sebastião. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Eduardo M; VOTRE, Sebastião J; CEZARIO, Maria M (Orgs). In: *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e Iconicidade. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations atheory of language change. In: LEHMANN, W.; Y. (Eds.). *Directions forhistorical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.